

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS -
PPGAV

CONFAEB e Suas Concepções em Processo de 2001 a 2010

ADRIANA CARLA DE AQUINO

JOÃO PESSOA
2012

CONFAEB e Suas Concepções em Processo de 2001 a 2010

ADRIANA CARLA DE AQUINO

CONFAEB e Suas Concepções em Processo de 2001 a 2010

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba em Associação com a Universidade Federal de Pernambuco, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRA EM ARTES VISUAIS, área de concentração: Ensino das Artes Visuais no Brasil.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Gomes Pedrosa

Co-Orientadora: Prof.^a Dr.^a Renata Wilner.

JOÃO PESSOA
2012

A657c *Aquino, Adriana Carla de.*
 CONFAEB e suas concepções em processo
 de 2001 a 2010. / Adriana Carla de Aquino. - João
 Pessoa, 2012.
 162f.: il.
 Orientador: Sebastião Gomes Pedrosa.
 Co-orientadora: Renata Wilner
 Dissertação (Mestrado) – UFPB/UFPE.
 1.Arte – Educação. 2.Arte – Educadores -
 Brasil. 3. CONFAEB – Congresso da Federação de
 Arte/Educadores do Brasil. 4.FAEB.

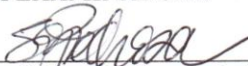
Adriana Carla de Aquino

CONFAEB:

concepções em processo (2001 a 2010)

Aprovada em 12/09/2012

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Sebastião Gomes Pedrosa - Orientador (UFPB)



Prof. Dr. Erinaldo Alves do Nascimento - Membro Titular Interno
(UFPE)



Prof.ª Dr.ª Maria das Vitórias Negreiros do Amaral – Membro Titular
Externo (UFPE)

Dedico este trabalho à Família Aquino que é composta por mulheres fortes: Lídia, Regina, Ana, Ângela, Andréa, Zina. E cheia de energia vinda de: Eduardo, Eduarda e Vinícius. É para vocês, que são a razão de eu estar finalizando este mestrado com a permissão de Deus.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me criado e ter me resgatado. Pelos caminhos que Ele traçou até hoje em minha vida e pela força que me deu para concluir esta dissertação.

À minha família, pelo apoio, cuidado, comunhão e parceria. Por ter se alegrado comigo nas horas felizes e chorado nas horas difíceis durante o curso. À minha querida sobrinha Aline Jéssica da Silva pelo apoio no uso do computador.

Aos meus orientadores Sebastião Gomes Pedrosa e Renata Wilner, pela paciência, orientação acadêmica e carinho. Vocês construíram o texto comigo.

À coordenadora do Mestrado de Artes Visuais, Prof.^a Livia Marques Carvalho, pela orientação, ensinamentos e apoio acadêmico.

Aos membros da Banca Examinadora: Prof. Erinaldo Nascimento e Prof.^a Vitória Amaral, pela disponibilidade em aceitar o convite, participando deste momento tão memorável para mim. À Prof.^a Vera Rocha, que participou da Banca Examinadora de Qualificação, oferecendo-me informações importantes para a escrita desta dissertação.

Aos professores do Mestrado de Artes Visuais UFPB/UFPE, que nos ensinou não apenas assuntos acadêmicos, eles são exemplos de vida e de respeito ao próximo.

Aos funcionários da Coordenação do Mestrado de Artes Visuais, que tanto nos auxiliou durante o curso.

À Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, pelo apoio profissional, dispensando-me para estudar nos dois anos de curso.

À Escola Alto dos Guararapes, nas pessoas de Claudenira Borges, Astrogilda Monteiro de Paula, Audenice Rios e Aladir Fernandes, pelo apoio e compreensão durante todo o mestrado.

Às minhas colegas de mestrado: Ana Cláudia Lopes Assunção, Flávia Pedrosa, Idália Lins e Marluce Vasconcelos, Teresinha Vilela que compartilharam comigo de vários ensinamentos nas disciplinas, construindo grandes amizades. E a Clícia Coelho pelo apoio e amizade.

A Mafaldo Júnior, também colega de curso, que compartilhou comigo e com as colegas momentos de ensino/aprendizagem inesquecíveis.

A Ana Lídia e a Dilma Catanha, Ivonete Araujo e Heri Pontes pelo apoio e companheirismo através de amizades sólidas.

À Prof.^a Ivone Mendes Richter, pela hospitalidade em sua casa em Porto Alegre, para a realização de entrevista sobre a FAEB e CONFAEBs. Pela orientação de “faebiana” mais experiente e apoio.

Ao Pr. Ovídio Pereira e à Teresa Pereira, pela ajuda nas horas difíceis. A Osni, Cristina, Fábio, Bruno e Osni Júnior, pela hospitalidade em João Pessoa e pela disponibilidade em sempre me ajudar.

Aos organizadores dos CONFAEBs realizados entre 2001 a 2010: Irene Tourinho, José Mauro Ribeiro, Adriana Valéria Pessoa, Maria Cristina Rosa, Fábio Rodrigues, Lúcia Pimentel e Leda Guimarães, pela gentileza em responder ao questionário e oferecer todas as informações necessárias para a realização desta pesquisa.

À ANARTE, nas pessoas de Everson Melquíades, Fernando Azevedo e Maisa Cristina Silva, pelo apoio e amizade em momentos decisivos.

Ao Presidente da FAEB, o Prof. Arão Paranaguá, que forneceu algumas cópias de documentos para auxiliar na pesquisa. À FAEB pela inspiração e pela oportunidade que oferece aos seus membros de reflexão teórica em arte/educação e pela luta política.

À Prof.^a Ana Mae Barbosa, pelas orientações e conselhos. À Ana Amália Barbosa, pelo exemplo de dedicação e superação.

À Dr.^a Socorro Branco, pelo apoio psicológico e compreensão, pela ajuda em momentos tão difíceis e pelo profissionalismo com humanização.

Ao Dr. Fábio Moura pelo cuidado e pelas descobertas que revolucionaram o tratamento da diabetes e pelo apoio do IBRADI nas pessoas de Márcia e Ladjane.

Ao grupo de senhoras da IEC Ibura: Lourdes Silva, Lourdes Lira, Maria Batista, Geni, Lindalva Gomes, Maria do Carmo (In Memoriam), Maria José da Silva, Giovanna Pereira, Dayse Nascimento, Rosana Gomes, pelo conforto nas horas difíceis e pelas orações.

Todas as pessoas envolvidas no Ministério do Acampamento de Inglês da MCB. Em especial, Maria Aparecida Gusmão, Luciana Lima e aos membros da Igreja em Needmore, Pensilvânia, EUA.

À Prof.^a Laurita Salles pela orientação ao Projeto apresentado na seleção do mestrado e pelo encorajamento, dizendo ser possível minha aprovação.

Ao Sr. Getúlio Vieira de Souza pelos serviços prestados com profissionalismo, amizade e respeito.

A Torquato (In memoriam) pelo companheirismo, amizade e entusiasmo durante as aulas de História do Ensino da Arte Brasileira com o Prof. Vicente Vitoriano.

A Acrimôri Júnior, que gentilmente fez a revisão desta dissertação.

A Marco Camarotti (In memoriam), professor de Teatro da UFPE, que foi a inspiração para construir uma carreira de professora de arte comprometida com as necessidades dos estudantes. Saudades do meu mestre.

“Faz forte ao cansado e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor. Os jovens se cansam e se fatigam, e os moços de exaustos caem, mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam”.
(Isaias 40:29-31).

RESUMO

Esta dissertação intitulada de “CONFAEB e Suas Concepções em Processo de 2001 a 2010” tem como objetivo analisar as concepções discutidas nos Congressos da Federação de Arte/Educadores do Brasil – CONFAEB – realizados no período de 2001 a 2010. O período de análise foi assim estabelecido pela ocorrência sistemática dos congressos e pela presença sistemática da pesquisadora aos congressos ocorridos durante essa década. São concepções em processo porque elas são discutidas em diferentes perspectivas e nos diversos congressos da Federação de Arte/Educadores do Brasil – FAEB. Os instrumentos de coleta de dados utilizados nesta dissertação foram a pesquisa documental (os anais de 2001 a 2010 e a programação oficial dos CONFAEBs), o questionário, a entrevista semiestruturada aos coordenadores dos CONFAEBs realizados entre 2001 e 2010. A *Análise de Discurso* (ORLANDI, 1999) possibilitou a compreensão das concepções da Arte na Educação e das concepções que norteiam os CONFAEBs de 2001 a 2010. Pelos instrumentos de coleta de dados e pela análise desse material, principalmente organizado em forma de quadros analíticos foi possível discernir as concepções implícitas no discurso enunciado nos CONFAEBs no período pesquisado. No entanto a análise das entrevistas semiestruturadas possibilitou perceber que há um distanciamento entre as concepções implícitas e explícitas nos documentos decorrentes dos CONFAEBs, podendo concluir sobre a necessidade de ampliar a pesquisa para aprofundar as temáticas tratadas nos congressos a fim de ampliar a compreensão do pensamento dos arte/educadores brasileiros vinculados à FAEB.

Palavras-Chave: CONFAEB. FAEB. Concepções. Arte na Educação.

ABSTRACT

This dissertation titled "CONFAEB and Its concepts in process from 2001 to 2010" aims to analyze the concepts discussed in the Congress of the Federation / Art Educators of Brazil - CONFAEB - in the period from 2001 to 2010. The period of analysis was thus established by the systematic occurrence of congress and the systematic presence of the researcher to congress occurred during this decade. Conceptions are in the process because they are discussed from different perspectives and in different conferences Federation / Art Educators of Brazil - FAEB. The data collection instruments were used in this thesis documentary research (the annals from 2001 to 2010 and the official program of CONFAEBs), the questionnaire, structured interview the coordinators of CONFAEBs conducted between 2001 and 2010. Discourse Analysis (ORLANDI, 1999) allowed us to understand the concepts of Art Education and the concepts that guide CONFAEBs 2001 to 2010. The instruments of data collection and the analysis of this material, organized mainly in the form of analytical tables were possible to discern the concepts implied in the speech utterance in CONFABs in the period surveyed. However the analysis of semi-structured interviews enabled realize that there is a gap between the concepts of implicit and explicit in the documents resulting from CONFAEBs and may conclude on the need to expand the research to deepen the themes addressed in Congress to broaden the understanding of the thinking of art / Brazilian educators tied to FAEB.

Keywords: CONFAEB. FAEB. Conceptions. Art in Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura. 1 – Regina Water. Instalação “Comigo Ninguém Pode”, 2010.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	– Apresentação dos Sujeitos da Pesquisa	60
Tabela 02	– Pontos Considerados para Organizar os CONFAEBs.....	63
Tabela 03	– Equipes dos CONFAEBs	66
Tabela 04	– Tema e Fio Condutor dos CONFAEBs.....	68
Tabela 05	– Relação Entre Tema Central, Comunicações e Relatos de Experiências nos CONFAEBs	72
Tabela 06	– Critério de Escolhas dos Palestrantes para os CONFAEBs .	73
Tabela 07	– Discussão do Tema Central nos CONFAEBs.....	75
Tabela 08	– Desdobramentos dos CONFAEBs	77
Tabela 09	– Pontos Positivos e Negativos na Organização dos CONFAEBs.....	81
Tabela 10	– Pontos Levantados pelos Organizadores dos CONFAEBs que não Foram Perguntados no Roteiro	83
Tabela 11	– CONFAEBs que Ocorreram nos Anos de 2001 a 2010	89
Tabela 12	– Conferências e Mesas Redondas do XXIII CONFAEB.....	91
Tabela 13	– Programação de Conferência, Mesas Redondas e Ação Integrada do XIV CONFAEB	96
Tabela 14	– Programação da Abertura, Paineis, Homenagens, Conferências e Mesas Temáticas	103
Tabela 15	– Abertura, Conferência, Mesas Temáticas, Homenagens e Apresentações Artísticas do XVI CONFAEB	119

Tabela 16 – Mesa de Abertura, Mesas Temáticas e Programação Cultural do XVII CONFAEB.....	123
Tabela 17 – Mesas Temáticas e Conferências do XVIII CONFAEB.....	130
Tabela 18 – Mesas Redondas, Palestras e Apresentações Artísticas do XIX CONFAEB.....	134
Tabela 19 – Mesas Temáticas, Painéis, Palestras e Programação Cultural do XX CONFAEB.....	137

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAEAP	–	Associação de Arte/Educadores do Amapá
AAEPA	–	Associação de Arte/Educadores do Pará
AAESC	–	Associação de Arte/Educadores de Santa Catarina
ABEM	–	Associação Brasileira de Educação Musical
ABNT	–	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ABRACE	–	Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas
AERJ	–	Associação de Arte/Educadores do Rio de Janeiro
AESP	–	Associação de Arte/Educadores do Estado de São Paulo
AGA	–	Associação Gaúcha de Arte/Educadores
AMAE	–	Associação Maranhense de Arte/Educadores
AMARTE	–	Associação Mineira de Arte/Educadores
ANARTE	–	Associação Nordestina de Arte/Educadores
ANARTE/PE	–	Associação Nordestina de Arte/Educadores, Núcleo Pernambuco
ANPAP	–	Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas
ANPED	–	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
ASAE-DF	–	Associação de Arte/Educadores do Distrito Federal
CCBB	–	Centro Cultural Banco do Brasil

CCBN	–	Centro Cultural do Banco do Nordeste
CEEARTES	–	Comissão de Especialistas de Ensino de Artes e Design
CLEA	–	Congresso Latino-Americano e Caribenho de Arte/Educação
CONFAEB	–	Congresso da Federação de Arte/Educadores do Brasil
DAC	–	Departamento Artístico Cultural
DBAE	–	Discipline Based Art Education
EC	–	Estudos Culturais
ECA	–	Escola de Comunicação e Artes
ECD	–	Expressão Corporal-Dança
ECDN	–	Expressão Corporal-Dança na Natureza
ELAE	–	Encontro Latino Americano de Arte/Educação
FADM	–	Faculdade de Artes Dulcina de Moraes-SP
FAEB	–	Federação de Arte/Educadores do Brasil
FASM	–	Faculdade Santa Marcelina-SP
FLAAC	–	Festival Latino-Americano de Arte e Cultura
FUNARTE	–	Fundação Nacional de Arte
FUNDAJ	–	Fundação Joaquim Nabuco
InSEA	–	International Society for Education through Art
LDBEN	–	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEA	–	Movimento Escolinha de Arte
MEC	–	Ministério da Educação

MINC	–	Ministério da Cultura
NACE	–	Núcleo de Apoio Social, Cultural e Educacional
NECCSO	–	Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade
OIE	–	Organização dos Estados Ibero-Americanos
ONG	–	Organização não Governamental
PCNs	–	Parâmetros Curriculares Nacionais
PUC	–	Pontifícia Universidade Católica
PUCRS	–	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
SEBRAE	–	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SECRJ	–	Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro
SEDUC-GO	–	Secretaria de Educação do Estado de Goiás
SESC	–	Serviço Social do Comércio
SESu	–	Secretaria de Educação Superior
TICs	–	Tecnologia de Informação e Comunicação
UDESC	–	Universidade do Estado de Santa Catarina
UEPB	–	Universidade Estadual da Paraíba
UEPG	–	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UFF	–	Universidade Federal Fluminense
UFG	–	Universidade Federal de Goiás
UFMA	–	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	–	Universidade Federal de Minas Gerais

UFOP	–	Universidade Federal de Ouro Preto-MG
UFP	–	Universidade Federal de Pelotas-RS
UFPA	–	Universidade Federal do Pará
UFPB	–	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	–	Universidade Federal de Pernambuco
UFRGS	–	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRPE	–	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UFSC	–	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM	–	Universidade Federal de Santa Maria
UFU	–	Universidade Federal de Uberlândia
ULBRA	–	Universidade Luterana do Brasil
UNAMA	–	Universidade da Amazônia
UNB	–	Universidade de Brasília
UNESP	–	Universidade Estadual de São Paulo
UNICAMP	–	Universidade Estadual de Campinas
UNIMEP	–	Universidade Metodista de Piracicaba
UNIRIO	–	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNISC	–	Universidade de Santa Cruz do Sul
URCA	–	Universidade Regional do Cariri
USP	–	Universidade de São Paulo
VSA	–	Very Special Arts

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1. CONCEPÇÕES DA ARTE NA EDUCAÇÃO	24
1.1. Os Nomes da Arte na Educação	24
1.1.1. ARTES E OFÍCIOS.....	25
1.1.2. ENSINO DO DESENHO	26
1.1.3. TRABALHOS MANUAIS (ARTES APLICADAS), EDUCAÇÃO PELA ARTE E ARTES INDUSTRIAIS	27
1.1.4. EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E ARTE EDUCAÇÃO	28
1.1.5. ENSINO DE ARTE	29
1.2. Concepções que embasam o Ensino de Arte Contemporânea no Brasil	32
1.2.1. MULTICULTURALIDADE E INTERCULTURALIDADE	32
1.2.2. ABORDAGEM OU PROPOSTA TRIANGULAR	35
1.2.3. INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DA ARTE	38
1.2.4. HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE	39
1.2.5. POLÍTICAS PÚBLICAS	40
2. RELAÇÃO ENTRE FAEB, CONFAEBs E SUAS CONCEPÇÕES...	42
2.1. Trajetória da FAEB ao Longo da História da Arte na Educação .	42
2.2. Breve Histórico dos CONFAEBs	45
2.3. FAEB, CONFAEB e Suas Concepções	55
3. CONCEPÇÕES QUE FORAM BASE PARA OS CONFAEBs QUE OCORRERAM EM 2001 A 2010, NA VISÃO DE SEUS ORGANIZADORES	59
3.1. Perfil dos Sujeitos da Pesquisa	59
3.2. As Concepções que Nortearam os CONFAEBs, de Acordo com seus Organizadores	63
3.2.1. PONTOS CONSIDERADOS PARA ORGANIZAR OS CONFAEBs ..	63
3.2.2. EQUIPE DE APOIO AOS COORDENADORES PARA A REALIZAÇÃO DOS CONFAEBs	66
3.2.3. TEMAS DOS CONFAEBs.....	68

3.2.4. RELAÇÃO ENTRE A CONCEPÇÃO DO TEMA CENTRAL DOS CONFAEBs, COMUNICAÇÕES E RELATOS DE EXPERIÊNCIAS .	72
3.2.5. ESCOLHA DOS PALESTRANTES.....	74
3.2.6. DISCUSSÃO DO TEMA GERAL NOS CONFAEBs.....	76
3.2.7. DESDOBRAMENTOS DAS DISCUSSÕES DOS CONFAEBs	77
3.2.8. PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DOS CONFAEBs.....	81
3.2.9. OUTROS PONTOS LEVANTADOS PELOS ORGANIZADORES DOS CONFAEBs.....	83
4. CONCEPÇÕES QUE FORAM BASE PARA OS CONFAEBs QUE OCORRERAM EM 2001 a 2010, SEGUNDO SEUS ANAIS	89
4.1. XIII CONFAEB, Realizado em 2001.....	90
4.2. XIV CONFAEB, Realizado em 2003.....	95
4.3. XV CONFAEB, Realizado em 2004.....	102
4.4. XVI CONFAEB, Realizado em 2006.....	119
4.5. XVII CONFAEB, Realizado em 2007.....	123
4.6. XVIII CONFAEB, Realizado em 2008.....	130
4.7. XIX CONFAEB, Realizado em 2009.....	134
4.8. XX CONFAEB, Realizado em 2010.....	137
4.9. Considerações Sobre as Concepções que Embasaram as Discussões nos CONFAEBs.....	143
CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS	154
APÊNDICE A	162

INTRODUÇÃO

O tema desta dissertação é “CONFAEB: concepções em processo (2001 a 2010)”. O Congresso da Federação de Arte/Educadores do Brasil – CONFAEB, consiste num encontro anual da Federação de Arte/Educadores do Brasil – FAEB, que ocorre com a finalidade de discutir tópicos conceituais sobre a área de arte/educação e lutar, politicamente, pela melhoria da qualidade do ensino de arte nas instituições formais, não formais e informais. A FAEB foi fundada em 1987, devido à necessidade de agrupar associações estaduais, que já existiam desde 1982, como a Associação de Arte/Educadores do Estado de São Paulo – AESP; a Associação Nordestina de Arte/Educadores – ANARTE, que foi fundada em 1984, em nível regional, composta por seus núcleos estaduais (Alagoas, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí Rio Grande do Norte e Sergipe) (SANTOS 2008); a Associação Gaúcha de Arte/Educadores – AGA, fundada também em 1984; a Associação de Arte/Educadores do Rio de Janeiro – AERJ; e a Associação de Arte/Educadores do Distrito Federal – ASAE-DF.

A FAEB é composta por membros das associações e núcleos estaduais existentes no Brasil e membros que se associam diretamente à federação pelo fato de não ter contato com associações em seu município e/ou estado.

O primeiro CONFAEB “aconteceu em Taguatinga, cidade satélite de Brasília, em 1988, organizado por Laís Aderne como presidente” (RICHTER, apud BARBOSA, 2008, p. 327). Desde então, os participantes desse congresso discutem conceitualmente assuntos que são importantes para sua formação enquanto arte/educadores. Portanto, o objetivo geral desta dissertação é relacionar as concepções que nortearam as discussões conceituais nos CONFAEBs realizados nos anos de 2001 a 2010.

Escolhi o período de 2001 a 2010 porque se trata de um momento em que participei da FAEB com apresentações de comunicações e como diretora no biênio de 2009 e 2010. Além de ser um período pertencente a um novo milênio e que é o mais atual comparando com os CONFAEBs realizados em outros momentos tais como os congressos realizados entre 1988 a 1999.

Para tanto, no primeiro capítulo desta dissertação, busquei a definição o termo “concepção”, que, de acordo com o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, é “obra da inteligência, produção, criação, teoria; modo de ver e sentir, ponto de vista, entendimento, noção” (Houaiss, 2001, p.784). Por isso, tomando o termo “teoria” como sinônimo de “concepção”, faço a seguinte pergunta: “quais teorias nortearam as discussões conceituais nos CONFAEBs realizados entre os anos de 2001 a 2010? E para responder esta pergunta, estruturei o texto em quatro capítulos, com os seguintes objetivos específicos: (1) Discorrer sobre as concepções da Arte na Educação, que influenciaram grandemente as concepções geradoras das discussões nos CONFAEBs de 2001 a 2010; (2) Explicitar a relação entre FAEB, CONFAEBs e suas concepções; (3) Analisar as respostas dos coordenadores dos CONFAEBs de 2001 a 2010, ao roteiro de perguntas a eles enviado, listando as concepções que nortearam as discussões nos congressos; (4) Analisar os anais e programações dos CONFAEBs realizados de 2001 a 2010, listando as concepções que nortearam suas discussões.

O tema da dissertação também traz em sua composição as concepções em processo. Não discuto apenas as concepções como um resultado final de cada congresso, elas estão em movimento, acontecem em um processo que foi iniciado desde o primeiro CONFAEB. Essas concepções foram discutidas no CONFAEB de 2001, que teve como tema “História do Ensino da Arte”; em 2004, como “Trajetória do Ensino da Arte no Brasil” e revisitada, em 2007, como “FAEB: 20 Anos de História”. Destarte, as concepções discutidas estão sempre em transformação, sem que haja uma conclusão ao final dos congressos, e sim aberturas para as próximas discussões nos CONFAEBs seguintes. Tomando as palavras da primeira presidente da ASAE/DF, Lydia Garcia Bezerra de Mello:

A Arte-Educação não se processa apenas dentro da escola. Arte Educação é um processo vivo em todas as faixas etárias (fases da vida) situações onde as pessoas estejam integradas em desvelar estes processos de criação (MELLO apud RICHTER, 2007, p. 1).

Corroboro com a ideia da Prof^a Lydia Garcia Bezerra de Mello que acredita que da mesma forma que a Arte/Educação é um processo vivo, as

discussões norteadas por concepções também são vivas. Portanto são concepções em processo, em transformação. (MELLO apud RICHTER, 2007)

A escolha do tema “CONFAEB: concepções em processo (2001 a 2010)” aconteceu, ao menos, por três motivos: (1) o CONFAEB é um momento em que os membros da FAEB se encontram para discutir conceitualmente sobre tópicos importantes para a classe de arte/educadores oriundos de várias partes do país e lutar, politicamente, pela melhoria da qualidade do ensino nas escolas brasileiras e em outros espaços de ensino não formal e informal. Dessa forma, é importante a existência de pesquisas a respeito desses congressos, que reúnem cerca de mil arte/educadores todos os anos, corroborando com a ideia da Prof^a Ivone Mendes Richter:

O Congresso da FAEB (CONFAEB) é o grande momento de encontro dos arte/educadores de todo o Brasil. É ele quem sustenta a FAEB em sua luta política e oportuniza o conhecimento e as discussões teóricas, a pesquisa, os relatos e a troca de experiências sobre o ensino da arte. (RICHTER, 2008, p.333).

(2) Existe um número resumido de pesquisas sobre o assunto, e nenhuma em nível de pós-graduação. Em pesquisas a respeito do tema, encontrei o artigo da Prof^a Ivone Mendes Richter, intitulado “Histórico da FAEB: uma perspectiva pessoal” ¹, que, além de falar sobre a FAEB, faz um resumo sobre a história dos CONFAEBs de 1988 a 2007, o artigo do Prof. Fábio José Rodrigues da Costa, apresentado numa das comunicações do XVII CONFAEB, realizado em 2007, na cidade de Florianópolis, com o título: “Atualização da FAEB/CONFAEB para a Arte/Educação e a Formação Inicial do Professor de Arte”. Existem ainda algumas publicações que falam sobre a FAEB e os CONFAEBs, como alguns da Prof.^a Ana Mae Barbosa, mas contemplam apenas algumas linhas sobre o assunto.

(3) Sou uma participante ativa do movimento da FAEB, sendo membro desde 1998, participando de alguns CONFAEBs, da diretoria da FAEB no biênio 2009-2010, além de ser, desde outubro de 2008, a presidente da Associação Nordestina de Arte/Educadores, Núcleo Pernambuco – ANARTE/PE, terminando dois mandatos no final de 2012. É evidente a

¹ Este artigo da Prof.^a Ivone Richter é um dos capítulos do livro organizado pela Prof^a Ana Mae Barbosa, que tem como título: “Ensino de Arte: memória e história.

importância dos CONFAEBs para os arte/educadores de todo Brasil, tendo em vista que, além do fortalecimento da categoria através da luta política e de discussões conceituais sobre a área, acontece, também, uma formação continuada para os professores de artes.

Por estes motivos, concordo com a sugestão dada aos pesquisadores, pela Prof.^a Ivone Mendes Richter, no final do artigo já citado...

Estudar as temáticas dos congressos (CONFAEBs), procurando compreender a evolução do pensamento dos arte/educadores brasileiros ao longo de vinte anos de lutas e reflexões teóricas (RICHTER, 2008, p. 334).

Esta dissertação é fruto de uma pesquisa com abordagem qualitativa que “costuma ser direcionada, ao longo de seu desenvolvimento; além disso, não busca enumerar ou medir eventos, geralmente, não emprega instrumental estatístico” (NEVES, 1998). Segundo Godoy (1995), existe três possibilidades oferecidas pela abordagem qualitativa: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnográfica. Desta forma, esta pesquisa é documental, por se tratar de uma investigação das concepções da FAEB, cujo material de análise são os anais dos CONFAEBs e as respostas do roteiro de perguntas enviado aos organizadores, a respeito das concepções que nortearam a discussões nos CONFAEBs realizados no período de 2001 a 2010. Os instrumentos metodológicos utilizados nesta pesquisa foram: questionário estruturado, com respostas abertas e entrevista com roteiro de perguntas (o mesmo utilizado no questionário).

Este texto é composto por quatro capítulos. O primeiro capítulo discorre sobre as concepções que nortearam a arte na educação, onde, na primeira seção, apresento denominações da arte na educação, segundo pesquisa de Nascimento (2005) ao longo de sua história, que são: artes e ofícios, ensino do desenho, educação pela arte, trabalhos manuais/artes aplicadas, artes industriais, educação artística, arte-educação e ensino de arte. Na segunda seção, relaciono as principais concepções que norteiam as discussões no ensino da arte contemporâneo, tais como: multiculturalidade e interculturalidade, abordagem triangular, interdisciplinaridade em Arte, história do ensino da arte e políticas públicas. No segundo capítulo, descrevo a relação existente entre a FAEB, os CONFAEBs e suas concepções, também dividido

em duas seções, narrando a trajetória da FAEB ao longo da história da arte na educação e apresentando um breve histórico dos CONFAEBs, de 1998 a 2012. O terceiro capítulo é o resultado das entrevistas feitas com os organizadores dos CONFAEBs realizados do período de 2001 a 2010, com a análise das repostas, elencando as concepções que serviram como base das discussões realizadas nos CONFAEBs de acordo com seus coordenadores: Multiculturalidade, Ensino de Arte Contemporâneo, Estudos Culturais, Arte em Redes, História do Ensino da Arte, Políticas Públicas. O quarto capítulo traz a análise dos anais e programações dos CONFAEBs realizados no período de 2001 a 2010, com a finalidade de relacionar as concepções que nortearam as discussões conceituais nesses congressos. De acordo com os anais as concepções mais discutidas foram: História do Ensino da Arte, multiculturalismo, ensino/aprendizagem, Estudos Culturais, Políticas Públicas, Arte/Educação Contemporânea.

Apesar de usar vários autores e referências, os autores mais citados nesta dissertação, escolhidos como pilares para estruturar o texto, foram: Ana Mae Barbosa que foi uma das organizadoras da Semana de Arte e Ensino, originando assim a Associação de Arte/Educadores do Estado de São Paulo – AESP, documentando em seus livros o desenvolvimento da luta das associações estaduais e regionais de arte/educadores no Brasil. Erinaldo Alves do Nascimento que desenvolveu em sua tese de Doutorado uma pesquisa sobre as denominações da arte na educação. E Ivone Mendes Richter que escreveu o artigo “Histórico da FAEB: uma perspectiva pessoal”. Sem, no entanto, desmerecer autores como Martins, Ribeiro, Silva, Tourinho, que são pesquisadores muito importantes para a história da FAEB e dos CONFAEBs.

Finalizando esta introdução, quero afirmar que os próprios anais dos CONFAEBs realizados no período de 2001 a 2010 trazem sua bibliografia natural ao relacionar em suas páginas todos os autores citados acima e outros autores que serão mencionados ao longo desta pesquisa.

1. CONCEPÇÕES DA ARTE NA EDUCAÇÃO²

Este capítulo tem como objetivo discorrer sobre as concepções da Arte na Educação que, no meu entendimento, influenciaram grandemente as concepções que foram geradoras das discussões nos CONFAEBs.

No Brasil, a trajetória da arte na educação demonstrou que as concepções sempre estiveram presentes por trás dos nomes dados a ela. Na próxima seção, estarei relacionado as mudanças de tais nomes, conforme abordagem de Nascimento (2005).

1.1. Os nomes da Arte na Educação

As designações dadas à arte na educação no Brasil ao longo dos anos merecem um esclarecimento, pois segundo Nascimento (2005, p. 3) “os títulos deixam claro, de mudanças nos fundamentos da arte na educação. Enfocam as mutações discursivas e endossam a emergência de novos conceitos e temas”.

A análise das diferentes nomenclaturas aplicadas ao ensino da arte no contexto brasileiro faz-se necessária, neste momento, a fim de elucidar as concepções geradoras das discussões nos CONFAEBs. Vários autores discutem as implicações do uso de diferentes termos para o ensino da arte, entre eles, as autoras Ferraz e Fusari, Ana Mae Barbosa, Ivone Richter, Lucimar Bello Frange, Miriam Celeste Martins, mas tomo Nascimento como síntese de uma análise que ele aprofundou em sua tese de doutorado. Nascimento (2005, p. 4) diz que “nomes e projetos educativos em cada época são modalidades de construções sociais estabelecidas e submetidas pelas relações de poder e saber”.

Os nomes da arte na educação apontam para concepções que estiveram e estão presentes na educação até a atualidade e para...

Compreender a relação entre as mudanças de denominação, as práticas escolares e as concepções que lhe servem de embasamento é condição essencial para qualquer docente e demais interessados pela educação escolar. Tal enfoque permite visualizar os componentes ideológicos que

² Arte na Educação é um termo usado por Ferraz e Fusari, 1993 e que escolhi para não confundir com os outros nomes que foram dados à arte na educação durante a história dessa disciplina no Brasil.

guiam as decisões curriculares, suas próprias concepções e ações da sala de aula (NASCIMENTO, 2005, p. 5).

Em sua tese de doutorado, Nascimento (2005)³ analisa historicamente as construções sociais de infância, de ensino e de bom sujeito docente em relação à arte na educação escolar, utilizando as denominações como referências para tal análise histórica.

As denominações da arte na educação pesquisadas por Nascimento são as seguintes: arte e ofícios, ensino do desenho, educação pela arte, trabalhos manuais/artes aplicadas, artes industriais, educação artística, arte-educação e ensino de arte. Estarei percorrendo logo abaixo sobre tais denominações e as concepções e teorias que embasam as mesmas.

1.1.1. ARTES E OFÍCIOS

A primeira designação mencionada por Nascimento é “artes e ofícios”, que recebeu essa denominação influenciada pelo trabalho dos jesuítas que eram responsáveis pela educação na colônia brasileira. Nascimento (2005, p.17) diz que a educação realizada pelos jesuítas no Brasil é “a primeira institucionalização educacional, de tradição européia, que rompeu com práticas dominantes da época”.

Além do jesuitismo, outros programas educativos foram implantados na colônia brasileira, pertencentes às ordens religiosas, como os franciscanos e os carmelitas. Porém, o jesuitismo se destacou, porque exerceu grande influência no mundo de tradição ocidental.

Na vigência da denominação “arte e ofícios” na perspectiva do jesuitismo havia uma articulação educacional e religiosa para implantação da arte no processo de catequização. O período era do Brasil Colonial, os valores exaltados eram o da catequese, conversão ao catolicismo e o método de ensino de arte utilizado era o “ver e executar”. Os saberes valorizados no ensino de artes e ofícios eram temas apologéticos do catolicismo e técnicas miméticas humanistas e medievais. As relações socioeconômicas dessa época

³ NASCIMENTO, Erinaldo Alves. Mudanças nos Nomes da Arte na Educação: qual infância? que ensino? quem é o bom sujeito. Tese de Doutorado, São Paulo: USP, 2005.

estavam conformadas ao contexto da Colonização e da Contrarreforma. A ação metodológica se dava a partir da articulação da temática religiosa com modelos europeus para a produção de objetos artístico-religiosos. As influências ideológicas dessa designação eram o escolasticismo ibérico, que pregava uma hierarquização dos saberes, e o jesuitismo.

O ensino de artes e ofícios pelos jesuítas influenciou a educação escolar brasileira até os dias de hoje com suposições, como a afirmação de que a arte é dispensável no currículo escolar, sendo menor que outros saberes como a Língua Portuguesa e a Literatura. Outra ideia também herdada pelo jesuitismo foi a da polivalência, que pregava que os sacerdotes que ensinavam arte e ofícios deveriam ter esmero em várias habilidades artísticas – a ideia de que o professor de artes deve dominar todas as linguagens artísticas, como artes visuais, dança, música e teatro.

1.1.2. ENSINO DO DESENHO

Na vigência da denominação “ensino de desenho” a referência enunciativa, no período compreendido entre o século XIX até as primeiras décadas do século XX, era a de que o desenho contribuía para formar artesãos e trabalhadores para servirem ao processo de industrialização como foco principal. O desenho como disciplina, habilidades de reprodução, estilização e espontaneísmo eram os valores exaltados por esta denominação. Os saberes valorizados eram omatos, geometria, desenho do natural, belas artes e ofícios, intuição e observação das coisas, estilização da fauna e flora brasileiras e desenho espontâneo. A formação de artesãos e trabalhadores para a indústria fazia parte das relações socioeconômicas da época. Quanto à ação metodológica, os métodos utilizados no ensino do desenho foram o método da Missão Francesa, método das dez estampas, lições de coisas, método de ensino prático, com aplicação imediata, e desenho expressivista. As correntes ideológicas que influenciaram o ensino de desenho foram a ilustração, o academicismo, o liberalismo e a industrialização.

Dentre as suposições deixadas pela denominação “ensino do desenho” para a arte na educação até os dias de hoje, destacamos

A alegação de que a arte na educação não é importante por si mesma, mas é um acessório curricular, pois serve para complementar outras matérias e atividades tidas como estratégicas para o desenvolvimento pessoal, social, econômico e político (NASCIMENTO, 2005, p. 54).

Como resultado dessa suposição, temos uma realidade que enfrentamos nas aulas de arte ainda em 2012, quando a arte na educação é tratada como meio para outras disciplinas, tal como utilizar imagens para aula de Português, história da arte, para enriquecer as aulas de História e assim por diante, sem, no entanto, enxergar a arte na educação como uma disciplina, com conteúdos necessários a serem estudados pelos educandos.

1.1.3. TRABALHOS MANUAIS (ARTES APLICADAS), EDUCAÇÃO PELA ARTE E ARTES INDUSTRIAIS

Na vigência das denominações “trabalhos manuais” (artes plásticas), “educação pela arte” e “artes industriais”, Nascimento (2005) resume que na referência enunciativa constava que se deveria educar o gosto popular e barato, desenvolver integralmente o indivíduo, harmonizar-se com o meio ambiente em que se vive, exaltando a paz para se viver num mundo industrial e tecnológico. Essas denominações começaram a ser vivenciadas no Brasil na década de 1930 a 1970. Como valores ensinados, existia uma separação de sexo, arte e vida; formação de gosto popular; ocupação de tempo ocioso; estilização, espontaneísmo e raciocínio industrial. Desenho e atividades manuais, decorações nacionalistas, expressão de sentimentos, emoções e planejamento industrial eram os saberes valorizados por essas denominações. Nas relações socioeconômicas, se apresentava o incentivo político e educacional à formação de sujeitos ativos e pacíficos e conectados com o mundo industrial. A ação metodológica contava com o desenho, com as atividades manuais, com a construção manual de objetos populares, com a sugestão de temas e estímulo à livre expressão, demonstração, projetos e auxílio visuais. As correntes filosóficas e ideológicas que influenciaram tais denominações foram o escolanovismo, modernismo, populismo e estadonovismo (arte como propaganda).

Em relação à denominação “educação pela arte” ou “educação através da arte” existe alguns fatos que são importantes relatar aqui. O livro escrito por Herbert Read, com o mesmo título da denominação: “Educação através da Arte”, e o livro de Viktor Lowenfeld, “Desenvolvimento da Capacidade Criadora”, foram obras que embasaram fortemente a arte na educação, a partir da década de 1940. Esses livros também foram grandes influências na criação do Movimento de Escolinha de Arte – MEA, em 1948, liderado por Augusto Rodrigues e Noêmia Varela, que se iniciou no Rio de Janeiro e se expandiu para os outros estados do país. A Escolinha de Arte do Brasil tinha como pensamento filosófico a livre expressão, que se configurava com a importância da criança como sujeito do seu processo de criação, influenciando a arte na educação até a contemporaneidade.

1.1.4. EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E ARTE EDUCAÇÃO

As denominações “educação artística” e “arte-educação” foram vivenciadas a partir da década de 1970 e 1980 mais intensamente. O nome “educação artística” foi institucionalizado a partir da Lei de Diretrizes e Base nº 5692/71, que diz no Art. 7º do primeiro capítulo:

Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programa de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observado quanto a primeira o disposto no Decreto-lei nº 869, de 12 de setembro de 1969. Parágrafo único. O ensino religioso, de matrícula facultativa constituirá disciplina dos horários normais dos estabelecimentos oficiais de 1º e 2º graus (BRASIL, 1971).

O contexto político que circundava essas denominações era o do governo militar com sua ditadura, autoritarismo e repressão. A Educação Artística foi incluída no currículo escolar como atividade e não como disciplina. Havia um apelo expressivista que centrava a atividade artística no fazer. Inclusive, essa ideia de liberdade de expressão da criança e centralidade no fazer era defendida pelo Movimento Escolinha de Arte do Brasil, porém contrastava com os desmandos de um governo ditatorial. Foi nesse contexto que surgiu o movimento de arte-educação, que foi liderado, principalmente, por professores universitários, que organizaram a Semana de Arte e Ensino, em setembro de 1980, na Escola de Comunicação e Artes – ECA da Universidade

de São Paulo – USP. O encontro foi liderado pela Dr.^a Ana Mae Barbosa, que contou com a participação de três mil profissionais da área de arte na educação, originados de vários estados de todo o Brasil. O grupo reivindicava uma melhor qualidade da arte na educação nas escolas e lutava contra distorções vinculadas à denominação “educação artística”, como a polivalência, que propagava que o professor(a) da mesma deveria estar apto(a) a ensinar todas as linguagens artísticas, como artes plásticas, música e teatro.

Nascimento (2005) resume a referência enunciativa da denominação “educação artística”, na qual a arte é uma atividade expressiva, complementar de outras matérias, com a finalidade de desenvolver a criatividade através da emoção e através da espontaneidade. Já a referência enunciativa de “arte-educação” diz que a arte é uma área específica com capacidade de ser desenvolvida pelos processos mentais e pela percepção visual.

A denominação “arte-educação” tem uma grande importância para esta dissertação, pois é através do movimento da Semana de Arte e Ensino que existe uma grande discussão da troca da denominação “educação artística” por “arte-educação” como diz Ivone Richter que...

O termo “arte/educação” foi introduzido como forma de diferenciação da nomenclatura “educação artística” utilizada pela LDB (5692/71), e com o intuito de aglutinar as pessoas com formação nas diferentes linguagens artísticas em torno de uma bandeira em comum: a defesa da qualidade no ensino da arte e a luta contra a chamada “polivalência”. Já em 1980 a Semana de Arte e Ensino realizada em São Paulo, promovida por Ana Mae Barbosa, buscava a discussão sobre as dificuldades por que passava a área de artes por conta destes desmandos (RICHTER, apud BARBOSA, 2008, p. 323).

Foi durante a Semana de Arte e Ensino que surgiu a ideia de criar uma Associação de Arte/Educadores em São Paulo, sendo fundada a Associação de Arte Educadores do Estado de São Paulo – AESP em 1982, dois anos após a Semana de Arte e Ensino, e, conseqüentemente, outras associações, além da FAEB, em 1987, a partir do movimento de arte/educação.

1.1.5. ENSINO DE ARTE

A denominação Ensino de Arte foi adotada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN nº 9344/96, no seu art. 26, parágrafo 2º, que

diz que “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. A Lei nº 5692/71, que legitimou a denominação “educação artística” foi revogada, havendo a substituição dos termos. Em vez de “educação artística” temos agora “ensino de arte”.

Desde 1980 houve muita luta para que houvesse a mudança do termo “educação artística” para outro termo que demonstrasse o pensamento dos profissionais da arte na educação, que reivindicavam a arte como disciplina e sem traços de polivalência. De início, a denominação “arte-educação” estava sendo cotada para substituir “educação artística”, porém,

A denominação ensino de arte vinha sendo ensaiada em 1980, concomitantemente com arte-educação, no evento Semana de Arte e Ensino. Ganhou reforço com a realização dos congressos Ensino da Arte e sua História. O 3º seminário, de âmbito internacional, realizado em 1989, foi decisivo porque se propôs a intensificar as bases teóricas, inseri-las no contexto histórico e combater os espontaneísmo, tanto nos níveis elementares como no superior (BARBOSA, apud NASCIMENTO, 2005, p. 203).

Nascimento (2005, p. 205) ainda reitera que...

A vigência da denominação ensino de arte está associada à luta em prol do estabelecimento e configuração de um “saber de base”, de um “saber específico” capaz de diferenciar essa disciplina das demais e da área de arte, consolidando sua importância no processo educacional.

Portanto, temos como marca da vigência “ensino de arte” a busca por especificidade da área. Luta-se para que a disciplina seja lecionada por professores graduados nas áreas de arte, que, após a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, foram estabelecidas como artes visuais, dança, música e teatro. Como ainda não é possível cobrir todas as escolas e todo o território nacional com professores graduados nessas disciplinas, investe-se na formação continuada para professores formados em cursos como Pedagogia e outras licenciaturas, pois a meta é que se contratem somente os graduados na área. Está se ampliando a oferta de licenciaturas em artes no país, e há redes de ensino em que apenas profissionais graduados em arte são contratados. Acho este argumento perigoso, por alimentar uma distorção que

ocorre apenas em algumas redes de ensino, não em todas. A formação continuada não supre a necessidade da contratação de profissionais formados nas áreas de arte. As licenciaturas de arte da UFPE, agora, teoricamente, formam 105 profissionais por ano (quantidade relativa à entrada anual, sem contar retenções e evasões). Como não há bacharelado, sabemos que parte dos graduados não tem interesse em trabalhar no magistério, mas por outro lado, também não há concursos para a área, pois se houvesse, mesmo parte dos que desejam ser artistas, provavelmente procurariam conciliar com a atividade docente, o que não quer dizer que o professor formado nas áreas de artes não precise de formação continuada. Inclusive, nos encontros para esse fim, há uma troca de experiência entre os profissionais graduados em várias áreas (como: Letras, Pedagogia, História, etc.) e que ensinam a disciplina Arte nas escolas, incluindo o profissional graduado nas áreas de arte, seja ela arte visual, dança, música ou teatro.

Na relação entre as denominações da arte na educação e a FAEB,

A carta de Goiânia, elaborada por ocasião do XIV CONFAEB, entre 22 e 25 de abril de 2003, e do Rio de Janeiro, produzida a partir das deliberações do XV CONFAEB, de 10 a 12 de novembro de 2004, reivindicam, em conformidade com a legislação atual, a retificação do termo Educação Artística pela denominação Arte, com base na formação específica plena em linguagens: Artes Visuais, Dança, Teatro e Música. (NASCIMENTO, 2005, p. 205).

Essa relação entre Ensino de arte e FAEB, CONFAEB está vinculada desde a Semana de Arte e Ensino, quando os profissionais lutaram para que a arte na educação tivesse melhor tratamento nas escolas, sendo reconhecidas suas especificidades e tivesse melhor qualidade. Relação que estaremos tratando no segundo capítulo desta dissertação.

Percebemos que as denominações “arte e ofícios”, “ensino de desenho”, “educação pela arte”, “trabalhos manuais/artes aplicadas”, “artes industriais”, “educação artística”, “arte-educação” e “ensino de arte” trazem implicitamente em suas abordagens e contextos histórico-sociais que nos ajudam a pensar a área de arte ao longo de sua trajetória no Brasil. Essas concepções são raras à construção dessa dissertação, que tem como objetivo identificar as concepções estudadas nos CONFAEBs de 2001 a 2010 e fazer a relação entre as teorias

trazidas pelos nomes da arte na educação e as teorias que basearam tais CONFAEBs. Na próxima seção, estarei abordando as teorias e concepções que embasam a arte na educação na contemporaneidade, a qual denominamos ensino de arte.

1.2. Concepções que Embasam o Ensino de Arte Contemporâneo no Brasil

Na seção anterior deste primeiro capítulo, fiz um breve relato das denominações da arte na educação ao longo de sua história no Brasil, baseada na tese de doutorado do professor Erinaldo Alves do Nascimento (2005). Vimos que todas as denominações trazem com tais nomes concepções.

Nesta seção, estarei discorrendo sobre teorias, concepções, tópicos que influenciaram a arte na educação a partir dos anos de 1980, imprimindo assim mudanças significativas no ensino de arte e na arte/educação, conferindo-lhe um caráter contemporâneo. Assumo aqui a denominação “ensino de arte” como representação do ensino formal de arte realizado nas escolas e “arte/educação” como campo de estudo que engloba tanto o ensino de arte como os trabalhos de arte realizados em museus, espaços expositivos e em organizações não governamentais – (ONGs).

O objetivo ao trazer essas teorias e concepções é dialogar com as concepções que embasaram os CONFAEBs de 2001 a 2010 que apresentarei no terceiro capítulo. Estarei também refletindo sobre a importância dessas teorias contemporâneas para o campo da arte/educação, para o ensino da arte e para o movimento associativo através da FAEB e dos seus CONFAEBs.

Não pretendo esgotar a reflexão de todas as teorias que influenciaram o ensino de arte contemporâneo no Brasil. Apenas escolhi algumas delas, que são mais contundentes e que dialogam com as concepções que foram bases para os CONFAEBs de 2001 a 2010. São elas: multiculturalidade e interculturalidade, abordagem triangular, interdisciplinaridade em Arte, história do ensino da arte e políticas públicas.

1.2.1 MULTICULTURALIDADE E INTERCULTURALIDADE

Segundo Richter (1999), a preocupação contemporânea com a educação multicultural surgiu inicialmente na Inglaterra, com a finalidade de integrar crianças imigrantes do pós-guerra na sociedade. Nos anos sessenta, a educação multicultural provocou um movimento de reformulação curricular direcionado à questão da igualdade de oportunidades, dos direitos humanos e da segregação racial, articulando-se no sentido de possibilitar nas escolas um ambiente que estimulasse a aceitação e reconhecimento da diversidade valorizando a herança cultural e étnica. Dessa forma, pretendia-se desenvolver a compreensão, valorização e aceitação de outras etnias. Tomemos como exemplo o movimento negro por direitos iguais, *equal opportunity*, nos Estados Unidos, que buscava uma educação que contemplasse as diferenças das minorias raciais.

Além da Inglaterra e dos Estados Unidos, o Canadá também foi um país que se preocupou com a educação multicultural pelo fato de ter imigrantes oriundos de outros países em seu território. Sociólogos dos Estados Unidos denominaram o grupo de imigrantes vindo de outros países por causa da guerra de “melting pot” (panela de fusão – em português), para indicar uma síntese de diversos modelos étnicos e culturais. Porém, tal conceito é criticado por defensores do multiculturalismo pelo fato de colocar numa mesma “panela” todas as culturas, não respeitando as características específicas de cada uma.

Para alguns teóricos do multiculturalismo, o conceito deveria limitar-se apenas a diferenças culturais étnicas e raciais. Para outros, deveria abranger diferenças de gênero, classe social, idade, estudantes com necessidades especiais, grupos religiosos e, também, grupos minoritários relacionados com orientação sexual. Para Ana Mae Barbosa

A diversidade cultural presume o reconhecimento dos diferentes códigos, classes, grupos étnicos, crenças e sexos na nação, assim como o diálogo com os diversos códigos culturais das várias nações ou países, que incluem até mesmo a cultura dos primeiros colonizadores (BARBOSA, 2007, p. 15)

Nas discussões durante os CONFAEBs, assume-se a ideia de que a multiculturalidade e a interculturalidade abrangem tanto os grupos étnicos e raciais como os grupos minoritários relacionados no parágrafo anterior. Ao

relacionar os conceitos Diversidade Cultural, Multiculturalismo e interculturalismo, tomamos mais uma vez as palavras de Ana Mae Barbosa para discorrer sobre tais significados.

Para definir a diversidade cultural, nós temos que navegar novamente através de uma complexa rede de termos. Alguns falam sobre multiculturalismo, outros sobre pluriculturalidade, e temos ainda o termo mais apropriado – interculturalidade. Enquanto os termos “multicultural” e “pluricultural” significam a coexistência e o mútuo entendimento de diferentes culturas na mesma sociedade, o termo “intercultural” significa a interação entre as diferentes culturas na mesma sociedade (BARBOSA, 2007, p.14).

Portanto, utiliza-se o conceito de “multiculturalidade”, que mostra a coexistência de várias culturas na sociedade, e de “interculturalidade”, que aponta para uma interação dessas diferentes culturas na sociedade em que elas fazem parte.

Conforme Ivone Richter,

Atualmente, vem sendo utilizado o termo “interculturalidade”, que implica sua inter-relação de reciprocidade entre culturas... Esse termo seria, portanto, o mais adequado a um ensino-aprendizado em artes que se proponha a estabelecer a inter-relação entre os códigos culturais de diferentes grupos culturais (RICHTER, 2005, p. 19).

O conceito de interculturalidade é assumido por Richter (2005) em sua pesquisa sobre a estética do cotidiano realizada em uma escola de ensino básico da cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Os sujeitos da pesquisa são mulheres, com relação de parentesco com alunos ou ex-alunos da escola. Essas mulheres são envolvidas com fazeres artísticos, chamados por Richter (2005) de “fazeres especiais”. Mesmo denominados de fazeres especiais, essas habilidades são realizadas no cotidiano dessas mulheres, que, na pesquisa da Prof.^a Ivone Richter, foram levadas para a escola e são descritas como experiências de educação intercultural das artes visuais, ou seja, há uma inter-relação entre as etnias das mulheres pesquisadas com os alunos de uma escola municipal de ensino básico da cidade de Santa Maria, RS.

Ainda no texto de Richter (2005) há um percurso histórico acerca do multiculturalismo no mundo, embasado por teóricos como Mukhopadhyay e Moses (1994), que “descrevem a visão antropológica da educação

multicultural” como “o processo pelo qual uma pessoa desenvolve competências em múltiplos sistemas de perceber, avaliar, acreditar e fazer” (RICHTER, 2002, p. 25).

“Na opinião de Philip Walkling (1990), a educação multicultural relaciona-se com a resposta que a educação deve dar ao pluralismo cultural” (RICHTER, 2002, p. 29).

Porém, o tema multiculturalismo está longe de ser um tema tranquilo e sem debates:

Segundo McLaren (1993-94), a posição teórica central do multiculturalismo crítico é a de que as diferenças são produzidas de acordo com a produção e recepção ideológica de signos culturais. As diferenças não são “obviedades culturais”, tais como negro versus branco ou latino versus europeu ou anglo-americano, elas são construções históricas e culturais (RICHTER, 2002, p.35).

Essa mesma consciência é compartilhada por Rachel Mason:

As inovações curriculares multiculturais são importantes não só porque a Grã-Bretanha é culturalmente diversa, mas porque vivemos todos numa sociedade global. Além disso, um currículo culturalmente diverso é essencial porque ao dar às crianças perspectivas sobre a arte e design noutras culturas, damos-lhe também os meios para melhor perceber a sua própria cultura (RICHTER, 2002, p. 46-47).

E, por fim, temos Ana Mae Barbosa, que em seu livro “A Imagem no Ensino da Arte” salienta “a ideia de reforçar a herança artística e estética dos alunos com base em seu meio ambiente” (BARBOSA, 1991, apud RICHTER, 2005, p.24). No entanto, ela imediatamente adverte que “se não for bem conduzida, pode criar guetos culturais e manter grupos amarrados aos códigos de sua própria cultura sem possibilitar a decodificação de outras culturas” (BARBOSA, 1991, apud RICHTER, 2005, p. 47).

O meu objetivo não é, de forma alguma, esgotar o tema multiculturalidade e interculturalidade. Portanto, passarei para a próxima seção que fala sobre a abordagem triangular.

1.2.2. ABORDAGEM TRIANGULAR

A Abordagem Triangular foi sistematizada pela professora Ana Mae Barbosa, na década de 1980, e apresentada pela primeira vez no Festival de Inverno de Campos de Jordão, em 1983, iniciando um processo ainda cheio de

dúvidas e incertezas (BARBOSA, 2009). Na verdade, essa abordagem foi apresentada por Ana Mae Barbosa como Metodologia Triangular, que na revisão do texto que ela fez, denominou-a de Abordagem Triangular, que consiste no fato de que a metodologia é feita pelo professor (a) que se utiliza da abordagem. Esta ação foi sistematizada no Museu de Arte Contemporânea da USP, nos anos de 1987 a 1993.

A Abordagem Triangular é composta por três ações: fazer arte, ler e contextualizar obra de arte, Barbosa, 1991. No início, era citada apenas a contextualização histórica, porém, após a revisão realizada pela Professora Ana Mae Barbosa, a mesma reorientou que essa contextualização fosse relacionada com outras disciplinas ou ênfases, podendo ser contextualização sociológica, antropológica, religiosa, geográfica, etc. A denominação se deu pelo fato de ter essa triangulação, porém, em uma das revisões do livro “A Imagem no Ensino da Arte” realizada pela autora, ela afirma:

Hoje, a metáfora do triângulo já não corresponde mais à organização ou estrutura metodológica. Parece-nos mais adequado representá-la pela figura do ziguezague, pois os professores nos tem ensinado o valor da contextualização tanto para o fazer como para o ver. O processo pode tomar diferentes caminhos /CONTEXTO\FAZER/CONTEXTO\VER ou VER/CONTEXTUALIZAR\FAZER/CONTEXTUALIZAR ou ainda FAZER\CONTEXTUALIZAR\VER/CONTEXTUALIZAR (BARBOSA, 2007, p. 33).

A Abordagem Triangular é uma abordagem pós-moderna, pois não centra a sua ação apenas no fazer. Segundo a autora...

A contextualização sendo a condição epistemológica básica de nosso momento histórico, como a maioria dos teóricos contemporâneos da educação comprova, não poderia ser vista apenas como um dos lados dos vértices do processo de aprendizagem. O fazer arte exige contextualização, a qual é a conscientização do que foi feito, assim como qualquer leitura como processo de significação exige a contextualização para ultrapassar a mera apreensão do objeto (BARBOSA, 2009, p. 33).

Ainda, segundo a autora Ana Mae Barbosa:

A Proposta Triangular foi sistematizada a partir das condições estéticas e culturais da pós-modernidade. A pós-modernidade em arte/educação caracterizou-se pela entrada da imagem, sua decodificação e interpretações na sala de aula junto à já conquistada expressividade (BARBOSA, 2008, p.13).

Por ser uma abordagem pós-moderna, a Abordagem Triangular teve como referência em suas pesquisas outras manifestações pós-modernas na Arte/Educação de outros países, como é o caso do Critical Studies⁴ na Inglaterra e o DBAE⁵ nos Estados Unidos da América.

A Abordagem Triangular propicia aos estudantes estudar a arte em três ações: fazer arte, ler a obra de arte e contextualizá-la. Ela não apenas enfoca no fazer, como os professores modernistas ensinavam. Além dessas três ações que ela oferece a professores e estudantes, sua importância também se dá pelo fato de ela trabalhar com a imagem no ensino da arte. A partir das décadas de 1980 e 1990, os professores (as) passaram a utilizar a imagem nas aulas de arte. Eu não compreendia a reviravolta que a Abordagem Triangular provocou no Ensino de Arte, até conversar com colegas professoras que ensinavam Arte antes de mim (iniciei no ano de 1998). Elas me disseram que antes não tinham uma referência de acordo com os princípios pós-modernos. As aulas de Arte ainda se baseavam nos modelos de cópias vindas dos livros didáticos da época ou das atividades de livre-expressão.

A Abordagem Triangular proporcionou aos professores e professoras de Arte uma oportunidade de se relacionar com uma disciplina que tem conteúdos específicos às suas áreas e não a tratá-la apenas como uma atividade no currículo escolar.

O livro “A Imagem no Ensino da Arte”, que traz a sistematização da Proposta Triangular, foi lançado no ano de 1991, portanto, a publicação completou 20 anos em 2011. Para refletir sobre esses vinte anos de publicação da Proposta Triangular, foi organizado um livro pelas Professoras Ana Mae Barbosa e Fernanda Pereira Cunha, com o título: “Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais”, contendo artigos sobre pesquisas realizadas acerca da prática da Abordagem Triangular em diversos espaços, desde as escolas de ensino básico, a cursos universitários, formação de professores, e ensino de artes em ONGs.

⁴ O Critical Studies é a manifestação pós-moderna inglesa no ensino da arte. Surgiu na década de 1970.

⁵ DBAE é a sigla em inglês para Disciplined Based Art Education (Arte/Educação Baseada em Disciplinas). Ela é baseada nas disciplinas: estética-história-crítica e fazer artístico. Surgiu nos Estados Unidos na década de 1970 e vem influenciando toda a Ásia.

Passarei a discutir na próxima seção deste texto acerca da interdisciplinaridade no Ensino da Arte.

1.2.3. INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DA ARTE

O Dicionário Informal Online define Interdisciplinaridade como “processo de integração recíproca entre várias disciplinas e campos de conhecimento. Constitui uma associação de disciplinas, por conta de um projeto ou de um objeto que lhes sejam comuns” ⁶. Tal definição se ajusta com uma das concepções do XIII CONFAEB, que foi realizado em Goiânia-GO, no ano de 2003, com o tema “A Interdisciplinaridade no Ensino de Arte”. Observei que a organização do evento priorizou a apresentação de professores das quatro linguagens, que podem ser chamadas também de disciplinas: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Observei, também, que nas comunicações houve um bom número de projetos interdisciplinares – dados que estaremos apresentando no terceiro capítulo desta dissertação.

A interdisciplinaridade surgiu na França e na Itália na década de 1960, em meio a movimentos estudantis que reivindicavam um ensino mais sintonizado com as grandes questões de ordem social, política e econômica da época. A interdisciplinaridade teria sido uma resposta a tal reivindicação, na medida em que os grandes problemas da época não poderiam ser resolvidos por uma única disciplina ou área do saber. No final da década de 60, a interdisciplinaridade chegou ao Brasil e logo exerceu influência na elaboração da Lei de Diretrizes e Bases Nº 5.692/71. Desde então, sua presença no cenário educacional brasileiro tem se intensificado e, recentemente, mais ainda, com a nova LDB Nº 9.394/96 e com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (CARLOS, 2007).

O objetivo deste texto, em relação à interdisciplinaridade no ensino da arte, é demonstrar que existem várias disciplinas na Arte na Educação, e não é necessário investir na polivalência para haver a vivência das várias linguagens da Arte. Estarei explicitando esse objetivo de forma mais completa no terceiro

⁶ DICIÁRIO INFORMAL. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br>>. Acesso em: 23 Mar. 2012.

capítulo. Passarei para a próxima seção, que fala sobre a História no Ensino da Arte.

1.2.4. HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE

No início deste capítulo, fiz uma retrospectiva das denominações da arte na educação, a partir da tese de doutorado do Professor Erinaldo Alves do Nascimento (2005). Essa retrospectiva tem uma relação primordial com a História do Ensino da Arte, pois o autor narra como a arte na educação se chamava em cada período da História do Brasil. Relacionada com cada denominação, há um contexto histórico que aponta para a história do ensino da arte. Ana Mae Barbosa costuma dizer nos encontros da área que a história é a base da arte/educação.

A professora Ana Mae Barbosa organizou o livro “Ensino da Arte: memória e história”, contendo artigos de autores que realizaram pesquisas sobre determinados períodos da história do ensino da arte no Brasil. Há um artigo nesse livro que tem uma relação bastante estreita com o tema dessa dissertação – CONFAEB e FAEB – de autoria da professora Ivone Richter, cujo título é “Histórico da FAEB: Uma Perspectiva Pessoal”. Ivone Richter inicia o histórico falando do movimento de arte-educação e diz que esse termo, arte-educação,

Foi introduzido naquele momento, como forma de diferenciação da nomenclatura “educação artística” utilizada pela LDB, e com intuito de aglutinar as pessoas com formação nas diferentes linguagens artísticas em torno de uma bandeira comum: a defesa da qualidade no ensino de arte e a luta contra a chamada “polivalência” (RICHTER, apud BARBOSA, 2008, p. 323).

Richter continua com seu relato narrando sobre a Semana de Arte e Ensino que ocorreu em 1980, em São Paulo, a criação das associações de arte/educadores estaduais e regionais e finalmente a criação da FAEB, em 1987. A autora ainda faz um relato dos CONFAEBs⁷ realizados entre os anos de 1988 a 2007, quando a FAEB comemorou os vinte anos de organização. A

⁷ Sobre as organizações dos CONFAEBs, estarei aprofundando melhor sobre o assunto no segundo capítulo.

concepção de “história da arte” é um dos conceitos que influenciou bastante as discussões nos CONFAEB entre os anos de 2001 e 2010. Veremos mais a frente que um dos CONFAEBs, o de 2007, que foi realizado em Florianópolis-SC, teve como fio condutor a própria história da FAEB, que estava completando vinte anos de discussão conceitual da área de arte/educação e de luta política, que, segundo Richter (apud Barbosa, 2008), são os dois pilares principais da Federação. Após esse tópico de história da arte, passarei ao próximo e último tópico sobre as concepções que embasam o ensino de arte contemporânea no Brasil, sobre políticas públicas.

1.2.5. POLÍTICAS PÚBLICAS

Como disse no final da seção anterior, a luta política é um dos pilares da FAEB. O movimento associativo da FAEB foi iniciado mesmo antes da criação da Federação. As suas atividades foram iniciadas com a Semana de Arte e Ensino, em 1980, quando os profissionais se posicionaram contra desmandos de governantes, contra a polivalência e a mediocridade do ensino de arte nas escolas, com o advento da “educação artística”. A luta política diante dessa situação do ensino de arte era imperativa. Porém, não bastou apenas a luta política de uma classe de profissionais para a garantia de melhorias das condições de ensino, fez-se necessário sintonizar a luta política às políticas públicas a fim de coadunar esforços para conseguir melhor qualidade na educação

De acordo com Elenaldo Celso Teixeira (2002, p.2), “políticas públicas são diretrizes, princípios norteadores de ação do poder público; regras e procedimentos para as relações entre poder público e sociedade, mediações entre atores da sociedade e do Estado”, enquanto que, para o manual de políticas públicas do SEBRAE (2008, p. 5), “(...) Políticas Públicas são um conjunto de ações e decisões do governo, voltadas para a solução (ou não) de problemas da sociedade (...)”, e ainda complementa que “dito de outra maneira, as Políticas Públicas são a totalidade de ações, metas e planos que os governos (nacionais, estaduais ou municipais) traçam para alcançar o bem-estar da sociedade e o interesse público” (SEBRAE, 2008, p.5).

Portanto, o objetivo da reflexão nesse texto é unir os dois significados de luta política, no caso da FAEB, e das políticas públicas educacionais para a arte/educação e o ensino de arte no Brasil. O XV CONFAEB, que foi realizado no Rio de Janeiro, em 2004, teve como tema “Trajetória e Políticas para o Ensino das Artes no Brasil”. O congresso foi organizado pela FAEB, com o patrocínio da Fundação Nacional de Arte – FUNARTE, que proporcionou a participação de autoridades da educação no Brasil, na época. Foi uma oportunidade para discutir um tema que não depende apenas do esforço da luta política de uma categoria.

Maria da Glória Gohn (2007) nos chama a atenção para uma característica dos movimentos sociais do século XXI, que consiste nessa articulação entre a luta política e o poder público, através das políticas públicas. Grupos que nas décadas de 1960 e 1970 radicalizavam em seus protestos contra resoluções do poder público passaram a negociar, a fim de influenciar as decisões desse mesmo poder público a favor de suas lutas políticas. Quando a FAEB foi criada, em 1987, ela já tinha essa característica de dosar sua atuação política com o diálogo junto aos poderes públicos estabelecidos. Gohn (2007) qualifica esses grupos de movimentos sociais como propositivos. No XIX CONFAEB, que ocorreu em Belo Horizonte, em 2008, a organização do evento criou um grupo de estudos com o título de “Políticas Públicas”, sendo uma das líderes a professora Ana Mae Barbosa. Estarei aprofundando melhor o tema no terceiro capítulo desta dissertação.

Não pretendo esgotar o assunto sobre políticas públicas, pois o objetivo dessa seção é identificar as concepções de arte na educação contemporânea que no terceiro capítulo dialogarão com as concepções discutidas nos CONFAEBs realizados entre os anos de 2001 e 2010. Portanto, identificamos aqui concepções como multiculturalidade e interculturalidade, abordagem triangular, interdisciplinaridade em Arte, história do ensino da arte, estudos culturais, políticas públicas. E no terceiro capítulo, procurarei demonstrar que na análise dos dados da pesquisa, essas concepções foram de fundamental importância para a organização dos CONFAEBs dos anos 2001 aos 2010.

2. RELAÇÃO ENTRE FAEB, CONFAEBs E SUAS CONCEPÇÕES

O objetivo desse capítulo é explicitar a relação entre FAEB, CONFAEB e suas concepções. A FAEB é um grupo de profissionais que reúne todas as associações estaduais de arte/educadores que existem no Brasil e o CONFAEB é o congresso que ocorre anualmente em um dos Estados do país e congrega, durante o evento, os sócios da Federação de Arte/Educadores do Brasil para discussões acerca da área de arte/educação. Porém, neste capítulo irei narrar a trajetória da FAEB, dos CONFAEBs e as concepções que dão base às atividades, tanto da FAEB, quanto do CONFAEB.

2.1. Trajetória da FAEB ao Longo da História da Arte na Educação

É interessante salientar que, quando a FAEB foi fundada, em 1987, o grupo de profissionais que passaram a pertencer à Federação já tinha uma história de envolvimento com as associações de arte/educadores locais. Na verdade, tudo começou em São Paulo, no ano de 1980, quando o governador Paulo Salim Maluf teve a ideia de criar um grande coral com estudantes das escolas públicas do Estado. Elas cantariam num estádio de futebol e ele desceria de helicóptero para tocar piano, por ocasião da celebração de final de ano. Quem prepararia os estudantes seriam os professores de “Educação Artística” – nomenclatura para Ensino de Arte naquela época. Para estimular os docentes, o governador ofereceu cinco pontos no plano de carreira dos mesmos. Houve uma revolta geral entre os profissionais da área de arte pela discrepância de pontuação para o plano de carreira do professorado, pois quem terminava o mestrado, tinha acrescentado no seu plano de cargo e carreira apenas dez pontos.

Diante desses conflitos, a professora Ana Mae Barbosa organizou a Semana de Arte e Ensino na Escola de Comunicações e Artes – ECA, da Universidade de São Paulo, com o objetivo de reunir os profissionais de arte para lutar politicamente e refletir sobre as concepções em arte/educação. Tal evento reuniu aproximadamente três mil profissionais da arte/educação.

E aí foi um encontro estupendo! Paulo Freire abriu... Eu não quis dizer no convite, no programa que era a abertura de Paulo Freire. Escondi até a última hora para não pensarem que eu estava usando Paulo Freire para atrair gente. Noêmia Varela foi. Aloísio Magalhães deu a palestra mais estrondosa de todos os tempos naquele momento, em que ele falava da cultura popular relacionada com a cultura erudita. Essa fala de Aloísio está no livro dele chamado “Em Triunfo” que é um livro fantástico também porque nas reuniões da UNESCO quando se falava de preservação de Olinda, preservação de Salvador, etc. Ele perguntava “e Triunfo?”, que foi uma das primeiras cidades pernambucanas com uma arquitetura colonial belíssima, né? (FJN, 2010).

A ideia era criar uma associação do Estado de São Paulo ainda no período do evento, porém,

Não saiu a associação neste encontro por causa de um grupo fortíssimo da USP chamado Limi Lui Liberdade e Luta que eles eram absolutamente contra processos associativos e na assembleia geral eles conseguiram com muito mais experiência que nós, conseguiram que não fosse aprovada, mas foi aprovado o núcleo (BARBOSA, 2010).

O núcleo pró-associação trabalhou por mais de um ano, e em 1982 foi criada a Associação de Arte/Educadores do Estado de São Paulo – AESP, a primeira da categoria. O movimento pró-associação também tinha como objetivo criar associações através de profissionais da área que exercessem algum papel de liderança. A professora Laís Aderne, natural de Diamantina-MG, que ensinava na época na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), criou, com os professores e alunos do curso de especialização, a ANARTE com seus núcleos, em fevereiro de 1984. No mesmo ano de 1984, foi criada a AGA...

Que é a Associação Gaúcha de Arte/Educação, é a única associação que não nasceu em Porto Alegre (na capital), que ela nasceu em Bagé e em Santa Maria, núcleos antes... Depois a gente se reuniu em Porto Alegre... Veio também o pessoal de Rio Grande que formou um núcleo... Essas três cidades é que realmente tinham já organizações e aí em Porto Alegre se fundou... A primeira diretoria da AGA foi em Bagé, não foi em Porto Alegre. (RICHTER, 2010)

Depois veio a Associação de Arte/educadores do Distrito Federal – ASAE-DF.

Constatada a necessidade de representação das diversas associações estaduais em uma organização a nível nacional, foi criada uma Comissão Pró-Federação Nacional de Arte/Educação durante o II Simpósio Internacional de História da Arte/Educação, realizado na cidade de Salvador-BA, em agosto de

1986. A comissão se organizou em forma de mandala, na qual “cada pessoa que enviasse uma correspondência, deveria enviar cópias a todas as outras, de maneira que todas estivessem a par das discussões e ideias que fossem surgindo” (RICHTER, apud BARBOSA, 2008, p. 325). O estilo mandala foi seguido pelo Grupo Mandala de Estudos, que tinha a mesma forma de comunicação da Comissão Pró-Federação. Um dos boletins da FAEB fala que...

O Grupo Mandala de Estudo foi criado com a finalidade de possibilitar a troca, entre interessados num assunto, de reflexões, bibliografia, informações, experiências... É a acessibilidade de conversa entre profissionais por correspondência. É Mandala porque cada um responde e escreve sempre a todos de seu grupo de modo que todos participam das reflexões. Por exemplo, A escreve a B, C, D e E. Se B quer responder, envia cópia aos outros também e assim por diante (FAEB, 1990, p.10)

A criação dessa comissão foi definida no documento com o título de “Comissão Pró-Federação Nacional de Arte/Educação”, cujo conteúdo mostra a resolução dos arte/educadores presentes no simpósio em criar tal comissão, com os objetivos de integrar as associações na luta pelo fortalecimento da arte/educação no Brasil, representar os arte/educadores nacionalmente, melhorar a qualidade de ensino em todos os níveis, agilizar a comunicação de informações de interesse da classe e fazer intercâmbio entre as associações. Assinou o documento as ANARTES Alagoas, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe; representantes do Acre, Amazonas, Pará, Rondônia (Estados que ainda não possuíam associações); as Associações de Arte/Educadores do Distrito Federal – ASAE-DF, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul; pró-núcleos de Minas Gerais; Sobrearte e Pró-Núcleo do Rio de Janeiro; Associação de Arte/Educadores do Estado de São Paulo – AESP; APAEP, do Paraná, Santa Catarina e a Associação Gaúcha de Arte/Educadores – AGA (RICHTER, 2008).

Após mais de um ano de trabalho da Comissão Pró Federação, finalmente “a fundação da FAEB aconteceu no dia 18 de setembro de 1987, por ocasião do I Festival Latino-Americano de Arte e Cultura – FLAAC, em Brasília” (RICHTER, 2008, p. 326). Quanto à liderança da FAEB,

Foi votada a primeira diretoria provisória, sendo eleitas Laís Aderne – Presidente, Ivone Mendes Richter – Vice-Presidente e Miriam Celeste Ferreira Dias Martins – Secretária Executiva... Foi eleita com mandato de um ano com a finalidade de promover o primeiro congresso. (RICHTER, 2008, p. 326 e 327).

A FAEB foi criada da necessidade que se tinha de congregar as associações de arte/educadores estaduais e regionais que já existiam desde 1982. Em 1987, quando a FAEB foi criada, havia quatorze associações em todo o Brasil. A organização existe para representar os profissionais da área de arte/educação diante do poder público, lutar por melhores condições de trabalho e discutir, conceitualmente, sobre temas da área. Porém, os membros da FAEB se encontram anualmente no CONFAEB (Congresso da Federação de Arte/Educadores do Brasil), que é o espaço que a Federação tem para se organizar. Portanto, faz-se necessário construir, também, um histórico dos CONFAEBs que existiram desde o ano de 1988. Estarei relatando acerca desses congressos que são organizados pela FAEB todos os anos, em algum Estado do Brasil.

2.2. Breve Histórico dos CONFAEBs

Como dissemos anteriormente, a Federação de Arte/Educadores do Brasil – FAEB reúne seus sócios, todos os anos, em um dos Estados do território brasileiro, para discutir, conceitualmente, acerca de temas relacionados à Arte/Educação. O primeiro Congresso da FAEB realizou-se em Brasília, mas foi em Recife, no ano de 1993, que a equipe de organização do evento, na liderança do professor Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo, “batizou” o Congresso de CONFAEB – Congresso da Federação de Arte/Educadores do Brasil. Ivone Richter (2008) faz um excelente retrospecto dos CONFAEBs, nos primeiros vinte anos da federação, revelando que o primeiro congresso da FAEB foi realizado logo no ano posterior à criação oficial da FAEB, que foi em 1987, como veremos a seguir.

O I Congresso da FAEB, organizado pela professora Laís Aderne, que era, naquele ano, a presidente da diretoria provisória, aconteceu na cidade satélite de Brasília, Taguatinga, no ano de 1988. As discussões conceituais foram intensas, especialmente em relação à formação do professor de Arte e

da nova LDB. Apesar de não ter tido grandes nomes de palestrantes, foi um evento muito importante, pela profundidade das discussões. A diretoria provisória foi constituída mediante a primeira eleição em uma assembleia da FAEB, sendo reconduzidas Laís Aderne, Ivone Mendes Richter e Miriam Celeste Ferreira Dias Martins, com um mandato de dois anos.

Brasília sediou o II Congresso da FAEB em 1989, juntamente com o III Encontro Latino Americano de Arte/Educação – ELAE. O destaque foi o artigo que Ana Mae Barbosa, Miriam Celeste Ferreira Dias Martins e Ivone Mendes Richter redigiram para enviar para o relator da LDB, George Hage e à Câmara dos Deputados de Brasília.

Em 1990, a cidade de São Paulo recebeu o III Congresso com a organização da Secretária da FAEB, Miriam Celeste Ferreira Dias Martins, e da AESP. Fayga Ostrower participou com uma palestra sobre a sensibilidade. A diretoria que atuou nos anos de 1989 e 1990 foi substituída pela nova diretoria, assim constituída: Presidente – Ivone Mendes Richter, Vice-Presidente – Afonso Medeiros (Belém do Pará) e Secretário – Marcos Villela Pereira, da AGA.

Para inaugurar as ações da FAEB, na década de 90, foi realizado, em 1991, o IV Congresso, na cidade de Porto Alegre, organizado pela presidente, Ivone Mendes Richter, pelo secretário, Marcos Villela Pereira, e pela AGA. Esse congresso foi idealizado para, entre outros objetivos, divulgar o nome da FAEB. Foram convidados treze palestrantes de vários países como Alemanha, Canadá, Argentina, Chile, Itália, Venezuela e Inglaterra. Entre os convidados, encontrava-se Elliot Eisner, dos Estados Unidos. A FAEB fez parceria com a Fundação IOCHPE para trazer os conferencistas. Teve a participação de mais de mil inscritos e o tema foi “Ensino de Arte: Alienação ou Compromisso?”.

Em 1992, ocorreu o V Congresso da FAEB, em Belém do Pará, organizado pela Associação de Arte/Educadores do Pará – AAEP, liderada por Ana Del Tabor e João Mercês. O tema do evento foi “Arte/Educador: Reflexão e Práxis”. Foi realizado o primeiro Fórum Nacional de Estudos pela Reformulação do Ensino Superior das Artes em paralelo ao congresso, com participação de várias universidades. Houve também a eleição da nova diretoria, que ficou assim constituída: Presidente – Marcos Villela Pereira, Vice-

Presidente – Geraldo Araújo (RJ) e Secretária Executiva – Lúcia Monte Serrat Bueno (MS).

O VI Congresso aconteceu em Recife, no ano de 1993, com o tema: “Alfabetização Estética: da Criação à Recepção, Projeto para o 3º Milênio”. Foram homenageados, neste congresso, Augusto Rodrigues e Ivone Mendes Richter. Paralelamente ao VI CONFAEB, ocorreu o 2º Fórum de Currículos, com a presença de representante do Ministério da Educação e Cultura – MEC.

Campo Grande, Mato Grosso do Sul, sediou o VII Congresso da FAEB, no ano de 1994, em conjunto com o III Encontro Latino-Americano de Arte/Educadores que inspirou o tema do congresso: “Educação Estética para a América Latina”. A organização do evento foi da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, liderada por Lúcia Mont’Serrat Bueno, Maria Alice Rossi Otto e Eluiza Guizzi. A mesma comissão se responsabilizou por mais um evento na ocasião, o II Fórum Nacional de Avaliação e Reformulação do Ensino Superior das Artes, a cargo da CEEARTES (Comissão de Especialistas de Ensino de Artes e Design) e da SeSu-MEC (Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação), presidida pela professora Ana Mae Barbosa. A nova diretoria eleita nesse VII CONFAEB foi assim constituída: Presidente – Ana Del Tabor, de Belém do Pará, Vice-Presidente – Lucimar Belo (MG) e a Secretária Executiva ficou como responsabilidade da Associação de Arte/Educadores do Pará.

O VIII Congresso aconteceu em Florianópolis, em 1995, tendo como tema: “Ensino de Arte e a Socialização dos Bens Artísticos”, organizado pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Infelizmente, a presidente da FAEB, Ana Del Tabor, e a AAEP – Secretária Executiva não puderam participar do congresso. A Vice-Presidente, Lucimar Belo, representou a diretoria. A ausência da presidente fez os membros refletirem que a FAEB e a organização do evento devem se responsabilizar ao menos pelas despesas do presidente, a fim de garantir a presença do mesmo.

Não havia local para sediar o IX Congresso, em 1996. A presidente da AESP, Roberta Puccetti, assumiu a organização do mesmo e realizou-o na cidade de Campinas, com o apoio integral da PUC de Campinas. O tema do congresso foi: “Ensino de Arte: Rumos, Ações e Resistências”, com foco no

aspecto científico, abordando metodologias e o aspecto histórico, através de uma mesa redonda com os Presidentes da FAEB. A nova diretoria para o biênio 1997-1998 foi eleita na ocasião do IX Congresso, ficando assim estabelecida: Presidente – Alice Benvenuti (RS), Vice-Presidente – Roberta Puccetti (SP) e a Secretária Executiva ficou a cargo da AGA e da AESP. Estava para ser votada na Câmara a proposta de Darcy Ribeiro para a LDB, que já havia sido aprovada pelo Senado, a qual abolia a obrigatoriedade do ensino da arte. Os arte/educadores presentes no congresso fizeram manifestações políticas em favor da permanência da Arte no texto final da LDB. Uma das ações políticas mais importantes foi “a manifestação da FAEB-AESP na Bienal de 1996, cobrindo de panos negros as esculturas públicas... Lucimar Belo e Roberta Puccetti estavam entre os líderes do protesto” (BARBOSA, 2008, p. 21). O ato de cobrir as esculturas de negro representava o luto da categoria que estava insatisfeita com a possibilidade de o Ensino de Arte ficar fora do currículo escolar. Graças aos esforços da categoria e aliados, o texto final da LDBEN nº 9394/96 foi aprovado com a inclusão da Arte como obrigatória no currículo escolar em todos os níveis da Educação Básica.

Em 1997 a FAEB completou dez anos de fundação e o X Congresso foi realizado em Macapá, com o tema: “Qualidade e Produção para o Ensino de Arte”. A organização foi do professor José Alberto Tostes, com apoio integral da Universidade Federal do Amapá. “Não poderíamos escolher melhor local para comemorarmos os nossos dez anos de luta, olhando o Brasil bem do norte, em direção ao sul, ao sudeste, ao nordeste, ao centro-oeste, em direção à América Latina” (RICHTER, 2008, p. 331).

Brasília sediou o XI Congresso da FAEB, em 1998, organizado por Augusto Neto e Maria Célia Rosa, conhecida por nós como Celinha. A ASAE/DF e a UNB deram apoio ao evento. O tema foi: “Políticas Educacionais e Culturais no Limiar do Século XXI”, que objetivava buscar políticas claras para garantir o acesso à educação e à cultura às crianças e aos jovens brasileiros. Para a gestão 1999-2000 foram eleitos: Presidente – Augusto Neto e Vice-Presidente – Roberta Puccetti.

Em 1999 o XII Congresso da FAEB ocorreu em Salvador, com o tema: “É Possível Ensinar Arte? Globalização, Identidade e Diferença”. Como não

havia uma associação baiana, duas universidades se responsabilizaram pela organização do evento junto a FAEB. A professora Ivone Mendes esclarece que...

Grandes problemas e preocupações surgem desta parceria para a FAEB e sua diretoria. Todos nós nos envolvemos no intuito de salvar a FAEB de algo mais grave, que felizmente não ocorreu. Devido a este enorme susto, o próximo congresso da FAEB que deveria acontecer em 2000, foi transferido para 2001 (RICHTER, 2008, p. 331).

Entramos no novo milênio com uma defasagem no calendário dos Congressos da FAEB. O primeiro Congresso dessa era é o XIII CONFAEB que, mais uma vez, foi realizado em Campinas, em 2001, com organização de Roberta Puccetti, que estava como presidente interina da FAEB. O tema foi: “Ensino de Arte: História e Perspectivas”. A diretoria eleita para o Biênio 2002-2003 foi: Presidente – Roberta Puccetti e Vice-Presidente – Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo (PE).

O XIV Congresso da FAEB ocorreu em Goiânia, sob a responsabilidade de Irene Tourinho, com o apoio da Universidade Federal de Goiás – UFG. Porém, esse congresso, que deveria ser realizado em 2002, foi transferido para o ano de 2003. O tema do evento foi: “Arte/Educação: Culturas do Ensinar e Culturas do Aprender”. De acordo com a professora Irene Tourinho, em resposta ao questionário, “o fio condutor foi a construção e demanda por uma postura docente sensível em relação à pluralidade e diversidade cultural nas práticas educativas”. Para a professora Irene Tourinho, a programação cultural foi pensada como parte integrante do evento, e não como um apêndice, pois considera um ponto de extrema importância para a nossa formação como educadores. A organização do congresso programou espetáculos de dança e teatro, exposições e mostra de vídeos abertos para os participantes do evento e para toda a cidade, com o objetivo de que os congressistas conhecessem a cultura local (TOURINHO, 2011). “Nesta ocasião foi eleita a diretoria para o biênio 2003-2005, ficando José Mauro Barbosa Ribeiro como presidente” (RICHTER, 2008, 332).

O XV Congresso da FAEB ocorreu em 2004, no Rio de Janeiro, organizado pela FAEB, na pessoa do seu presidente, José Mauro Barbosa Ribeiro, em parceria com a Fundação Nacional de Arte – FUNARTE, tendo

como tema: “Trajetória e Políticas do Ensino da Arte”. Foi homenageada a professora Noêmia Varela, da Escolinha de Arte, e Geraldo Salvador de Araújo, que lutou pela arte/educação no Rio de Janeiro e pela FAEB e morreu precocemente. Aquele congresso e o ressurgimento da Associação de Arte/Educadores do Rio de Janeiro foram frutos do seu trabalho como arte/educador. Também foi homenageado o Professor Marco Antonio Camarotti Rosa, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, falecido em outubro de 2004, com um texto de sua aluna, Arheta Ferreira de Andrade, sob o título “Homenagem ao Professor Camarotti”. Estava presente nesse congresso a professora Ana Mae Barbosa, que abriu o evento com a conferência intitulada “Arte/Educação Contemporânea e Culturalista”, a professora Laís Aderne, que ainda estava entre nós, as professoras americanas Jacqueline Chanda e Vesta A. H. Daniel e a professora Livia Marques Carvalho, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, que apresentou o tema “Reflexões sobre o Ensino da Arte no Âmbito das ONGs”.

O XVI Congresso da FAEB, que seria realizado no ano de 2005 e transferido para o ano de 2006, ocorreu em Ouro Preto, Minas Gerais, com a organização da Associação Mineira de Arte/educadores – AMARTE, liderados pela presidente Adriana Valéria Pessoa e Lúcia Gouvêa Pimentel. Estavam também presentes, entre os líderes da organização, a professora Laís Aderne e o presidente da FAEB, José Mauro Barbosa Ribeiro⁸. O tema do evento foi: “Unidade na Diversidade: Conceitos e Metodologias no Ensino da Arte”, que foi abordado por Ana Mae Barbosa em conferência de abertura. “Este CONFAEB contou com a parceria da Universidade Federal de Ouro Preto, além da Secretaria de Educação e da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG” (RICHTER, 2008, p. 332). Ao perguntarmos sobre o que foi considerado pela equipe organizadora quando escolheram os palestrantes, a professora Adriana Valéria respondeu que considerou...

A relevância do trabalho para o ensino de arte. O que não poderíamos era privilegiar grupos de interesses particulares, disponibilizando mesas. Manter as mesas dentro da coerência, de palestrantes que com suas falas e seu trabalho pudessem dar destaque à importância do movimento dos arte/educadores, da FAEB, das associações regionais, da integração com as

⁸ De acordo com a professora Adriana Valéria em resposta ao questionário.

instituições representativas internacionais e dos processos democráticos, foi o que tentamos assegurar. Bem como, trazer para o debate experiências significativas.⁹

A diretoria para o biênio 2007-2008 foi eleita da seguinte forma: Presidente – José Mauro Barbosa Ribeiro (reeleito) e Vice-Presidente – Luciana Grupelli Loponte (AGA).

O XVII Congresso da FAEB foi realizado em Florianópolis, em 2007, e organizado pela Associação de Arte/Educadores de Santa Catarina – AAESC, com o apoio da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, sob a coordenação geral da professora Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva e da professora Maria Lucila Horn. Com o intuito de comemorar as duas décadas de fundação da FAEB, o tema foi: “FAEB: 20 Anos de História”. A mesa de abertura, que teve como título “FAEB: 20 Anos de História: o Ensino de Arte no Brasil”, foi composta pela professora Ana Mae Barbosa (USP), pelo professor José Mauro Barbosa Ribeiro (Presidente da FAEB e UNB) e pela professora Ivone Mendes Richter (UFSM). Sobre o conceito desse Congresso, a professora Maria Cristina fala que

Não dá para dizer que existiu um conceito único, mas um conjunto de conceitos subjacentes às relações de poder, que estavam postas já na organização da FAEB. Acho que o conceito mais unânime era a ideia de mostrar as conquistas nos 20 anos de história.¹⁰

As cidades do Crato e Barbalha, do Cariri Cearense, sediaram o XVIII Congresso da FAEB, em 2008. A organização foi do professor Fábio José Rodrigues da Costa, com o apoio da Universidade Regional do Cariri – URCA. O tema do congresso foi: “Arte/Educação Contemporânea: narrativas do ensinar e aprender”. A mesa de abertura do Congresso foi coordenada pelo presidente da FAEB, José Mauro Barbosa Ribeiro, e pelo coordenador geral do evento, Fábio José Rodrigues Costa, que apresentaram as autoridades das instituições que apoiaram o evento: Professor Plácido Cidade Nuvens (Reitor da URCA), Sr.^a Silvana Meireles (Secretária de Articulação Institucional do MINC), Sr. Carlos Artexes (Ministério da Educação), Senhor Auto Filho

⁹ De acordo com a professora Adriana Valéria em resposta ao questionário.

¹⁰ De acordo com a professora Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva em resposta ao questionário.

(Secretário de Cultura do Ceará) e Sr.^a Ivana de Siqueira (Organização dos Estados Ibero-Americanos – OIE/Brasil). Infelizmente, esse congresso não contou com a participação da professora Ana Mae Barbosa, pois ela sofreu um acidente no México e não foi autorizada por seu médico a viajar. Na carta que ela pediu que José Mauro lesse, dizia que tinha participado de todos CONFAEBs, estava faltando justamente aquele, que seria no coração do sertão nordestino. E esse foi o ponto alto do congresso: refletir conceitualmente sobre ensino de arte em um local, muitas vezes, esquecido pelos centros brasileiros. Houve eleição de uma nova diretoria, que foi assim constituída: Presidente – Jacqueline MacDowell (AERJ), Vice-Presidente – Maria Cristina Rosa Fonseca da Silva (AAESC), 1^a Secretária – Adriana Carla de Aquino (ANARTE/PE), 2^a Secretária – Hildima Ramos da Silva (AAEAP), 1^a Tesoureira – Adriana Russi Tavares de Melo (AERJ) e 2^a Tesoureira – Lêda Guimarães (UFG)

Em 2009, a professora Lúcia Gouvêa Pimentel organizou o XIX Congresso da FAEB, juntamente com o Congresso Latino-Americano e Caribenho de Arte/Educação – CLEA, em Belo Horizonte, com o apoio integral da UFMG. Paralelamente ao CONFAEB e ao CLEA, também aconteceu o Encontro Nacional de Arte/Educação, Cultura e Cidadania. O tema do evento foi “Concepções Contemporâneas”, que apresentou vários conferencistas de âmbito internacional, pelo fato de o CLEA ser um Congresso Latino-Americano. O CLEA terminou sendo o evento que liderou os outros eventos que eram nacionais. A organizadora Lúcia Gouvêa falou do evento como um congresso que...

Foi pensado como um momento oportuno para refletir sobre o que se costuma se chamar arte/educação ou educação artística nos países latinos americanos e da região do Caribe, a partir das concepções contemporâneas. É sentida a profunda necessidade de estreitar as inquietações quanto à prática da arte/educação e da educação para a cultura nesse contexto. Pretende-se, ainda, promover momentos de interação com especialistas dos países ibéricos, possibilitando o conhecimento das ações e pesquisas ibero-americanas na contemporaneidade.¹¹

¹¹ De acordo com a professora Lúcia Gouvêa Pimentel em resposta ao questionário

Houve duas mudanças interessantes que ocorreram nesse Congresso da FAEB que o diferenciou dos outros: primeira, as comunicações não foram apresentadas individualmente: foram divididas por áreas e temas. E cada grupo tinha sua dinâmica de “apresentação”. O grupo em que participei, o grupo verde, coordenado por Christina Rizzi, Maria Célia Rosa e Lorena Best, discutiu, em subgrupos, um roteiro de quatro perguntas sobre nossas pesquisas, cujo resultado foi, posteriormente, socializado no grande grupo. A segunda mudança foi em relação às assembleias da FAEB. Enquanto no congresso anterior, em Belo Horizonte, foi reservado apenas um dia para a realização das mesmas, nesta tivemos três encontros durante todo o evento: o primeiro, na quarta-feira, à noite, que abrangeu um grupo pequeno. Desta feita, comprometemo-nos a chamar representantes de associações de outros estados que não compareceram àquela reunião. Na quinta-feira, a sala ficou repleta de membros das associações, o que fez com que as discussões tivessem sido animadoras. Na sexta-feira, mudamos para o auditório e realizamos a assembleia geral. A pauta das discussões foi: o valor da anuidade que as associações pagariam à FAEB; associação individual diretamente à FAEB e o local onde seria realizado o CONFAEB em 2010.

Ao final do XIX Congresso da FAEB, os participantes foram para o Museu de Arte Contemporânea em Inhotim, onde apreciaram obras de arte contemporâneas e a natureza.

Em 2010, Goiânia recebeu o XX Congresso da FAEB que discutiu o tema: “Indivíduos, Coletivos, Comunidades, Redes”. Foi organizado pela professora Lêda Guimarães e teve o apoio integral da UFG. Paralelamente ao CONFAEB, ocorreu o VII Seminário do Ensino de Arte do Estado de Goiás. Uma das parcerias da FAEB para a realização do seu Congresso foi a Ciranda de Arte que...

É um espaço que agrega professores para discussão, reflexão e sistematização de experiências desenvolvidas no ensino das artes, nas suas diversas manifestações. De modo coletivo, tem construído a referência para a elaboração de currículos, projetos e propostas pedagógicas para a área, consolidando uma rede colaborativa entre os profissionais. Serve-se ainda de “suporte acadêmico aos projetos de formação continuada em serviço dos docentes dessa área do conhecimento” (GOIÁS, 2009, p. 40).

Principalmente na apresentação dos Pôsteres, vimos muitas professoras e professores apresentarem trabalhos, frutos das pesquisas realizadas na Ciranda da Arte. O entusiasmo e a motivação das professoras e professores eram perceptíveis. Houve eleição da nova diretoria da FAEB, para o biênio 2011-2012, ficando assim constituída: Presidente – Arão Nogueira Paranaguá de Santana (UFMA), Vice-Presidente – Lêda Maria de Barros Guimarães (UFG), Diretor Financeiro – Maria das Vitórias Negreiros do Amaral (UFRPE), Diretor de Articulação Política – Ana Del Tabor Vasconcelos Magalhães (UFPA) e Diretor de Relações Internacionais – Rejane Galvão Coutinho (UNESP). Como podemos perceber, há uma modificação dos termos das funções da diretoria. Antes, tínhamos Presidente, Vice-Presidente, que permaneceram, 1º e 2º Secretários e 1º e 2º Tesoureiros. Agora temos diretores. Outro acontecimento marcante foi a representação das associações estaduais que falaram sobre sua situação. Percebemos que precisamos nos fortalecer enquanto associações, mas ainda temos força como um grupo que pertence a FAEB.

Em 2011, o XXI CONFAEB foi realizado na cidade de São Luis, no Estado do Maranhão. O local do evento foi a Universidade Federal do Maranhão – UFMA, sob a liderança do professor Arão Paranaguá de Santana, o atual presidente da FAEB. O tema do XXI CONFAEB foi “Culturas da Pesquisa – Arte, Educação e Tecnologia”. Ocorreu de 14 a 18 de novembro de 2011. Uma marca desse congresso foi a volta das oficinas, que não tinham sido oferecidas nos três últimos CONFAEBs. Outro ponto importante de salientar é a característica própria do professor Arão, que, por ser da área de Teatro, se dispôs a realizar algumas performances.

A FAEB foi criada para representar as associações e os núcleos estaduais no nível nacional. Como associações, tentamos nos reunir durante todo ano, porém como FAEB, há apenas um encontro anual que é...

“O grande momento dos arte/educadores de todo o Brasil. É ele que sustenta a FAEB em sua luta política e oportuniza o conhecimento e as discussões teóricas, a pesquisa, os relatos e a troca de experiências sobre o ensino da arte. É neste evento que os arte/educadores iniciantes em sua trajetória se encontram com aqueles que já vêm de longo tempo nesta caminhada, é quando o entusiasmo contamina a todos e faz surgir novas lideranças” (RICHTER, 2008, p. 333)

Por diversos momentos, membros da FAEB sugeriram que o CONFAEB fosse realizado de dois em dois anos, porém a pessoa que mais se opôs foi a professora Ivone Mendes, que disse que “é por tudo isso, a meu ver, que o congresso deve acontecer a cada ano, em outro canto do país, de maneira a levar a todos esta nossa incansável batalha pelo ensino da arte de qualidade para todos” (RICHTER, 2008, p. 333).

Nos dez primeiros anos da FAEB, o CONFAEB foi realizado anualmente. Não pôde ser realizado no ano de 2000, de 2002 e 2005. Desde o ano de 2006, o CONFAEB vem sendo realizado e já está sendo planejado o XXII que será realizado na cidade de São Paulo, sob a liderança da professora Rejane Coutinho (UNESP).

E baseados nessa experiência, corroboramos com a professora Ivone Richter: a FAEB precisa da realização do CONFAEB todo ano, porque precisamos como membros nos fortalecer com a presença do outro que reside em outras partes do Brasil¹².

2.3. FAEB, CONFAEB e Suas Concepções

A FAEB é comprometida com duas ações importantes e complementares, desde a sua fundação: a atuação política e a pesquisa e discussão conceitual sobre o ensino de arte (RICHTER, 2008). Ela nasceu comprometida com os ideais políticos da Semana de Arte e Ensino, realizada em 1980, cujo objetivo era lutar pela melhoria do ensino de arte, a obtenção do respeito da sociedade pela disciplina Arte, a mudança do nome da atividade “Educação Artística” para a disciplina “Arte”, entre outras lutas políticas.

A pesquisa e discussão conceitual são evidenciadas nos encontros e congressos da FAEB através das mesas redondas, apresentações de comunicações, painéis e posters, enfim, em todas as discussões realizadas em

¹² Fui questionada pela banca de professores, durante a qualificação, se não seria melhor ter um CONFAEB organizado a cada dois anos, pois, talvez o nível de organização melhorasse e oferecesse melhores condições para as discussões conceituais e para a organização da luta política. Porém, particularmente, creio que se estabelecemos um prazo bienal para organização do CONFAEB, caso não seja possível a organização de algum deles (como já aconteceu na trajetória dos CONFAEBs), os sócios da FAEB ficariam no mínimo três anos sem se encontrarem e isso enfraqueceria o grupo de profissionais da área de arte/educação.

um evento. Porém, como diz a professora Ivone Richter, essas duas ações – atuação política e a pesquisa e discussão conceitual – são complementares.

É por tudo isso que quando lutamos por melhores condições de trabalho e pelo reconhecimento da categoria, estamos baseados nos conceitos do ensino da arte para atuarmos politicamente. Da mesma forma que, quando nos reunimos em um Congresso da Federação de Arte/Educadores – CONFAEB para discutirmos nossas pesquisas em ensino de arte, estamos, também, nos posicionando politicamente.

A FAEB tem representado as associações e núcleos de arte/educadores em nível nacional. Por sua vez, as associações e núcleos representam os arte/educadores em nível local. Não somos sindicato, mas podemos fazer parceria com os mesmos para lutar legalmente pelos nossos direitos de profissionais da área de ensino da arte. Essas duas ações, discussão conceitual sobre temas da área de arte/educação e luta política, apontam para concepções como democracia e direito à pesquisa e a discussão de temas como multiculturalidade e interculturalidade, proposta triangular, políticas públicas.

Quando a FAEB ainda estava sendo planejada através da Comissão Pró-Federação Nacional de Arte/Educação, que foi criada no II Simpósio Internacional de História da Arte/Educação, realizado em Salvador, no ano de 1986, ela já foi criada com algumas finalidades:

Integração das Associações na luta comum pelo fortalecimento e valorização da arte/educação no Brasil. Representatividade nacional perante o poder público, entidades e instituições. Melhoria da qualidade de ensino da arte em todos os níveis na educação formal e informal. Alerta e mobilização em relação às situações que ponham em risco crenças e princípios da arte/educação. Agilização da comunicação de toda informação de interesse da classe. Intercâmbio entre as associações de atuações, experiências e pesquisas. Socialização da informação e possibilidade da participação através das associações nacionais, estaduais, interestaduais e núcleos municipais (RICHTER, apud BARBOSA, 2008, p. 326).

Observando as finalidades da Comissão Pró-Federação citadas pela professora Ivone Richter, podemos relacionar algumas concepções básicas da FAEB de hoje. A primeira finalidade era a integração das Associações na luta comum pelo fortalecimento e valorização da arte/educação no Brasil, que tem uma relação com um dos pilares da FAEB – a luta política pela melhoria do

ensino de arte no Brasil. A luta política, por sua vez é um dos elementos de uma concepção mais ampla e geral, que denominamos de Políticas Públicas. Como foi explicitado no primeiro capítulo, as décadas de sessenta e setenta foram marcadas pelo enfrentamento dos movimentos sociais aos desmandos do poder público, porém uma das características dos movimentos sociais, no Século XXI, é a perspectiva propositiva dos mesmos. Portanto, o papel das políticas públicas se tornou muito importante para a negociação das melhorias de condições de trabalho das categorias, frente aos poderes públicos. Desta forma, a FAEB utiliza, sim, a luta política, porém numa perspectiva propositiva, usando o diálogo como o meio mais eficaz para as mudanças positivas na área da arte/educação.

A valorização, tanto da “Arte” como disciplina quanto do campo da arte/educação, tem relação com a multiculturalidade e interculturalidade, que se constituem na existência de várias culturas, vários conhecimentos e na legitimidade de haver a inter-relação entre eles. Portanto, baseados na multiculturalidade e interculturalidade, os membros da FAEB lutam para que a disciplina “Arte” seja respeitada e valorizada como qualquer outra área do currículo escolar. A própria LDBEN 9.394/96, em seu artigo 26, parágrafo 2º, com redação dada pela Lei nº 12.287 diz que “o ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (BRASIL, 1996). E, de acordo com o texto na LDBEN, ao se valorizar a disciplina de Arte, valorizam-se também os alunos, pois o objetivo é promover seu desenvolvimento artístico e cultural.

A segunda finalidade da Comissão Pró-Federação citada pela professora Ivone Richter é a representatividade nacional perante o poder público, entidades e instituições. Tal finalidade tem relação também com a luta política e políticas públicas. A FAEB procura agir de acordo com princípios democráticos em que os profissionais da área de arte/educação têm o direito de lutar por representatividade diante do poder público.

“Melhoria da qualidade de ensino da arte em todos os níveis na educação formal e informal” (Richter, 2008, p. 326) é a próxima finalidade citada no documento da Comissão Pró-Federação de Arte/Educadores do

Brasil e que tem uma ligação com o outro pilar da FAEB: a discussão teórica sobre a área de arte/educação, que ocorre nos CONFAEBs. Portanto, se há um espaço de reflexão para os profissionais da área atualizarem seus conhecimentos, uma das consequências será a melhoria do nível dos professores de Arte e, conseqüentemente, a melhoria da qualidade do ensino de arte na educação formal e informal. Entendo que para que haja uma melhoria da qualidade de ensino, não basta apenas discussão teórica nos CONFAEBs, mas é necessário um conjunto de ações, que apontam mais uma vez para as políticas públicas.

“Alerta e mobilização em relação às situações que ponham em risco crenças e princípios da arte/educação” (Richter, 2008, p. 325-326) é a quarta finalidade citada no documento. Portanto, os princípios da arte/educação são concepções de base para a FAEB. A professora Ivone Richter cita como princípios da arte/educação “a defesa da qualidade no ensino da arte e da luta contra a chamada ‘polivalência’” (RICHTER, apud BARBOSA, 2008, p. 323).

“A agilização da comunicação de toda informação de interesse da classe”; “o intercâmbio entre as associações de atuações, experiências e pesquisas”; “a socialização da informação e possibilidade da participação através das associações nacionais, estaduais, interestaduais e núcleos municipais” (Richter, 2008, p. 326) são as outras finalidades que têm relação com a democracia, o respeito aos membros de municípios e estados distintos, que, por sua vez, apontam para a multiculturalidade e interculturalidade, como também para a luta política e as políticas públicas.

Diante dessas finalidades da Comissão Pró-Federação Nacional de Arte/Educadores, podemos perceber que a FAEB nasceu já com objetivos embasados por concepções de democracia, multiculturalidade, interculturalidade, luta política e políticas públicas, bem como com a discussão conceitual acerca da arte/educação. No terceiro capítulo, irei discorrer sobre as concepções dos CONFAEBs de 2001 a 2010, que estão nos Anais dos mesmos, e as concepções relatadas pelos organizadores dos congressos.

3. CONCEPÇÕES QUE FORAM BASE PARA OS CONFAEBs QUE OCORRERAM EM 2001 A 2010, NA VISÃO DE SEUS ORGANIZADORES

Neste capítulo, estarei relacionando as concepções que serviram de base para as discussões realizadas nos CONFAEBs de 2001 a 2010, na visão de seus organizadores. Com o propósito de fazer um levantamento dessas concepções, entrevistei seis dos oito organizadores dos CONFAEBs realizados no período de 2001 a 2010. A entrevista foi feita através de e-mail e teve um roteiro que foi respondido por seis dos sete sujeitos da pesquisa. Entrevistei um deles pessoalmente durante o XXI CONFAEB, realizado em São Luis do Maranhão, em novembro de 2011, devido ao fato de o organizador não ter tido oportunidade de responder o roteiro anteriormente¹³.

Todos os anos, profissionais da área de arte/educação se encontram no CONFAEB para discutirem sobre temas da área. O objetivo deste capítulo é descobrir quais as concepções que embasaram tais discussões. Para obter algumas respostas sobre as teorias que foram utilizadas como embasamento conceitual da realização dos CONFAEBs de 2001 a 2010, enviei um roteiro de perguntas aos organizadores desses CONFAEBs com a finalidade de discutir as várias etapas da organização de um congresso nacional de arte/educadores. O roteiro está na seção de anexos desta dissertação, porém, estarei discutindo as respostas dadas às questões que foram elaboradas com a finalidade de construir uma visão mais abrangente de cada organizador de CONFAEB acerca de suas concepções.

3.1. Perfil dos sujeitos da pesquisa

Os sujeitos desta pesquisa são os seis organizadores dos CONFAEBs que responderam o roteiro de perguntas que enviei para os mesmos e o organizador que entrevistei pessoalmente, perfazendo, portanto, sete sujeitos. São cinco mulheres e dois homens. Utilizo a sigla CONFAEB para me referir

¹³ Não obtive resposta de um dos organizadores dos oito CONFAEBs realizados nesse período, apesar de certa insistência de minha parte, porém entendo que as variadas atividades que profissionais da área de ensino são responsáveis, não permitem que o professor assumira mais uma atribuição. Todos os organizadores dos CONFAEBs de 2001 a 2010 são professores de universidades ou de escola de ensino básico.

aos organizadores que responderam aos questionários, sendo que cada letra corresponde a cada um deles, a ordem adotada das letras é de acordo com a ordem cronológica dos CONFAEBs. A partir da Tabela nº 2, utilizo apenas as letras do CONFAEB para me referir aos organizadores para padronizar melhor os quadros. Como vimos no segundo capítulo, os CONFAEBs realizados no período de 2000 a 2010 foram nos anos de 2001, 2003, 2004, 2006, 2007, 2008, 2009 e 2010. E entre os organizadores dos CONFAEBs em pesquisa, apenas o organizador do congresso de 2001 não enviou as respostas do roteiro de questões que enviei.

Os dados dos sujeitos da pesquisa que responderam ao roteiro de perguntas estão distribuídos no quadro abaixo (Tabela nº 1).

Tabela nº 1 – Apresentação dos Sujeitos da Pesquisa.

SUJEITO	ANO	COORDENADOR	ÁREA DE ATUAÇÃO	NÍVEL DE ENSINO DE ATUAÇÃO	REGIÃO	LOCAL DE ATUAÇÃO
C	2003	Irene Tourinho	Artes Visuais	Universitário	CO	Goiás
O	2004	José Mauro Ribeiro	Teatro	Universitário	SE	Brasília ¹⁴
N	2006	Adriana Pessoa	Artes Visuais	Fundamental e Médio	SE	Minas Gerais
F	2007	Maria Cristina Rosa	Artes Visuais	Universitário	S	Santa Catarina
A	2008	Fábio Rodrigues	Artes Visuais	Universitário	NE	Ceará
E	2009	Lúcia Pimentel	Artes Visuais	Universitário	SE	Minas Gerais
B	2010	Leda Guimarães	Artes Visuais	Universitário	CO	Goiás

Podemos observar que os CONFAEBs não foram realizados anualmente, conforme o objetivo da FAEB. Conforme já relatamos, por

¹⁴ O XV CONFAEB foi realizado no Rio de Janeiro, porém, o organizador foi o Prof. José Mauro Barbosa Ribeiro (Presidente da FAEB e Prof. da Universidade de Brasília – UnB), portanto o local do evento foi no Sudeste e o organizador é de Brasília.

problemas operacionais, não foram realizados CONFAEBs em 2000, 2002 e 2005. Corroboro com a afirmação de que...

O Congresso da FAEB é o grande momento de encontro dos arte/educadores de todo o Brasil. É ele que sustenta a FAEB em sua luta política e oportuniza o conhecimento e as discussões teóricas, a pesquisa, os relatos e a troca de experiências sobre o ensino de arte. É neste evento que os arte/educadores iniciantes em sua trajetória se encontram com aqueles que já vêm de longo tempo nesta caminhada, é quando o entusiasmo contamina a todos e faz surgir novas lideranças. É por tudo isso, a meu ver, que o congresso deve acontecer a cada ano, em outro canto do país, de maneira a levar a todos esta nossa incansável batalha pelo ensino de arte de qualidade. (RICHTER, apud BARBOSA, 2008, p. 333).

Se a FAEB fixar a realização dos CONFAEBs bienalmente, como muitos membros já sugeriram em assembleias da FAEB, quando houver problemas operacionais, como existiu em 2000, 2002 e 2005, a realização de um CONFAEB para o outro poderia variar de três a quatro anos de intervalo¹⁵.

Outro dado que podemos perceber na tabela nº 1 é a diversidade de regiões que receberam o CONFAEB. No período de 2001 a 2010 Os congressos foram realizados três vezes na região Sudeste, duas vezes na Região Centro-Oeste, uma vez na Região Sul e uma vez na Região Nordeste. A única Região que não foi vislumbrada neste período foi a Região Norte. Porém, considerando a história dos CONFAEBs, a FAEB realizou dois de seus congressos nessa região, no ano de 1992, no Pará, e em 1997, no Amapá, portanto, o fato de os CONFAEBs terem sido realizados em diversos locais do Brasil confirma o que foi dito pela professora Ivone Richter (apud BARBOSA, 2008, p.333), “que o congresso deve acontecer a cada ano, em outro canto do país”, pois a FAEB tem como uma de suas finalidades socializar os princípios de luta política e discussão conceitual sobre a arte/educação a todos arte/educadores e todas arte/educadoras do Brasil, afinal, FAEB significa Federação de Arte/Educadores do “Brasil”.

¹⁵ Fui questionada durante a minha qualificação pela banca de examinadores se não seria melhor ter o intervalo de dois anos, por exemplo, a fim de que a qualidade da organização dos CONFAEBs melhorasse. Porém, ainda penso que o ideal é ter o CONFAEB anualmente, porque o principal objetivo da FAEB em realizar os congressos é o encontro dos arte/educadores que residem em diversos estados do Brasil para refletirem sobre a área e lutarem, politicamente, pelas melhoras da qualidade do ensino de arte no país. O evento proporciona a única assembleia em caráter ordinário, onde os membros da FAEB têm a oportunidade de realizar no ano. Portanto, no meu entendimento, é fundamental que os CONFAEBs sejam realizados anualmente, pois se por motivos operacionais um deles não puder ser organizado, o intervalo passa automaticamente para dois anos, o que já ocorreu nos anos de 1999/2001, 2001/2003 e 2004/2006. Sem falar que, a mudança do espaço de realização dos CONFAEBs de um para dois anos não garante a qualidade de organização do evento.

Notamos também que, entre os organizadores entrevistados, a maioria ensina em universidades, e apenas uma organizadora ensina em escolas de ensino fundamental e médio. Tratando-se de organizadores, os professores universitários contam com o apoio estrutural das universidades onde lecionam, tornando-se possível, dessa forma, a organização de um evento nacional como o CONFAEB. Porém, a FAEB objetiva reunir profissionais que trabalham com todos os níveis de ensino na área de arte. Como diz um dos organizadores...

... A grande vantagem da FAEB, ela atua na ponta... Eu tanto coordenei uma comunicação como ontem eu fiz a minha. Então nesses dois dias, eu senti o quanto foi importante esses debates ali dentro, os professores da ponta aqueles que... Vendo os relatos de experiência, isso é muito importante pra eles. Eles quando se apresentam, então quando veem, eles muitas vezes dizem “eu também fiz isso”. Isso é auto-estima e alteridade, você entende? Eu acho que a FAEB tem essa função muito forte que é atuar na ponta. E agora, reforçando, atuando também na pós-graduação que é a pesquisa de ponta né? Agora, não pode perder a ponta... Todas as pontas são onde que tem o Ensino Básico, o Ensino Médio... O Infantil. Exatamente ali que começa, não é? Ali é que nós estamos influenciando, inclusive nos Cursos de Pedagogia. (Organizador O).

Portanto, faz parte da filosofia da FAEB incluir em suas reuniões, professores dos diferentes níveis de ensino, do infantil ao universitário. Ela abrange também outros espaços da arte/educação como ONGs, espaços expositivos e locais afins.

Dentre os sete organizadores da pesquisa, cinco são do sexo feminino e dois do sexo masculino, demonstrando que há certa predominância do sexo feminino no magistério e também no ensino da arte. Essa questão também é fundamentada na literatura do campo de arte/educação, onde...

A feminização da carreira docente tem sido pauta de discussão de diversos autores, como Novaes (1984), Apple (1995) e Arce (1997). Estes autores tentam explicar os motivos que historicamente fomentaram o processo de feminização da carreira docente. Defendem que esta profissão ficou marcada pelo preconceito e pelo estereótipo social. Ficou associada como uma “profissão feminina”. Os componentes de “cuidar” e “servir”, associados ao magistério das séries iniciais, atuaram como fatores de segregação e interdição sexual. (NASCIMENTO; et al, 2011).

Diante dessa realidade de feminização da carreira docente, a FAEB reconhece tal condição e trabalha com as mulheres professoras em seu movimento. Porém, os professores homens também participam do movimento da FAEB, destacando-se na organização de CONFAEBs, como vimos na

tabela nº 1, onde há a participação de homens como presidentes da FAEB, integrantes da diretoria e como participantes ativos da FAEB e CONFAEBs.

3.2. As Concepções que Nortearam os CONFAEBs, de Acordo com seus Organizadores

Passo agora a analisar a visão dos organizadores em relação às concepções que nortearam os CONFAEBs (2001 a 2010) por eles organizados. As questões utilizadas para entrevistar os organizadores serão usadas aqui para direcionar e estruturar a escrita da dissertação.

3.2.1. PONTOS CONSIDERADOS PARA ORGANIZAR OS CONFAEBs

Uma das perguntas do questionário enviado aos organizadores dos CONFAEBs foi a seguinte: “que pontos você considerou para organizar o CONFAEB?” As respostas que os organizadores deram estão esquematizadas na tabela nº 2 abaixo: a fim de analisarmos.

Tabela nº 2 – Pontos Considerados para Organizar os CONFAEBs

QUE PONTOS VOCÊ CONSIDEROU PARA ORGANIZAR O CONFAEB?	
C	(1) Questões atuais/emergentes sobre arte educação; (2) necessidade de congregar, através das temáticas, as diversas artes e (3) histórico temático dos eventos da federação.
O	Políticas Públicas, porque o Lula estava entrando, era importante a gente trabalhar com Política, tanto pra levar pessoas do Ministério que era representante da área de Arte/Educação, da área de Cultura, entende? Nós pegamos o momento político.
N	A nossa referência além das conversas com Laís Aderne, Zé Mauro, Lúcia Pimentel e entre os associados da AMARTE era o XV CONFAEB. Tentamos realizar um congresso nos mesmos moldes do XV, pois para nós, ali estava a grande referência de um evento que poderia contribuir de forma significativa para um movimento em prol da melhoria do ensino da arte no país.
F	A organização do CONFAEB em 2007 em Florianópolis foi motivada principalmente pela necessidade de fortalecimento da AAESC e porque em geral acontecem poucos eventos de abrangência nacional no Estado... Três aspectos basicamente foram considerados para organizar o evento: A ideia de mesas que contemplassem várias linguagens (a fim de que o Congresso não fosse de Artes Visuais somente; e que pudéssemos trazer os militantes históricos da entidade para participar do congresso; tratando também dos temas relevantes na ordem do dia, para o ensino de arte).
A	Inicialmente não se tratou de organizar o evento, mas de lançar ao debate a questão da interiorização do congresso. Esta foi a estratégia usada em 2007 para que a assembleia pudesse avaliar a candidatura da URCA para organizar e sediar o CONFAEB de 2008. Com a aprovação pela assembleia o CONFAEB foi orientado pelo que consta no Caderno de Resumos.
E	✓ O know-how das organizações anteriores;

	✓ Um foco de Ensino de Arte e Arte/Educação contemporâneo; ✓ As condições financeiras para sua realização; ✓ As condições de logística disponíveis; ✓ O contexto cultural de Minas Gerais; ✓ O apoio de equipe disponível.
B	A historicidade da data, procurei olhar para a história e ao mesmo tempo pensando em aspectos que apontavam para o tempo presente, como por exemplo, a formação de arte educadores por meio das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação).

Portanto, a pergunta sobre que pontos foram considerados para organizar os CONFAEBs em questão abre a discussão propriamente dita sobre as concepções bases para as reflexões conceituais de tais congressos. Como vemos na tabela nº 2, os organizadores listaram pontos referenciais que os ajudaram a pensar o CONFAEB que organizaram. Analisando as respostas dos organizadores, podemos observar pontos em comum nesses referenciais.

O primeiro ponto mais citado pelos entrevistados foi o que se refere ao CONFAEB anterior ao que eles organizaram. Tomando as palavras dos próprios organizadores, eles disseram que os pontos que eles consideraram foram: “histórico temático dos eventos da Federação” (C); “tentamos realizar um congresso nos mesmos moldes do XV...” (N); “E que pudéssemos trazer os militantes históricos da entidade para participar do congresso” (F); “o Know-how das organizações anteriores” (E); “a historicidade da data, procurei olhar para a história...” (B). Desta forma, dos sete organizadores entrevistados, cinco deles citaram os CONFAEBs anteriores como referenciais para que eles pensassem no congresso em que eles e suas equipes organizariam.

Depois da historicidade dos CONFAEBs, o ponto que mais aparece no quadro nº 2 são as questões atuais da arte/educação, que foram apresentadas da seguinte forma: “questões atuais/emergentes sobre arte educação” (C); “temas relevantes na ordem do dia, para o ensino de arte” (F); “um foco de Ensino de Arte e Arte/Educação contemporâneo” (E); “com a aprovação pela assembleia o CONFAEB foi orientado pelo que consta no Caderno de Resumos” (A); “aspectos que apontavam para o tempo presente, como por exemplo, a formação de arte educadores por meio das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação)” (B). Inclui a fala de (A) nesse ponto, porque o tema do CONFAEB que ele organizou foi “Arte/Educação Contemporânea: narrativas do ensinar e aprender arte”. Portanto, como ele disse que o

CONFAEB foi orientado pelo que consta no Caderno de Resumos, com certeza, a arte contemporânea foi um dos pontos considerados por ele e sua equipe ao organizar o congresso.

Em seguida, percebi que a preocupação com a inclusão das várias linguagens da arte também estão nas falas dos organizadores. (C) falou que pensou na “necessidade de congregar, através das temáticas, as diversas artes e (F) disse que “a ideia de mesas que contemplassem várias linguagens (a fim de que o Congresso não fosse de Artes Visuais somente)” foi um dos pontos que a equipe considerou quando estava organizando o CONFAEB. Observaremos adiante que os anais dos congressos mostram a realidade de que os CONFAEBs tentam contemplar as várias linguagens da arte, ao menos as previstas nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs que são Artes Visuais, Dança, Música e Teatro.

No ensino fundamental a Arte passa a vigorar como área de conhecimento e trabalho com as várias linguagens e visa à formação artística e estética dos alunos. A área de Arte, assim constituída, refere-se às linguagens artísticas, como as Artes Visuais, a Música, o Teatro e a Dança. (BRASIL, 1998, p.19).

Foi também citada a importância da equipe do CONFAEB nas falas de (N) “a nossa referência além das conversas com Laís Aderne, Zé Mauro, Lúcia Pimentel e entre os associados da AMARTE...” e de (E) “o apoio de equipe disponível”. Então, (N) disse que considerou as conversas com a equipe e (E) falou que ponderou sobre a disponibilidade de equipe para ajudar a organizar o evento. Sabemos que não se faz um congresso sem o apoio de uma equipe comprometida com sua organização. Por isso, a FAEB sempre reconheceu a força do grupo.

Após os pontos que foram considerados por mais de um organizador ao elaborar o CONFAEB, restaram os pontos referenciais que foram citados apenas por um organizador, como “Políticas Públicas, porque o Lula estava entrando, era importante a gente trabalhar com Política, tanto pra levar pessoas do Ministério que era representante da área de Arte/Educação, da área de Cultura” (O); “as condições financeiras para sua realização; as condições de logística disponíveis; contexto cultural de Minas Gerais” (E); “a organização do CONFAEB em 2007 em Florianópolis foi motivada

principalmente pela necessidade de fortalecimento da AAESC (Associação de Arte/Educadores de Santa Catarina) e porque em geral acontecem poucos eventos de abrangência nacional no Estado...” (F); “lançar ao debate a questão da interiorização do congresso” (A).

Apesar de terem sido citados apenas uma vez, os pontos referenciais para organização dos CONFAEBs listados no parágrafo anterior fazem parte dos conceitos filosóficos defendidos pela FAEB. As políticas públicas são amplamente debatidas nos CONFAEBs, pois, além de ter sido o tema geral em 2004, foi um dos eixos temáticos das comunicações em 2008. O contexto cultural do local onde o CONFAEB fora organizado, no caso em Minas Gerais, não é escolha arbitrária; a FAEB reconhece todos os contextos culturais dos mais diversos lugares do Brasil como importantes, já que os arte/educadores filiados à FAEB são oriundos de todas as regiões do país. Sobre o fortalecimento da associação local, esse tem sido um dos objetivos da FAEB e do CONFAEB, pois se as associações locais não estiverem fortalecidas a FAEB e o CONFAEB não existirá. E por fim, acerca da interiorização do CONFAEB, a lógica é a mesma a respeito do contexto cultural de cada lugar que tem membros filiados à FAEB, porém com um esforço maior, pois se tratava de organizar um CONFAEB no Cariri cearense, localizado no Nordeste do Brasil, uma região que possui estruturas diferentes e mais frágeis que as estruturas disponíveis no CONFAEB do Rio de Janeiro em 2004, por exemplo.

Diante de todos esses pontos referencias que foram considerados pelos entrevistados para organizar os CONFAEBs, começamos a perceber quão abrangente e profunda é uma organização de um evento nacional que envolve várias etapas, conteúdos para reflexão e pessoas.

3.2.2. EQUIPE DE APOIO AOS COORDENADORES PARA A REALIZAÇÃO DOS CONFAEBs

Outra pergunta feita aos entrevistados foi se ele “organizou só ou teve uma equipe atuante?”. As respostas estão expostas abaixo, na tabela nº 3.

VOCÊ ORGANIZOU SÓ OU TEVE UMA EQUIPE ATUANTE?	
C	Tive uma equipe atuante, conforme consta dos anais.
O	Foi organizador geral do CONFAEB e contou com uma equipe de antigos militantes da Associação do Rio de Janeiro que estava desativada na época do congresso.
N	Além dos nomes já citados (José Mauro, Laís Aderne e Lúcia Pimentel) os demais componentes da equipe, em sua maioria, eram membros da diretoria da AMARTE. Todos arte/educadores, com formação nas diversas áreas: artes visuais, teatro e música.
F	Essa pergunta é interessante, porque durante toda a organização do evento as pessoas tinham a preocupação de que não íamos dar conta do evento porque eu estava muito sozinha. Mas na verdade é que eu nunca estive sozinha, muitas pessoas ajudaram a construir o CONFAEB, ele foi organizado pela AAESC, pelos professores de artes, não havia renomados arte educadores nas fileiras da frente, mas tinham pessoas maravilhosas que trabalharam com afinco para que aquele congresso fosse muito bom!
A	Consta no Caderno de Resumos.
E	Tive uma equipe competente e atuante em todos os momentos. A procedência era a mais variada. Para as tarefas que exigiam profissionais especializados, eles foram contratados entre nossos ex-alunos que são reconhecidos no mercado; para tarefas diversas, houve seleção de bolsistas aberta aos alunos de várias instituições de ensino da área. Tivemos bolsistas de Minas Gerais, do Paraná e de Pernambuco.
B	A organização desse evento foi sui generis, porque começou com o dialogo no grupo da então diretoria da FAEB, fui considerando sugestões, nomes, ao mesmo tempo, ouvi também sugestões de pessoas que fazem parte da FAEB e que estiveram envolvidas com os últimos três encontros. Em relação à equipe, contei com a minha equipe do curso de Licenciatura em Artes Visuais na modalidade à distância, desde a equipe pedagógica... Na parte de secretaria... Na parte técnica de imagem e som... No suporte técnico... Na parte dos Anais... A arte do CD... A parte de identidade visual... Devo mencionar que foi muito importante a contratação de uma gerente de eventos, a Cecília Kanda, pois organizou a infraestrutura: cadeiras, montagem do salão, do palco, das salas, e outras tarefas mais.

De acordo com os organizadores, e como está exposto na tabela nº 3, todos eles contaram com uma equipe de diversos profissionais para organizar os CONFAEBs. (C) e (E) disseram que contaram com uma equipe que consta nos anais, porém, os outros organizadores forneceram mais informações sobre suas equipes. (O) informou que teve que incentivar antigos membros da Associação de Arte/Educadores do Rio de Janeiro, para que eles se envolvessem no projeto de organizar um CONFAEB. (F) disse que não organizou o congresso sozinha, ao contrário, contou com o apoio de uma equipe maravilhosa. (E) enfatizou que sua equipe fora competente e atuante em todos os momentos e que contou com profissionais para áreas que precisava e bolsistas provenientes de três estados: Minas Gerais, Paraná e Pernambuco. (B) disse que a organização do CONFAEB que organizou foi sui generis, porque recebeu sugestões da Diretoria da FAEB, de outros organizadores de CONFAEBs, de profissionais para várias áreas do congresso e frisa a contratação de uma gerente de eventos que organizou a infraestrutura.

Entretanto, o que é interessante enfatizar nessa questão é que nenhum dos organizadores trabalhou sozinho. Desta forma, verifico que a equipe é indispensável para a realização de um evento como o CONFAEB, fazendo-se estritamente necessária para se pensar numa montagem de congresso.

Então, até aqui, a nossa caminhada tem comprovado que, na gestão dos CONFAEBs de 2001 a 2010, foram considerados pelos organizadores pontos referenciais, tais como os CONFAEBs anteriores ao congresso que cada líder realizou, questões atuais da arte/educação, importância da equipe para a realização do congresso, políticas públicas como tema, condições financeiras e condições de logística disponível, contexto cultural do local onde o CONFAEB estava sendo organizado, fortalecimento da Associação local de Arte/Educadores, questão da interiorização do congresso e a confirmação de que seria impossível a realização de um CONFAEB sem o apoio de uma equipe atuante. Todos os organizadores falaram que precisaram de uma equipe para realizar juntamente com ele o congresso.

3.2.3. TEMAS DOS CONFAEBs

Passo agora à próxima pergunta: “Qual foi o tema do CONFAEB que você organizou e qual o conceito (s) que serviu como fio condutor do congresso?” Vejamos as repostas na tabela nº 4, abaixo:

Tabela nº 4 – Tema e Fio Condutor dos CONFAEBs

QUAL FOI O TEMA DO CONFAEB QUE VOCÊ ORGANIZOU E QUAL O (S) CONCEITO (S) QUE SERVIU COMO FIO CONDUTOR DO CONGRESSO?	
C	O tema foi: “Culturas do Ensinar e Culturas do Aprender”. O fio condutor foi a construção e demanda por uma postura docente sensível em relação à pluralidade e diversidade cultural nas práticas educativas.
O	O tema foi: “Trajetória Políticas para o Ensino das Artes no Brasil”. “Políticas Públicas” foi o fio condutor e os outros foram aprovados, porque a gente achava que precisava ser discutido... Em cima desse momento, desse contexto histórico, político de abertura que o Lula tinha ganhado.
N	O tema: Unidade na Diversidade. Partiu de Laís Aderne a escolha e defesa... Ficávamos horas e horas ouvindo Laís, que para nós era como estar diante da História da Arte viva de nosso país. Na concepção e escolhas do XVI houve muitas discussões no sentido de definição das mesas. Para Laís o congresso era um, para nós, era possível atendê-la em muitos pontos, no entanto, em outros a nossa visão diferia. Sabíamos da importância e necessidade de valorização e divulgação da FAEB, do CLEA e INSEA, instituições estas que legitimamente nos representam. Também era preciso dar destaque ao trabalho de Ana Mae Barbosa, que é, para mim e para nós da AMARTE (Associação Mineira de Arte/Educadores), o grande nome da arte/educação no país, a pessoa que vem contribuindo de maneira única para esse ensino. E ainda uma visão, que tem um foco maior

	no professor de arte, licenciado, vivenciando questões como a falta de espaço, de tempos, salas ambientes, materialidades, reconhecimento da importância da área etc... E que são questões sócio-político-culturais presentes nessa práxis. Já para Laís, o foco era mais amplo e tinha no fazer artístico, sua centralidade. E ainda, deveria haver uma integração, não sei se posso dizer assim, entre diversas outras áreas do conhecimento, como antropologia, filosofia, entre outras. E então, lançou naquele evento um documento (manifesto?) cuja temática era uma “Nova Inconfidência Mineira”. Que dentre vários itens, dizia que nas escolas públicas, além do professor de arte (especialista) formado, também era preciso haver, para um trabalho conjunto, a presença de um “mestre de ofícios”. Em sua fala, reforçava que o nosso país, em relação ao ensino de arte, se caracterizava pelo fazer e que era preciso trazer os mestres para compor e dar um novo sentido para a arte na educação de um modo geral.
F	FAEB: 20 ANOS DE HISTÓRIA. Penso que não dá para dizer que existiu um conceito único, mas um conjunto de conceitos subjacentes às relações de poder, que estavam postas já na organização da FAEB. Acho que o conceito mais unânime era a ideia de mostrar as conquistas nos 20 anos de história. Muitos dos pontos que orientaram a organização do congresso foram discutidos na plenária de finalização em Ouro Preto. Aliás, uma plenária bem esvaziada, uma das decisões dessa reunião foi tirar a plenária final do último momento do congresso. Já em Florianópolis pudemos colocar isso em prática quando da organização do XVII CONFAEB. As várias plenárias estavam cheias de pessoas participando e isso foi muito legal. A plenária é que organiza a FAEB para o enfrentamento político das questões da área, porque a FAEB não é nem um grupo de amigos nem uma organização científica. O tema foi muito debatido, tivemos dificuldade de chegar a uma síntese, Ivone (Richter) que destacou a ideia dos 20 anos da FAEB, que embora alguns anos o congresso não tivesse acontecido, estávamos comemorando esses 20 anos. Ao final o tema foi FAEB: 20 anos de História.
A	Consta no Caderno de Resumos. Tema: “Arte/Educação Contemporânea: Narrativas do Ensinar e Aprender Artes”. Pretende-se, desta forma, promover a discussão, a crítica e a socialização do conhecimento, a partir das inquietações nascidas das vozes constituídas nas experiências/conhecimentos desses diferentes rincões
E	CLEA/FAEB/InSEA Congresso Latino americano e Caribenho de Arte/Educação 2009 e 19º CONFAEB: Concepções Contemporâneas ENCONTRO NACIONAL DE ARTE/EDUCAÇÃO, CULTURA E CIDADANIA. Fio condutor: concepções contemporâneas em Arte/Educação e em Ensino de Arte: pesquisas, vivências, experiências e ações. Este Congresso foi pensado como um momento oportuno para refletir sobre o que se costuma se chamar arte/educação ou educação artística nos países latinos americanos e da região do Caribe, a partir das concepções contemporâneas. É sentida a profunda necessidade de estreitar as inquietações quanto à prática da arte/educação e da educação para a cultura, nesse contexto. Pretende-se, ainda, promover momentos de interação com especialistas dos países ibéricos, possibilitando o conhecimento das ações e pesquisas ibero-americanas na contemporaneidade.
B	INDIVÍDUOS/COLETIVOS/COMUNIDADES/REDES - procurou refletir sobre essa trajetória de vinte anos: sobre as lutas, conquistas, desilusões, batalhas, representações identitárias, políticas, enfim, uma trajetória que tem a ver, as associações, crescimento e expansão e diversificação do campo de trabalho, políticas de formação de professores, diversificação e interterritorialidade das áreas ou das linguagens da arte, reflexões sobre a própria concepção do que seja arte, o papel das tecnologias de informação e comunicação – TICs.

A partir da tabela nº 4 pode-se visualizar a variedade de respostas sobre o tema e o conceito que foi utilizado como fio condutor para organizar cada CONFAEB entre os anos de 2001 e 2010. (C) trouxe o tema “culturas do ensinar e culturas do aprender” e o fio condutor foi a construção e demanda por uma postura docente sensível em relação à pluralidade e diversidade cultural nas práticas educativas, o que tem pontos em comum com o CONFAEB organizado por (A), cujo tema foi “Arte/Educação Contemporânea: narrativas do ensinar e aprender artes”, que pretendeu promover a discussão a partir das

inquietações dos arte/educadores de várias origens do Brasil. No Livro de Resumos do CONFAEB que (A) organizou consta que...

A temática desse evento se constitui em uma prévia dos assuntos das questões brasileiras e latino-americana, que serão ampliados no próximo ano em Belo Horizonte, em uma construção conjunta, FAEB/CLEA para a realização do Congresso Latino-americano e Caribenho de Educação pela Arte (CLEA) (RIBEIRO, 2008, p. 7).

Portanto, o CONFAEB que (A) organizou teve uma temática cuja discussão girou em torno da Arte Contemporânea, que foi uma prévia do CONFAEB organizado por (E). Relembrando que o tema do congresso organizado por (A) foi “Arte/Educação Contemporânea: Narrativas do Ensinar e Aprender Artes”, e por (E) foi “Concepções Contemporâneas”. O conceito que serviu como fio condutor para o CONFAEB que (E) organizou foi: Concepções Contemporâneas em Arte/Educação e em Ensino de Arte: “Pesquisas, Vivências, Experiências e Ações”. Enquanto (O) organizou o CONFAEB com o tema “trajetória e políticas para o ensino das artes no Brasil”. “Políticas Públicas” foi o fio condutor, porque Lula acabara de ganhar as eleições para Presidente do Brasil. Por ser um político de oposição ao governo anterior, abriu-se oportunidade para refletir o momento histórico da época com o apoio e recursos financeiros da Fundação Nacional de Arte – FUNARTE.

Continuando com as análises acerca dos temas dos CONFAEBs, (F) organizou o congresso com o tema “FAEB: 20 Anos de História” e (B) realizou o CONFAEB com o tema “Indivíduos/Coletivos/Comunidades/Redes”, porém, os conceitos que ambos usaram como fio condutor para pensar a organização dos CONFAEBs tinham pontos em comum: (F) disse “que o conceito mais unânime era a ideia de mostrar as conquistas nos 20 anos de história” da FAEB e (B) falou que o CONFAEB que organizou “procurou refletir sobre essa trajetória de vinte anos: sobre as lutas, conquistas, decepções, batalhas, representações identitárias, políticas, enfim, uma trajetória que tem a ver, as associações, crescimento e expansão e diversificação do campo de trabalho, políticas de formação de professores, diversificação e interterritorialidade das áreas ou das linguagens da arte, reflexões sobre a própria concepção do que seja arte”. Portanto, a história da FAEB foi utilizada como conceito que serviu

como fio condutor para pensar as discussões dos CONFAEBs organizados por (F) e (B).

Propositadamente, deixei (N) para apreciação final do tema e dos conceitos, porque, na sua fala, o organizador traz uma discussão pertinente para a área de arte/educação. O tema do CONFAEB que (N) realizou foi “Unidade na Diversidade”. O organizador disse que...

Partiu de Laís Aderne a escolha e defesa... Na concepção e escolhas do XVI houve muitas discussões no sentido de definição das mesas. Para Laís o congresso era um, para nós, era possível atendê-la em muitos pontos, no entanto, em outros a nossa visão diferia. Sabíamos da importância e necessidade de valorização e divulgação da FAEB, do CLEA e INSEA, instituições estas que legitimamente nos representam. Também era preciso dar destaque ao trabalho de Ana Mae Barbosa, que é, para mim e para nós da AMARTE (Associação Mineira de Arte/Educadores), o grande nome da arte/educação no país, a pessoa que vem contribuindo de maneira única para esse ensino. E ainda uma visão, que tem um foco maior no professor de arte, licenciado, vivenciando questões como a falta de espaço, de tempos, salas ambientes, materialidades, reconhecimento da importância da área etc... E que são questões sócio-político-culturais presentes nessa prática. Já para Laís o foco era mais amplo e tinha no fazer artístico sua centralidade. E ainda, deveria haver uma integração, não sei se posso dizer assim, entre diversas outras áreas do conhecimento, como antropologia, filosofia, entre outras. E então, lançou naquele evento um documento (manifesto?) cuja temática era uma “Nova Inconfidência Mineira”. Que dentre vários itens, dizia que nas escolas públicas, além do professor de arte (especialista) formado, também era preciso haver, para um trabalho conjunto, a presença de um “mestre de ofícios”. Em sua fala, reforçava que o nosso país, em relação ao ensino de arte, se caracterizava pelo fazer e que era preciso trazer os mestres para compor e dar um novo sentido para a arte na educação de um modo geral (N).

Através do depoimento de (N), percebemos a discussão entre a especificidade dos professores de Artes e a defesa de um trabalho conjunto entre o professor formado e um mestre de ofícios. A professora Ivone Mendes expõe tal discussão entre teóricos da arte/educação...

Lanier (1995)... Na sua opinião, o ensino da arte deve ser realizado por dois tipos de professor: a) Um professor de arte “geral”, com profundo conhecimento de estética, História da Arte, crítica de arte e sociologia da arte, com conhecimento da produção artística em um amplo leque de possibilidades de mídia; b) Um professor de arte de atelier, com um enorme interesse em fazer arte e em ensinar outros a fazer arte... Consideramos importante a visão de Lanier (1995) quando preconiza a estética como essencial no ensino da arte. Não concordamos, no entanto, com sua proposição de dois tipos diferenciados de professor. Em nossa opinião, é indispensável que o fazer, através do conhecimento da arte produzida pela humanidade, devem ser conduzidos não só paralelamente, como de maneira coerente por um mesmo professor. (RICHTER, apud OLIVEIRA e HERNANDEZ, 2005, p. 51-52 e 54).

É importante esclarecer que a discussão pela equipe, durante o planejamento do CONFAEB organizado por (N), tratava da prioridade de

centralizar o debate sobre o professor especializado ou um mestre de ofícios durante um congresso, e não na sala de aula, como propõe Lanier, porém, acredito que a filosofia que é proposta num congresso será refletida na sala de aula, pois o congresso é uma oportunidade para a formação continuada dos professores de Artes. E ainda sobre formação do professor, a Professora Ivone Mendes comenta que...

Em nossos estudos sobre multiculturalismo, que vimos desenvolvendo com Rachel Mason e, ainda, sobre o potencial da arte para a aprendizagem expansiva, com Bernd Fichtner, torna-se cada vez mais evidente que a formação do professor deve ser múltipla, e que será somente através de seu conhecimento e domínio das diferentes teorias do ensino das Arte Visuais que ele estará apto a bem desempenhar seu papel de agente cultural de mudança, bem como de propiciar ao nosso estudante toda a corrente de opções sobre a aprendizagem em artes que permitirão que ele se torne o ser criativo, crítico e culturalmente atuante que todos desejamos (CONFAEB, 2005, P. 54).

O próprio organizador (N) disse que “além destas questões outras surgiram, criando muitas discussões...” Porém, em minha opinião, creio que essas discussões serviram como suporte para fortalecer a organização do CONFAEB que tinha como tema “Unidade na Diversidade”, que mesmo com opiniões divergentes, tinha um objetivo maior, que era reunir os arte/educadores vindos de todo o Brasil para refletir sobre arte/educação e ensino de arte.¹⁶

3.2.4. RELAÇÃO ENTRE A CONCEPÇÃO DO TEMA CENTRAL DOS CONFAEBs, COMUNICAÇÕES E RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

Seguindo o roteiro de questões, perguntei aos organizadores “Como se deu a relação entre a concepção central do congresso e as comunicações e relatos de experiências”. As respostas estão dispostas no quadro abaixo:

Tabela nº 5 – Relação Entre Tema Central, Comunicações e Relatos de Experiências nos CONFAEBs

COMO SE DEU A RELAÇÃO ENTRE A CONCEPÇÃO CENTRAL DO CONGRESSO E AS COMUNICAÇÕES E RELATOS DE EXPERIÊNCIAS? VOCÊ PODE FORNECER A PROGRAMAÇÃO
--

¹⁶ O termo arte/educação aqui se refere a área de trabalho dos profissionais que pode ser em espaços expositivos ONGs, empresas diversas. Já o termo ensino de arte é menos abrangente que o primeiro, refere-se ao trabalho em escolas e universidades, ou seja, o ensino de arte formal.

DO CONGRESSO?	
C	A relação entre concepção do Congresso, comunicações e relatos de experiências pode ser observada em grande parte dos trabalhos, mas, como em todo congresso, algumas participações se distanciam do tema, fato que nem sempre prejudica os resultados.
O	Dentro das comunicações e das histórias, as pessoas que foram relatar, foi uma coisa muito legal porque sempre tinha uma relação...
N	A concepção central propiciou que aceitássemos muitas e diversas experiências, creio que a escolha tenha sido muito feliz.
F	Consta no Caderno de Resumos
A	Penso que o tema era muito abrangente, remetia para os estudos que tomavam por base a história da FAEB, uma área que ainda é muito carente no nosso meio, tanto pela juventude do ensino de arte como disciplina obrigatória, quanto pela falta de tradição. Penso que os temas dos Grupos de Trabalho é que realmente conduziram a discussão.
E	A relação foi contínua e se deu de forma natural, na medida do possível. Sempre há desvios, mas o cerne geralmente foi mantido.
B	Notei que os trabalhos enviados nem sempre seguem a concepção central que como foi propositalmente abrangente, os títulos não deixavam de se conectar.

Sobre a relação entre o tema central e as comunicações e relatos de experiências, os organizadores foram de opinião que, no geral, foi atendida satisfatoriamente. Em (B) há uma posição discordante, e em (A) uma nuance entre os GTs. Entretanto, quando há desvios, nem sempre atrapalham a discussão do tema central. Aprofundarei esse aspecto no próximo capítulo, no qual serão feitas as análises dos anais dos CONFAEBs.

3.2.5. ESCOLHA DOS PALESTRANTES

A próxima pergunta que fiz aos organizadores dos CONFAEBs foi: “O que foi considerado quando você e a equipe escolheram os palestrantes para as mesas principais do congresso?” As respostas estão na tabela abaixo:

Tabela nº 6 – Critério de Escolhas dos Palestrantes para os CONFAEBs

O QUE FOI CONSIDERADO QUANDO VOCÊ E A EQUIPE ESCOLHERAM OS PALESTRANTES PARA AS MESAS PRINCIPAIS DO CONGRESSO?	
C	Reconhecimento na área, contribuição com pesquisas e publicações, diversidade de origem e área/local de atuação.
O	Se você vir direitinho, essas pessoas... Eram pessoas até muito mais políticas do que arte/educadores...
N	A relevância do trabalho para o ensino de arte. O que não poderíamos era privilegiar grupos de interesses particulares, disponibilizando mesas. Manter as mesas dentro da coerência de palestrantes que, com suas falas e seu trabalho, pudessem dar destaque à importância do movimento dos arte/educadores, da FAEB, das associações regionais, da integração com as instituições representativas internacionais e dos processos democráticos. Foi o que tentamos

	assegurar, bem como trazer para o debate experiências significativas.
F	A Comissão de organização não se envolveu muito com a programação, só a comissão científica é que debateu o tema. Essa discussão se deu muito mais no âmbito da FAEB por telefone e email. Também chegou uma hora que eu encerrei a discussão porque era necessário fechar e colocar no ar a programação. Outro aspecto foi pensar o projeto, que tomamos por base o de Ouro Preto e buscamos trazer pessoas que tinham proximidade com a FAEB, destacar mesmo participantes históricos, embora também tenhamos trazido outras pessoas. O projeto contou com o incansável apoio da Ivone Richter e da Luciana Loponte, que na época era vice-presidente da FAEB e foi destacada para dar o apoio, já que era do Sul. Mas o José Mauro telefonava bastante também e trocávamos muitas ideias. Também já faz algum tempo, e muitas coisas foram esquecidas. Teve o troféu e a homenagem para a Laíz Aderne. O José Mauro sabe os detalhes. Talvez tenha uma cópia da carta.
A	Nossa orientação foi a de estabelecer diálogos interculturais entre as regiões do Brasil e, também, com alguns convidados internacionais.
E	A competência reconhecida; a contribuição a ser dada para a área de conhecimento; a generosidade de compartilhamento; a ética da palestrante; a diversidade de linhas teóricas; a diversidade de origem, uma vez que ele estava sendo feito em conjunto com o Congresso Latino-Americano e Caribenho de Arte/Educação.
B	A Regina Vater, porque estava no Brasil, e já tínhamos planejado fazer uma instalação em homenagem aos arte/educadores no Brasil, a partir (citação) da obra dela, a “Comigo Ninguém Pode”. Além disso, a Regina é uma militante de uma arte de caráter multiculturalista. O Victor Sala também foi uma indicação de Ana Mae Barbosa, pois eu estava querendo, nesse CONFAEB, estabelecer uma ponte com a África, com outra parte da comunidade de falantes de português. Os outros palestrantes foram chamados, a partir das conexões com a história do CONFAEB, ex-presidentes, pessoas que ajudaram a construir esse evento como palco de nossas lutas identitárias.

Como podemos perceber na tabela acima, há uma variedade de critérios para a escolha dos palestrantes nos CONFAEBs. Tentei agrupar os critérios por ordem de citação e pontos em comum. O primeiro critério citado foi reconhecimento na área (C); a competência reconhecida (E). O segundo critério destacado foi a contribuição com pesquisas e publicações (C); a relevância do trabalho para o ensino de arte (N), a contribuição a ser dada para a área de conhecimento (E). O terceiro critério de escolha dos palestrantes foi a diversidade de origem e a área/local de atuação (C), “nossa orientação foi a de estabelecer diálogos interculturais entre as regiões do Brasil e, também, com alguns convidados internacionais” (A), diversidade de origem, uma vez que ele estava sendo feito em conjunto com o Congresso Latino Americano e Caribenho de Arte/Educação (E). O quarto critério citado foi convidar pessoas da área de Políticas Públicas e da área de arte/educação (O), a diversidade de linhas teóricas (E). O quinto critério de escolha dos palestrantes foi trazer pessoas que tinham proximidade com a FAEB, destacar mesmo participantes históricos, embora, também, tenhamos trazido outras pessoas (F); os

palestrantes foram chamados a partir das conexões com a história do CONFAEB (B).

E por fim, em relação aos critérios utilizados para escolha dos palestrantes dos CONFAEBs, quero destacar a fala de um dos organizadores, que foi bem específico em relação ao congresso que organizou:

A Regina Vater, porque estava no Brasil, e já tínhamos planejado fazer uma instalação em homenagem aos arte/educadores no Brasil a partir (citação) da obra dela, a “Comigo Ninguém Pode”. Além disso, a Regina é uma militante de uma arte de caráter multiculturalista. O Victor Sala também foi uma indicação de Ana Mae Barbosa, pois eu estava querendo nesse CONFAEB, estabelecer uma ponte com a África, com outra parte da comunidade de falantes de português (B).

Sobre a escolha de Regina Vater, que morava em Austin, Texas – EUA, desde a década de 1980, e o Prof. Dr. Victor Sala, que é diretor da Faculdade de Artes de Moçambique, do Instituto Superior de Artes e Cultura, a motivação da organizadora em convidá-los para compor uma mesa no CONFAEB foi a questão multiculturalista, que é o reconhecimento de diversas culturas no mundo onde vivemos. Esta é uma das concepções muito fortes da FAEB e sempre presente nos CONFAEBs.

3.2.6. DISCUSSÃO DO TEMA GERAL NOS CONFAEBs

Outra pergunta que fiz aos organizadores dos CONFAEBs foi “em sua opinião, o congresso, com seus participantes, conseguiu debater sobre o tema central satisfatoriamente?” As respostas dos organizadores estão colocadas na tabela abaixo.

Tabela nº 7 – Discussão do Tema Central nos CONFAEBs

EM SUA OPINIÃO, O CONGRESSO, COM SEUS PARTICIPANTES, CONSEGUIU DEBATER SOBRE O TEMA CENTRAL SATISFATORIAMENTE?	
C	Sim. As questões fundamentais foram abordadas, problematizadas e discutidas.
O	Todos os congressos que eu coordenei, que participei, todos eles superaram as próprias expectativas. Superaram, não teve nenhum chocho...
N	Sim. Ele foi, para mim, muito além do tema central, um momento único, pois, o próprio congresso em si, traduzia o tema proposto.
F	De alguma forma sim, pois os GTs viraram do avesso as problemáticas da área. Embora como já houvesse apontado, poucos estudos se detêm nessa problemática. Tivemos que fazer algumas

	mesas paralelas, porque era muita gente, e o auditório central era muito caro para ter atividade o tempo todo. As pessoas sempre reclamam disso. Querem ver tudo. Mas foi interessante pudemos focar em áreas mais específicas. Teve também a mesa das associações científicas, como a ANPED, a ANPAP, a ABRACE e a ABEM. Acho que foi um momento muito importante do evento
A	Não. Na verdade é uma questão que necessita de maior reflexão, uma vez que tradicionalmente os congressos da FAEB são orientados por temas que acabam sem uma abordagem durante o congresso.
E	A partir dos relatos dos moderadores e coordenadores de grupos, as discussões foram altamente sérias e produtivas, não só em relação ao tema central, mas também em relação aos temas contextuais a ele relativos.
B	Como disse, o tema central teve mais um caráter aglutinador da energia daquele momento, e, nesse sentido, acredito que o clima que se estabeleceu no evento teve tudo a ver com o tema. Mas, não “debater”, esse não foi mesmo o propósito. Os debates foram diversificados: metodologia, currículo, linguagens específicas, educação não formal, mediação cultural, educação especial, cultura popular, novas tecnologias e educação à distância, dentre outros.

Baseada nas respostas dos organizadores dos CONFAEBs, pude agrupar suas opiniões em três grupos: “sim”, “não” e “que o tema fora escolhido para dar ao CONFAEB um caráter aglutinador”. Respondendo à pergunta se o congresso, com seus participantes, conseguiram debater sobre o tema central satisfatoriamente, a maioria deles respondeu sim: “Sim. As questões fundamentais foram abordadas, problematizadas e discutidas” (C). “Todos os congressos que eu coordenei que participei, todos eles superaram as próprias expectativas. Superaram, não teve nenhum chocho...” (O). “Sim. Ele foi, para mim, muito além do tema central, um momento único, pois o próprio congresso em si, traduzia o tema proposto” (N). “De alguma forma sim, pois os GTs viraram do avesso as problemáticas da área” (F). “A partir dos relatos dos moderadores e coordenadores de grupos, as discussões foram altamente sérias e produtivas, não só em relação ao tema central, mas também em relação aos temas contextuais a ele relativos” (E).

Um dos organizadores disse que “não. Na verdade é uma questão que necessita de maior reflexão, uma vez que, tradicionalmente, os congressos da FAEB são orientados por temas que acabam sem uma abordagem durante o congresso” (A). O organizador (A) traz uma discussão bem interessante para a reflexão dos membros da FAEB: o fato de que, muitas vezes, o tema do CONFAEB não é debatido, porém, dentre os sete organizadores entrevistados, cinco disseram que o tema fora discutido satisfatoriamente nos CONFAEBs que eles organizaram, e apenas dois tiveram opiniões diferentes.

A resposta do outro organizador foi bem interessante...

Como disse, o tema central teve mais um caráter aglutinador da energia daquele momento, e nesse sentido, acredito que o clima que se estabeleceu no evento teve tudo a ver com o tema. Mas, não “debater”, esse não foi mesmo o propósito. Os debates foram diversificados: metodologia, currículo, linguagens específicas, educação não formal, mediação cultural, educação especial, cultura popular, novas tecnologias e educação à distância, dentre outros (B).

Segundo o organizador, o tema (Indivíduos, Coletivos, Comunidades, Redes) serviu para criar uma atmosfera de reconhecimento da multiculturalidade presente no evento, a fim de debater temas como metodologia, currículo e outros citados pelo organizador. O objetivo dos organizadores desse CONFAEB não era o de debater o tema, e sim vivenciar o clima de indivíduos, coletivos, comunidades e redes.

3.2.7. DESDOBRAMENTOS DAS DISCUSSÕES DOS CONFAEBs

Prosseguindo com o roteiro, perguntei aos organizadores “quais os desdobramentos das discussões no congresso?” Suas respostas estão em mostra na tabela abaixo:

Tabela nº 8 – Desdobramentos dos CONFAEBs

QUAIS OS DESDOBRAMENTOS DAS DISCUSSÕES NO CONGRESSO?	
C	Fortalecimento das associações estaduais e formação de grupos/temáticas para o próximo encontro.
O	A partir do Rio de Janeiro, quando a gente já partiu pra Ouro Preto que, que deu certo em Ouro Preto. Quer ver, se a gente faz um histórico. Eu assumi, porque o Arão não pôde fazer no Maranhão, porque adoeceu e eu fiquei doidinho... Você imagina como é que não estava essa situação da FAEB. Se eu não tivesse ido nesse coquetel, talvez hoje tudo tivesse... Porque a FAEB tava por um... Foi por um triz que ela não acabou...
N	Tivemos o reconhecimento público da AMARTE. E se não fosse pelo desgaste do trabalho árduo vivenciado, a força da AMARTE, hoje, seria ainda maior.
F	Foram muitos desdobramentos, a comissão do estatuto, que finalmente terminou o trabalho para o CONFAEB do Cariri, o fortalecimento das Associações Estaduais, a renovação da diretoria no ano seguinte e uma mobilização que culminou no meu entendimento nas ações do biênio 2009/2010.
A	Não consigo estabelecer qualquer critério para apontar desdobramentos, porque o CONFAEB não tem se constituído como um evento em que as discussões apontem desdobramentos. Podemos observar que em alguns momentos históricos da FAEB, isso aconteceu entre os anos 80, 90.
E	Além da divulgação dos textos nos anais do Congresso, um site ficou no ar até dezembro de 2010, para consulta e cópia de tudo o que aconteceu. Tivemos relatos de professores que utilizaram vídeos e textos disponíveis no site para suas aulas e discussões de grupo.
B	Na organização do 21º CONFAEB, mapeamos a diversidade dos trabalhos apresentados e, também, identificamos um problema sério: a dificuldade de sistematização e apresentação dos

	trabalhos em moldes mais acadêmicos. Vimos também que o trabalho ligado à pesquisa foi em número menor que os demais, e por isso o tema do 21º CONFAEB abordará a temática “Culturas da Pesquisa – Arte, Educação e Tecnologia”.
--	--

Diante das respostas da tabela acima, faz-se necessário analisar cada consideração dos organizadores, pois os desdobramentos de cada CONFAEB serviram como pontos de reflexão para os posteriores, a fim de tornar mais eficiente a organização dos mesmos. Portanto, trazendo as falas dos organizadores para uma reflexão mais detalhada, (C) disse que, como resultado do CONFAEB que organizou, ocorreu o “fortalecimento das associações estaduais e formação de grupos/temáticas para o próximo encontro”. O fortalecimento das associações estaduais é um desdobramento até natural dos CONFAEBs, tendo em vista que, durante a participação nos congressos, seus membros sentem-se estimulados a participar mais ativamente de suas associações, e voltam para seus Estados com essa finalidade, trabalhando para o fortalecimento das mesmas. Outro desdobramento que (C) destacou foi que, no CONFAEB que ele organizou, grupos de temáticas foram criados para serem discutidos no próximo CONFAEB.

Para analisar a fala de (O), é necessário recorrer à História dos CONFAEBs, pois, ele disse que...

A partir do Rio de Janeiro, quando a gente já partiu pra Ouro Preto que, que deu certo em Ouro Preto. Quer ver, se a gente faz um histórico, eu assumi, porque o Arão não pôde fazer no Maranhão, porque adoeceu e eu fiquei doidinho... Você imagina como é que não estava essa situação da FAEB. Se eu não tivesse ido nesse coquetel, talvez hoje tudo tivesse... Porque a FAEB tava por um... Foi por um triz que ela não acabou...

O organizador (O) está se referindo à sequência de três CONFAEBs em que ele foi o coordenador geral: Rio de Janeiro, Ouro Preto e Cariri Cearense. Mas, foi a partir do CONFAEB do Rio de Janeiro que houve um “renascimento” da FAEB, como relata o coordenador geral do evento...

Na verdade, eu organizei vários CONFAEBs... Em Goiânia, no Congresso de Goiânia (2003), tinha havido antecedentes que tinham desestruturado essas políticas dos congressos. Como? Houve um congresso em Salvador (1999) que deu uns problemas econômicos, problemas conceituais. Foi um caos lá. Foi mal organizado. E, por causa dessa má organização, quase que a FAEB acaba... Aí a professora Roberta Puccetti... Nós fizemos às pressas uma

eleição... E aí elegemos a professora como presidente da FAEB. Ela levou pra Campinas e fez esse CONFAEB (2001)... Quando chegou a Goiânia, quer dizer, ela não tinha mais perna... Porque ninguém queria organizar os CONFAEBs, porque era uma responsabilidade muito grande, e não tinha dinheiro. Aí foi levado pra Goiânia, e como consenso, porque a professora Irene Tourinho tava em Goiânia. Tinha ido pra lá e tinha condições de articulação com a Universidade de Goiás, Federal de Goiás, ela e o professor Raimundo Martins... Foi aí que eu, assim, fui içado... Eu fui pra lá sem saber que eu ia ser presidente... Eles fizeram uma arapuca... Quando eu cheguei lá, que eu me espantei, estava tudo articulado pra eu ser... Aí eu peguei aquela, aquele pacote que eu não sabia o que era... Eu não tinha condições... Como é que eu ia fazer um congresso? Como era fazer o projeto de um congresso?... Eu era presidente da Associação de Arte-Educadores lá do Distrito Federal (ASAE – DF) e junto com a Célia Rosa e mais a minha diretoria, né, a gente conversando... E aí eu disse: mas olha, aqui não temos condições, porque a UNB nessa época era completamente refratária a qualquer organização de Licenciatura. Eu estava num coquetel... Fui convidado por outras pessoas que não tinham nada a ver com arte/educação, né? E, lá no coquetel, encontrei a presidente da FUNARTE (Diretora do Centro de Programas Integrados da FUNARTE)... Não me lembro mais o nome da moça (Míriam Brum) e... E eu conversando com ela, ela falando da FUNARTE, que a FUNARTE tinha muito essa relação com a FAEB, sempre teve. E eu disse: Por que a gente não faz um congresso no Rio de Janeiro e tira aqueles ares... Aí eu joguei assim. Joguei no ar, entendeu? Ela disse: Isso é um caso a pensar... Quando deu uma semana mais ou menos, ela me mandou a passagem pra eu ir pro Rio de Janeiro conversar com ela. Aí eu fui pro Rio de Janeiro, conversei com ela... Então aí, ela me pediu para fazer o projeto do congresso. Eu juntei... Fui ajudado pela professora Ivone Richter, que era a pessoa que tinha a ligação... Liguei pra ela. Ela mandou como tinha sido feito os CONFAEBs lá... Aí nós fizemos o projeto direitinho, mandamos pro Rio de Janeiro. Aí a professora (Míriam Brum)... Eu fui umas três ou quatro vezes, porque o Rio de Janeiro não tinha associação... Geraldo Salvador tinha morrido, e tava uma confusão danada. Ninguém queria pegar. Não sabia onde tavam as coisas. Foi aí que eu fui juntando, peguei uns cacos aqui, juntei uns cacos ali... Bom, mas o congresso ocorreu sem um presidente da associação, não tinha nenhum representante da associação. É tanto que nós chamamos os antigos, aquela associação antiga, pessoas que tinham participado... Pessoas importantes assim, dentro da História dos Congressos, mas não tinha nenhuma representatividade legítima. Mas, o congresso foi um sucesso imenso! Porque tinha dinheiro. Foi muito bem produzido. Foi situado lá naquela, naquele espaço maravilhoso que é um espaço histórico, que foi onde era o projeto do Niemeyer que fez... Na verdade o Le Corbusier que fez para ser o Ministério da Educação, que é a sede da FUNARTE, tal. Então, aconteceu esse do Rio, que eu fui o coordenador geral... A FUNARTE fez só patrocinar, mas não interferiu. Nós fizemos diretamente o projeto e convidamos as pessoas. Tivemos a liberdade de convidar, e aí o tema (Trajetória Políticas para o Ensino das Artes no Brasil)... (O).

Diante do relato acima, o desdobramento que (O) enfatizou, acerca do CONFAEB do Rio de Janeiro, foi justamente o fortalecimento da FAEB e as condições para organizar os CONFAEBs posteriores, que ocorreram em Ouro Preto, Florianópolis, Cariri Cearense, Belo Horizonte e Goiânia.

Continuando com a análise das falas dos organizadores dos CONFAEBs, (N) disse que como desdobramento do congresso que organizou “Tivemos o reconhecimento público da AMARTE. E se não fosse pelo desgaste do trabalho árduo vivenciado, a força da AMARTE hoje, seria ainda maior”.

Portanto, ao organizar o congresso, a Associação Mineira de Arte/Educadores terminou, no evento, fortalecida, sendo hoje uma das associações mais atuantes na participação junto à FAEB. (F) disse que...

Foram muitos desdobramentos, a comissão do estatuto que finalmente terminou o trabalho para o CONFAEB do Cariri, o fortalecimento das Associações Estaduais, a renovação da diretoria no ano seguinte e uma mobilização que culminou no meu entendimento nas ações do biênio 2009/2010 (F).

Ainda na mesma direção sobre os desdobramentos, (E) disse que “Além da divulgação dos textos nos anais do Congresso, um site ficou no ar até dezembro de 2010, para consulta e cópia de tudo o que aconteceu. Tivemos relatos de professores que utilizaram vídeos e textos disponíveis no site para suas aulas e discussões de grupo”. E (B) respondeu que...

Na organização do 21º CONFAEB, mapeamos a diversidade dos trabalhos apresentados e também identificamos um problema sério: a dificuldade de sistematização e apresentação dos trabalhos em moldes mais acadêmicos. Muitos trabalhos não seguiram os critérios exigidos para envio de texto, tais como: formatação, resumo, número de páginas, etc. Vimos também que o trabalho ligado à pesquisa foi em número menor que os demais, e por isso o tema do 21º CONFAEB abordará a temática “Culturas da Pesquisa – Arte, Educação e Tecnologia” (B).

Dos sete organizadores dos CONFAEBs que responderam ao questionário, apenas um deles discorda que foi possível haver condições para perceber desdobramentos no CONFAEB que ele organizou, dizendo que não consegue “estabelecer qualquer critério para apontar desdobramentos, porque o CONFAEB não tem se constituído como um evento em que as discussões apontem desdobramentos. Podemos observar que, em alguns momentos históricos da FAEB, isso aconteceu entre os anos 80, 90.” (A).

3.2.8. PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DOS CONFAEBs

Após a pergunta sobre desdobramentos e sobre a avaliação, que não é preciso analisá-la, a próxima pergunta do questionário foi: “quais os pontos positivos e negativos do congresso, principalmente sobre as discussões conceituais?” As respostas estão distribuídas na tabela abaixo:

Tabela nº 9 – Pontos Positivos e Negativos na Organização dos CONFAEBs

QUAIS OS PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DO CONGRESSO, PRINCIPALMENTE SOBRE AS DISCUSSÕES CONCEITUAIS?	
C	Minha avaliação é que o Congresso contribuiu significativamente para colocar em pauta a centralidade da cultura como eixo epistemológico fundamental para as discussões e práticas educativas, respeitando suas pluralidades e diversidades. Como ponto negativo, observo uma dispersão das discussões – talvez, pouco tempo dedicada a elas – tendo em vista o número de pessoas e trabalhos que o Congresso reuniu. Vale ressaltar que, como coordenadora e, portanto, responsável pela organização e encaminhamentos durante o evento, muitas situações escapam e as possibilidades críticas ficam diminuídas, abafadas pela necessidade de atender demandas variadas e tomar decisões sobre assuntos imprevistos.
O	Eu acho que negativo não teve não, porque, na verdade, como eu te digo como foi um arranque, bem, tudo que aconteceu foi dali pra frente. Num tinha... Quando você tá andando é que você pode dizer “olha, atrasou um pouco”. Mas como nós estávamos no zero, ali teve que adiantar tudo. Então, foram articulações políticas, são propostas, entusiasmo, as pessoas voltaram aos seus... Reorganização das associações...
N	Sobre as discussões, para mim, foram muito ricas. Somente o que cria embaraços são as pressões externas, que nos cobraram muito, mesmo sem saber das reais condições para se realizar o evento... O maior entrave que tivemos foi à falta de recursos financeiros... Por isso foi adiado (era para ser em 2005, foi realizado em 2006).
F	Acho que em termos de discussões conceituais não podemos ter pontos negativos e positivos, toda discussão é positiva, embora possamos ter algum conflito! Negativo é não discutir. Além dos temas já abordados nas questões anteriores, tivemos um debate mais científico, com relatos de investigações que mostram o crescimento da área. Outro aspecto é o crescimento das comunicações, que mostram a busca por uma elaboração mais reflexiva dos profissionais. Discutiu-se de tudo e não me lembro se teve uma carta finalizando o congresso.
A	Não considero que discussões conceituais possam ser avaliadas a partir de categorias tão inconsistentes como a de “positivos” e “negativos”, uma vez que campos conceituais estão fundamentados em teorias do conhecimento, em categorias analíticas, na história das áreas e disciplinas.
E	Positivos, a seriedade e profundidade das discussões. Negativo, a recusa de algumas pessoas em aceitar a diversidade de opiniões.
B	Em termos negativos, senti que a Federação tem que estar mais forte e presente na vida dos arte/educadores, pois, no evento, pude perceber que algumas pessoas vão somente apresentar trabalho e vão embora, sem participar das discussões. Outra coisa que pude perceber, em algumas salas, foi a disparidade entre trabalhos apresentados: alguns bem fracos, ainda iniciantes, enquanto outros já traziam discussões mais amadurecidas, bem fundamentadas. Também não conseguimos organizar as apresentações em “rodas de conversa”, como foram as do XIX CONFAEB em BH. Ainda houve uma resistência por parte da equipe, pois sentimos que, para que as rodas aconteçam, efetivamente, precisamos de um planejamento prévio muito bem elaborado. Positivos, fica difícil de dizer, pois até hoje ainda não tive tempo de fazer uma avaliação como gostaria de ter feito. Mas a integração entre as pessoas era visível. Estabeleceu-se um clima muito “camarada”. O ambiente do Centro de Eventos favoreceu, pois as pessoas circulavam e se encontravam ali mesmo. Também, posso mencionar como positivo as experiências da apresentação dos posters (e-poster) em mídia digital: foi um espaço dinâmico e que permitiu a inclusão das visualidades dos mesmos nos anais.

Como podemos observar, houve uma grande variedade entre os organizadores, a respeito dos pontos positivos e negativos na organização dos CONFAEBs. Alguns disseram que “em termos de discussões conceituais não podemos ter pontos negativos e positivos, toda discussão é positiva, embora possamos ter algum conflito! Negativo é não discutir” (F) e que “não considero

que discussões conceituais possam ser avaliadas a partir de categorias tão inconsistentes como a de ‘positivos’ e ‘negativos’” (A). Mas, a maioria apontou pontos positivos e negativos dos congressos que realizaram. Conforme explicitado no quadro acima, alguns dos pontos positivos dos CONFAEBs pesquisados foram: “colocou em pauta a centralidade da cultura como eixo epistemológico fundamental para as discussões e práticas educativas, respeitando suas pluralidades e diversidades” (C); “foram articulações políticas, são propostas, entusiasmo, reorganização das associações” (O); “as discussões foram muito ricas” (N); “tivemos um debate mais científico, com relatos de investigações que mostram o crescimento da área, crescimento das comunicações que mostram a busca por uma elaboração mais reflexiva dos profissionais” (F); a seriedade e profundidade das discussões (E); a integração entre as pessoas, a apresentação dos posters (e-poster) em mídia digital, foi um espaço dinâmico e que permitiu a inclusão das visualidades dos mesmos nos anais (B).

Quanto aos pontos negativos, os citados foram: “dispersão das discussões” (C); “pressões externas, falta de recursos financeiros” (N); “recusa de algumas pessoas em aceitar a diversidade de opiniões” (E); “senti que a Federação tem que estar mais forte e presente na vida dos arte/educadores, pois no evento pude perceber que algumas pessoas vão somente apresentar trabalho e vão embora, sem participar das discussões” (B); “disparidade entre trabalhos apresentados, alguns bem fracos, ainda iniciantes, enquanto outros já traziam discussões mais amadurecidas, bem fundamentadas” (B); “não conseguimos organizar as apresentações em “rodas de conversa” como foram as do XIX CONFAEB em BH” (B).

A partir dos pontos positivos e negativos ressaltados pelos organizadores dos CONFAEBs, podemos perceber bastante conteúdo de reflexão, como sinal de melhoria das estruturas dos congressos. Percebemos, também, que há um grande esforço dos coordenadores de fazer o melhor, dentro de suas possibilidades. Passarei agora à próxima pergunta que foi feita aos entrevistados.

3.2.9. OUTROS PONTOS LEVANTADOS PELOS ORGANIZADORES DOS CONFAEBs

A última pergunta que foi feita aos entrevistados foi se “existe algum ponto que não foi perguntado, sobre o qual você gostaria de falar?” Suas respostas estão expostas no quadro abaixo.

Tabela nº 10 – Pontos Levantados pelos Organizadores dos CONFAEBs, que não Foram Perguntados no Roteiro

EXISTE ALGUM PONTO QUE NÃO FOI PERGUNTADO, QUE VOCÊ GOSTARIA DE FALAR? QUAL?	
C	Gostaria de salientar a programação cultural do evento, ponto que considero de extrema importância para a nossa formação como educadores. Assim, programamos espetáculos de dança e teatro, exposições e mostra de vídeo - abertos a toda a comunidade da cidade - articulados para que os participantes pudessem conhecer grupos reconhecidos e emergentes da região, além de outras produções de prestígio nacional. Esta parte do evento, na nossa concepção, não era um apêndice e sim, um estímulo às discussões e oportunidade de experiência estética para os congressistas.
O	O que você puder falar sobre essa questão da relevância política da FAEB e dos congressos, como um centro de reverberação, divulgação, de reflexão... Do conhecimento artístico em prol da cidadania estética. Não é pra formação de ator, nem pra formação de artista plástico, nem pra formação de músico, mas é pra dar cidadania, que é essa... É pra quê o ensino da arte se propõe.
N	Agradecer a todos que contribuíram para a realização do XVI CONFAEB e, em especial, a Doracy Costa, Djenane Vera Eduardo, Dona Ana Pimenta (que nos recebeu diversas vezes em Ouro Preto) e a todos os palestrantes que compareceram e fizeram com que o evento acontecesse de fato.
F	Gostaria de ressaltar que organizar o CONFAEB é desafiador, pelas condições da FAEB, pela falta de organicidade das Associações e de uma política financeira mais efetiva. Só tenho uma mágoa da organização daquele evento, que foi a forma como as pessoas se dirigiam às pessoas da organização, principalmente eu, que estava diretamente envolvida. Foi uma centena de e-mails mal educados e desconsiderando nosso esforço. Acredito que são pessoas que não conhecem a FAEB e acham que o evento é organizado por uma empresa de eventos, com os recursos necessários e as condições ideais.
A	Não.
E	Fez observações sobre o questionário para ajudar a pesquisadora.
B	Gostaria de falar sobre o site. Procuramos fazer o site bem interativo, mas que este se tornasse uma fonte de consulta, não somente sobre o evento.

Os organizadores citaram muitos pontos que eu não havia colocado no roteiro de perguntas. O que está ajudando bastante a ampliar a discussão sobre as concepções que embasaram as reflexões nos CONFAEBs. O primeiro ponto foi ressaltado por (C), que disse que a programação cultural do evento não foi tratada como um apêndice do congresso e sim como “um estímulo às

discussões e oportunidade de experiência estética para os congressistas”. A coordenação do congresso programou espetáculos de dança e teatro, exposições e mostra de vídeo para toda a comunidade da cidade. Concordo tanto com (C) sobre a importância da programação cultural nos CONFAEBs, que tentei lembrar sobre as apresentações culturais nos congressos que participei.

O congresso organizado por (A) não apresentou uma programação cultural, fato que fez com que muitos participantes comentassem, já que o CONFAEB ocorreu na cidade de Crato – Cariri Cearense. Entretanto, conversando com uma das coordenadoras do mesmo, ela falou que não houve apresentações culturais, porque as manifestações culturais daquela região são significativas nos próprios locais onde elas nasceram, então, a organização preferiu não tirá-las dos locais de origem para não descontextualizá-las. Foi uma escolha da coordenação, e eu respeito a atitude. Porém, os participantes puderam, livremente, conhecer algumas manifestações culturais, como ir ao monumento de Padre Cícero, em Juazeiro, conhecer a Organização não Governamental – ONG “Casa Grande”, em Nova Olinda, vivenciar aspectos culturais na praça da cidade do Crato e conhecer a cidade de Barbalha, que sediou a assembleia da FAEB.

O CONFAEB organizado por (E) incluiu na programação apresentações artísticas, como Escola do Corpo (Dança) e Meninas de Sinhá, que é um grupo formado por mulheres negras, idosas, residentes no Alto de Vera Cruz (periferia de Belo Horizonte), com repertório que incluiu cantigas de roda, versos e canções próprias e de domínio público. Quando as Meninas de Sinhá começaram a cantar e a dançar no espaço reservado às apresentações artísticas, os participantes do congresso vivenciaram aquele momento com elas e foi de grande confraternização. A organização desse congresso ainda reservou, dentro da programação, uma visita ao Instituto de Arte Contemporânea Inhotim, considerado o maior museu ao ar livre do mundo, que está localizado no município de Brumadinho-MG. Desta forma, os participantes presenciaram e vivenciaram vários estilos de manifestações artístico-culturais do Estado de Minas Gerais.

O CONFAEB organizado por (B) também ofereceu muitas apresentações artísticas em sua programação. O congresso iniciou a apresentação de um quarteto de mulheres cantando músicas populares brasileiras, fazendo a platéia cantar com elas. No decorrer da programação, houve apresentação de grupos de teatro, grupos musicais e exposições de Artes Visuais. Todos os eventos foram realizados no mesmo local, mostrando que “a integração entre as pessoas era visível, se estabeleceu um clima muito ‘camarada’”. O ambiente do Centro de Eventos favoreceu, pois as pessoas circulavam e se encontravam ali mesmo” (B). Portanto a programação completa do evento estabeleceu um clima de “festa” e confraternização.

Ainda sobre a programação cultural, como entrevistei o coordenador (O) após receber o roteiro respondido por (C), tive a oportunidade de perguntar a ele sobre a parte cultural do evento que ele organizou, à qual respondeu que...

Nós optamos assim... Pra fazer uma programação cultural noturna, então, eu me lembro que todo mundo foi pra o Rio Cenário e todo mundo ficou lá no Rio Cenário que tinha samba de roda, tinha samba não sei de quê... E Todo mundo foi... Consegui a entrada lá, que é caríssima para entrar, e foram as pessoas que conseguiram... Era uma casa de show na Lapa. Todo mundo ia pra lá... Não só foi o Rio Cenário, foram outros... Esse aqui eu tô me lembrando... A Lapa foi o nosso grande palco de manifestações (O).

Portanto, a estratégia dos organizadores deste CONFAEB coordenado por (O) foi semelhante ao coordenado por (A), os participantes incentivados pelos organizadores buscaram manifestações culturais locais fora do quadro da programação do evento. Entretanto, não tenho informações de como foram as programações artístico-culturais dos CONFAEBs organizados por (N) e (F), porque não participei desses, e eles não comentaram a respeito, porque não foi uma pergunta do roteiro, e sim um aspecto levantado por (C). Quis discutir no texto, porque penso que é de suma importância conhecer e vivenciar as manifestações artístico-culturais dos locais onde ocorrem os congressos.

Prosseguindo sobre pontos importantes que os organizadores citaram e que não foram mencionados no roteiro de perguntas, (O) falou da importância da Política nos CONFAEBs, principalmente, porque o tema do congresso que organizou foi “Trajetória e Políticas para o Ensino das Artes no Brasil”. (N) agradeceu às pessoas residentes em Ouro Preto, que se dispusera a receber o evento de forma tão hospitaleira e comprometida. (F) ressaltou que a

organização do CONFAEB é um desafio para a equipe, pois, a FAEB e as associações não possuem uma estrutura que possibilita uma organização eficiente e falou das críticas severas que os participantes fizeram, sem considerar o esforço da equipe organizadora e as dificuldades que existem para organizar um evento desse porte. Por fim, (B) disse que “gostaria de falar sobre o site. Procuramos fazer o site bem interativo, mas que este se tornasse uma fonte de consulta, não somente sobre o evento” ¹⁷.

Diante desse elenco de pontos sobre os CONFAEBs citados pelos organizadores, podemos observar que eles estavam atentos aos detalhes dos congressos e à disposição dos mesmos em cooperar com a discussão nesta dissertação, inclusive (E) forneceu conselhos e dicas para eu melhorar minha pesquisa, que foram muito úteis no meu aprendizado. E é com muito respeito que transcrevo essas observações desses líderes do CONFAEBs como contribuição neste trabalho científico.

Diante das respostas dos organizadores do CONFAEBs realizados entre os anos de 2001 a 2010, podemos sintetizar quais foram as concepções mais discutidas durante os congressos e fazer uma análise das mesmas. O interessante no depoimento de cada coordenador geral dos CONFAEBs é a forma de como eles responderam à questão com generosidade e prontidão, gestos comuns aos membros da FAEB, demonstrando, nos quadros acima expostos, que há princípios neste grupo seguidos por seus filiados. Portanto, além da generosidade e prontidão, a FAEB alimenta uma afetividade entre seus membros, democracia ao tomar as decisões em assembleia ordinária, em acolher membros oriundos de vários locais do Brasil, considerar a diversidade como qualidade, e não defeito, e são esses princípios que fazem os CONFAEBs refletirem sobre a “multiculturalidade” e “interculturalidade”, concepções que estão sempre presentes, norteando as discussões durante os congressos. Membros conscientes da variedade de culturas existentes na sociedade (multiculturalismo) e à disposição em conviver e interagir com o outro, que é diferente de nós (interculturalismo).

¹⁷ Quando (B) respondeu o roteiro de perguntas e durante a escrita desta dissertação, o site do CONFAEB que ele organizou ainda estava em atividade, o endereço é: <http://portais.ufg.br/projetos/confaeb20anos/>

Houve um interesse por parte dos organizadores de discutir acerca do “Ensino de Arte Contemporânea”. O XVIII e o XIX CONFAEB tiveram esta concepção como tema geral e os demais discutiram este aspecto, através de mesas temáticas, painéis, posters e comunicações. Há uma preocupação em considerar as novas tecnologias, o uso de imagem em sala de aula, o apoio das equipes de arte/educação, dos espaços expositivos, a fim de ampliar as possibilidades do ensino da arte nas escolas e em outros espaços.

A Cultura Visual ou Estudos Culturais tornou-se uma realidade nas discussões durante os CONFAEBs, pelo fato de considerar conteúdos de áreas como design, publicidade, “cultura popular”, e não apenas das belas artes. O (a) Professor (a) passou a trabalhar com seus (suas) estudantes conteúdos artísticos mais próximos do seu cotidiano, porém, sem deixar de oferecer as “Belas Artes”. Como a Prof.^a Ana Mae falou em sua palestra no XVII CONFAEB:

Em um lugar onde Arte significa somente o código alto, introduzi a cultura visual do povo e agora no lugar onde impera a cultura visual do povo introduzi a cultura erudita, e até podemos dizer o código que hoje substituiu as vanguardas modernistas do ponto de vista da contemporaneidade. A vanguarda de hoje é a Arte na rede (BARBOSA, 2007, p. 5).

Além de defender o ensino de vários conteúdos de arte, a Prof.^a Ana Mae Barbosa conclui sua afirmação dizendo que a vanguarda, hoje, é a Arte na rede. Este comentário aponta para o tema do XX CONFAEB – “Indivíduos, Coletivos, Comunidades e Redes” – que, segundo a coordenadora geral, não foi um tema para debater, e sim para criar uma atmosfera de agregação e confraternização. Portanto, a organização do evento recebeu os participantes com uma consciência de que estamos em rede(s).

A História do Ensino da Arte foi outra concepção bastante citada pelos organizadores dos CONFAEBs. Cada um deles, à sua maneira, recorreu à História para planejar os congressos. O tema geral do XV CONFAEB foi “Trajetórias e Políticas para o Ensino da Arte no Brasil” e do XVII foi “FAEB: 20 Anos de História”. Como disse a Prof.^a Ana Mae Barbosa no XX CONFAEB, “Uma área de estudos sem História é facilmente dominada e manipulada. Todo discurso científico está apoiado sobre um pensamento anterior a respeito da coisa discutida, já dizia Diderot” (DIDEROT, apud BARBOSA, 2010, p. 46).

E finalmente, destaco aqui, neste capítulo, a concepção “Políticas Públicas”, que foi tema do XV CONFAEB e um dos eixos temáticos dos GTs do XIX CONFAEB. Os organizadores dos CONFAEBs perceberam que, para implementar um ensino de qualidade em artes, faz-se necessário refletir e unir forças com as políticas públicas, a fim de viabilizar os projetos, tanto para a realização dos congressos como para a formação continuada dos profissionais da área.

4. CONCEPÇÕES QUE FORAM BASE PARA OS CONFAEBs QUE OCORRERAM EM 2001 a 2010, SEGUNDO SEUS ANAIS

No capítulo anterior, foram analisadas as entrevistas dos organizadores dos CONFAEBs de 2001 a 2010, que expuseram suas opiniões acerca das concepções que embasaram as discussões conceituais dos congressos por eles organizados. Neste capítulo, estarei analisando os anais e programações dos CONFAEBs do período acima citado. O material analisado consta dos anais dos congressos ocorridos em 2001, 2003, 2004, 2007, 2008, 2009, 2010 e da programação do CONFAEB 2006, pois neste ano a organização do mesmo não teve recursos para editar os anais. Um dos coordenadores enviou-me a programação. No entanto, antes de analisar os anais e programações dos CONFAEBs realizados de 2001 a 2010, faz-se necessário relacioná-los, apresentando-os com suas características, conforme tabela abaixo:

Tabela nº 11 – CONFAEBs que Ocorreram nos Anos de 2001 a 2010

ANAIS/ANO	TEMA	INSTITUIÇÃO/CIDADE	COORDENADOR	PRESIDENTE FAEB
2001	O Ensino da Arte: História e Perspectivas	PUC/Campinas-SP	Roberta Puccetti P. Bueno	Roberta Puccetti
2003	Arte e Educação: Culturas do Ensinar e Culturas do Aprender	UFG/Goiânia-GO	Irene Tourinho	Roberta Puccetti
2004	Trajetória e Políticas para o Ensino das Artes no Brasil	FUNARTE/Rio de Janeiro-RJ	José Mauro Barbosa Ribeiro	José Mauro Barbosa Ribeiro
2006	Unidade na Diversidade: Tendências, Conceitos e Metodologias no Ensino da Arte	UFOP/Ouro Preto-MG	José Mauro B. Ribeiro (Coord. Geral) Adriana Valéria Pessoa (Coord. Executiva)	José Mauro Barbosa Ribeiro
2007	FAEB: 20 Anos de História	UDESC/ Florianópolis-SC	Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva	José Mauro Barbosa Ribeiro
2008	Arte/Educação Contemporânea: Narrativas do Ensinar e Aprender Artes	URCA/Crato-CE	Fábio José Rodrigues da Costa	José Mauro Barbosa Ribeiro
2009	Concepções Contemporâneas	UFMG/Belo Horizonte-MG	Lúcia Gouveia Pimentel	Jacqueline Mac-Dowell
2010	Indivíduos, Coletivos, Comunidades e Redes	UFG/Goiânia-GO	Leda Maria de Barros Guimarães	Jacqueline Mac-Dowell

De acordo com a tabela nº 11, cada CONFAEB foi realizado numa universidade distinta, em várias regiões do país. É importante também destacar

que os presidentes da FAEB nos anos dos CONFAEBs foram: a Prof.^a Roberta Puccetti, nos anos de 2001 e 2003, o Prof. José Mauro Barbosa Ribeiro, nos anos de 2004, 2006, 2007 e 2008 e a Prof.^a Jacqueline Mac-Dowell, nos anos de 2009 e 2010. O Professor José Mauro falou-me que, quando era presidente da FAEB, foi coordenador geral dos CONFAEBs organizados nos anos em que estava liderando a FAEB: 2004-2006¹⁸ e 2007-2008. Como disse anteriormente, não houve CONFAEB nos anos de 2000, 2002 e 2005, porque não havia lugar disponível para a sua realização ou não havia recursos financeiros suficientes para estruturar um congresso naqueles anos.

O objetivo deste capítulo é descobrir quais as concepções que embasaram as discussões conceituais nos CONFAEBs de 2001 a 2010. E, lembrando que no primeiro capítulo tomei como significado básico de “concepção” o termo “teoria”, segundo Houaiss (2001), enfatizo nesta seção a programação científica dos CONFAEBs: palestras, comunicações, programação cultural.

4.1. XIII CONFAEB, Realizado em 2001

Iniciando com os anais do CONFAEB realizado em 2001, o tema deste congresso foi “O Ensino da Arte: História e Perspectivas”, e foi realizado conjuntamente com o Primeiro Festival Sul-Sudeste de Artes sem Barreiras, que, de acordo com o site Sentidos...

Os objetivos do XIII Congresso Nacional da Federação de Arte-Educadores do Brasil foram promover debates e intercâmbios de experiências metodológicas, pesquisas, políticas educacionais e culturais, referentes à arte-educação e contribuir para a formação continuada dos profissionais da área, apresentando-lhes novas alternativas de ação pedagógica. O público-alvo composto de arte-educadores, professores de educação especial e regular, vinculados ao ensino público, privado e a instituições educacionais para pessoas com necessidades especiais, artistas, psicólogos, fonoaudiólogos, pedagogos, estudantes, etc. (IBES, 2001)¹⁹

¹⁸ O Prof. José Mauro Barbosa Ribeiro exerceu a presidência da FAEB durante três anos (2004-2006), porque não houve CONFAEB em 2005, por motivos citados no texto. Portanto, continuou sendo presidente da instituição em 2006. Apesar de que na assembleia ordinária da FAEB, ocorrida no CONFAEB de 2006, os membros da entidade reelegeram o Prof. José Mauro como presidente, que exerceu mais um mandato no biênio 2007-2008.

¹⁹ INSTITUTO BRASILEIRO DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL. **XIII Congresso**. In: Sentidos. Disponível em: <<http://sentidos.uol.com.br/canaais/materia.asp?codpag=1258&codtipo=2&subcat=32&canaI=mercado>>. Acessado em: 16 Jun. 2012.

Devido ao fato do XIII CONFAEB ter sido organizado junto com o Festival de Artes Sem Barreiras, que tem a especificidade de trabalhar com pessoas com necessidades especiais, o evento priorizou temas que contemplassem a área de arte/educação e educação especial. A presidente da FAEB em 2001, a Prof.^a Roberta Puccetti P. Bueno, da PUC-Campinas, coordenadora geral do XIII CONFAEB, falou que...

Em 1996, Campinas, por intermédio do IX CONFAEB, foi o cenário da resistência de arte-educadores, que buscavam novos rumos para o ensino da arte no Brasil. Em 2001, a PUC-Campinas volta ser a sede, simultaneamente, do XIII CONFAEB e 1º Festival Sul-Sudeste de Arte Sem Barreiras. Atualmente, o nosso país apresenta um panorama diferenciado em relação ao Ensino da Arte. A preocupação com a qualidade está cada vez mais presente em todas as áreas da educação. Nesta perspectiva, o Congresso e o Festival se propõem resgatar a história da Arte-Educação no país e sua trajetória, visando fortalecer as diretrizes do ensino da arte em nível nacional e mostrar a arte como linguagem e conhecimento, ancorados nos princípios da inclusão, na integração e na superação das barreiras. Partindo da difusão do conhecimento e da pesquisa, os eventos propiciarão aos profissionais da área indicadores para debates, intercâmbios e reflexões críticas e projetivas, diante de novos paradigmas educacionais, redesenhando o caminho a ser percorrido pelo Ensino da Arte neste novo milênio (BUENO, 2011, p.1).

A programação de Conferências, Mesas Redondas e palestras do XIII CONFAEB mostra bem essa realidade de temas que contemplam a área de arte/educação e educação especial, como vemos na tabela abaixo.

Tabela 12 – Conferências e Mesas Redondas do XXIII CONFAEB

XIII CONFAEB E PRIMEIRO FESTIVAL DE ARTES SEM BARREIRAS - PUC CAMPINAS EM 2001		
Conferência de Abertura	O Ensino da Arte: História e Perspectivas	Ana Mae Barbosa
Subtema 1	Arte-Educação: História e Proposições	João Francisco Duarte Jr (UNICAMP-SP), Rejane Coutinho (NACE/USP-SP), Lucimar Bello (UFU-MG), Laís Aderne (HUAH-DF), Miriam Celeste Martins (UNESP-SP)
Subtema 2	O Ensino da Arte: Reforma Curricular nos Cursos Superiores	Lúcia Pimentel (UFMG-MG), Ana Del Tabor (UNAMA-PA), Irene Tourinho (UFG-GO), Fernando Azevedo – Mediador (FAEB/VSA-PE)
Subtema 3	O Currículo de Arte na Educação Básica	Heloísa Ferraz (ECA/USP-SP), Célia de Almeida (UNICAMP-SP), Regina Machado (USP-SP), Zezé Oliveira – Mediadora (PUC-Campinas/SESC-SP)

Subtema 4	Linguagem Artística e o Público Especial	Andreia Bertolde (VSA-PR), Fernando Azevedo (FAEB/VSA-PE), Amanda Tojal (USP-SP)
Subtema 5	Arte Educação Inclusiva	Alice Fátima Martins (FADM-SP), Maria Teresa Egler Mantoam (UNICAMP-SP), Lúcia Reily (PUC-Campinas/UNICAMP-SP), Roberta Puccetti P. Bueno – Mediadora (PUC-Campinas/FAEB/VSA-SP)
Subtema 6	Linguagens: Especificidades e Desafios	Irene Tourinho (UFG-GO), Lucimar Bello (UFU-MG), Marcos Vilela (UFP-RS), Sueli Ferreira (FASM-SP/FAEB)
Mesa Redonda	Acessibilidade	Fernando Machado (ABNT/VSA-SP), José Francisco B. Veiga Silva (Vice Reitor p/ Assuntos Administrativos PUC-Campinas), Kátia Fonseca (Jornal Correio Popular), José Oscar Fontanini de Carvalho (Acessoria Vice Reitoria Acadêmica PUC-Campinas), Eliana Ferreira – Mediadora (UNICAMP-SP)
Palestra	Linguagem e Desenvolvimento Humano	Cecília Góes (UNIMEP-SP)

O tema geral do XIII CONFAEB foi “O Ensino da Arte: História e Perspectivas”, cuja programação gerou subtemas como: “O Ensino da Arte: Reforma Curricular nos Cursos Superiores”; “O Currículo de Arte na Educação Básica”; “Linguagem Artística e o Público Especial”; “Arte Educação Inclusiva”; “Linguagens: Especificidades e Desafios”. Desta forma, a teoria utilizada para liderar as discussões entre as conferências e as mesas redondas foi a História do Ensino de Arte, no entanto, foram elencados uma diversidade de subtemas para serem debatidos no contexto, tais como: currículo em Artes, linguagens artísticas, arte educação e inclusão, acessibilidade e linguagem.

Como vemos, a história foi utilizada como “mote” para encaminhar as discussões no XIII CONFAEB e no Festival Arte sem Barreiras. Observamos que esta é uma tendência nos CONFAEBs, a discussão dos aspectos históricos da Arte/Educação, que, conforme Ana Mae (2008, p. 13), “cada geração tem direito de reinterpretar sua herança histórica, por isso o conhecimento histórico é essencial para a consciência política do indivíduo”.

Aliado à História da Arte/Educação, havia o tema da educação de pessoas com necessidades especiais. A esse respeito, destaco o tema de uma das mesas redondas: “Acessibilidade”. E como Fernando Machado disse... E

O entendimento de acessibilidade deixou de ser aquela tradicional rampinha e o elevador. A acessibilidade é muito mais que isso, é a interação do indivíduo com os produtos, com os equipamentos, com tudo que existe. E tem nessa acessibilidade o progresso, sendo mais fácil, que já se tornou até propaganda. O entendimento vai ser maior, e, com certeza isso é crescente, infelizmente não tem volta (IBES, 2001) ²⁰.

Portanto, no CONFAEB, as discussões sobre a História da Arte/Educação e a Acessibilidade conviveram muito bem e oportunizaram aos participantes a ampliação da convivência com temas tão importantes para a área. A organização conjunta do XIII CONFAEB e do Primeiro Festival Sul-Sudeste de Arte sem Barreiras demonstrou, com certa pertinência, o caráter multicultural da FAEB, que objetiva reconhecer todas as culturas e todos os grupos existentes no Brasil e no mundo. Quando falo de multiculturalismo, não me refiro apenas aos grupos étnicos, mas aos grupos minoritários, como as pessoas com necessidades especiais, as mulheres, os idosos, crianças, homossexuais, etc. Como diz a Prof.^a Ivone Mendes Richter...

Abordar a questão de gênero dentro da escola é outro desafio para o professor. A educação multicultural é muitas vezes pensada apenas no sentido étnico, no entanto ela deve englobar também outras subculturas presentes no universo social, referentes à classe, gênero, religião, idade, etc. (RICHTER, 1999, p. 4)

Os palestrantes convidados foram oriundos de vários Estados do País tais como: São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, da Região Sudeste; Pernambuco, da Região Nordeste; Pará, da Região Norte; Paraná, da Região Sul; Goiás e Distrito Federal, da Região Centro-Oeste. Portanto, apesar de não ter palestrantes de todos os Estados, ao menos todas as regiões geográficas foram contempladas, comprovando o reconhecimento das locações culturais na FAEB e CONFAEB.

Foram trinta e seis comunicações apresentadas no XIII CONFAEB, expostas em grupos assim denominados: Artes no Ensino Fundamental e Médio; Arte no Ensino Superior; Arte e Deficiência; Educação Infantil; Arte, Exclusão Social e Multiculturalidade; Linguagem, Código e Tecnologia. Os temas das comunicações distribuídas nesses grupos seguiram o tema geral que foi “História da Arte/Educação” e os subtemas discutidos nas mesas

²⁰ INSTITUTO BRASILEIRO DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL. **XIII Congresso**. In: Sentidos. Disponível em: <<http://sentidos.uol.com.br/canais/materia.asp?codpag=1258&codtipo=2&subcat=32&canal=mercado>>. Acessado em: 16 Jun. 2012.

redondas como: currículo em Artes, linguagens artísticas, arte educação e inclusão, acessibilidade e linguagem.

Em relação à origem (geográfica) dos expositores, houve representação da Bahia e Paraíba, da Região Nordeste; Pará, da Região Norte; Goiás, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal, da Região Centro-Oeste; Rio Grande do Sul e Paraná, da Região Sul; Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, da Região Sudeste, ampliando, assim, os Estados que já tinham sido representados nas conferências e mesas redondas, comprovando mais uma vez o alcance da FAEB e CONFAEB em todas as regiões do País.

É importante dizer que o XIII CONFAEB deveria ter sido realizado em 2000, porém, por falta de condições financeiras e por falta de alguém que assumisse a organização do evento, em 2001 a FAEB se reuniu, em caráter extraordinário, para eleger a Prof.^a Roberta Puccetti P. Bueno como Presidente interina da FAEB, que levou o CONFAEB para a PUC de Campinas, já era professora daquela instituição, em 2001. Como disse um dos organizadores entrevistados...

Houve um congresso em Salvador que deram uns problemas econômicos, problemas conceituais. Foi um caos lá. Foi mal organizado e por causa dessa má organização quase que a FAEB acaba... A professora Roberta Puccetti... Eu acho que nós fizemos às pressas uma eleição... E aí elegemos a professora como presidente da FAEB. Ela levou pra Campinas e fez esse CONFAEB... Não posso falar desses CONFAEBs porque não tem nada a ver... Eu só estou contextualizando (O)

Portanto, para um congresso que foi organizado nessas condições, de eleição urgente para nomear um presidente, e levar o evento para Campinas, sem muito planejamento, os objetivos foram alcançados e o tema do CONFAEB foi amplamente debatido. A Prof.^a Ivone Mendes fala das condições quando a Prof.^a Roberta Puccetti assumiu o XIII CONFAEB, dizendo que...

Em 2001, novamente em Campinas, por intervenção de Roberta Puccetti, vice-presidente da diretoria eleita em 1998, assume o evento, realizando o XIII CONFAEB, agora com Roberta como presidente interina. O congresso aborda o tema: "Ensino da Arte: História e Perspectivas". Por ocasião do congresso foi eleita a nova diretoria, ficando Roberta Puccetti como presidente e Fernando Azevedo como vice (RICHTER, apud BARBOSA 2008, p. 331).

Diante da afirmação da Prof.^a Ivone Mendes Richter, podemos perceber que mesmo tendo sido eleita com a finalidade de continuar com a FAEB, organizando assim o CONFAEB, além de debater sobre História do Ensino da Arte e Educação Especial com o Primeiro Festival Sul-Sudeste de Artes sem Barreiras, o congresso propiciou que os membros, em assembleia ordinária, eledessem a nova diretoria, ficando a própria Roberta Puccetti como presidente da FAEB e Fernando Azevedo, de Pernambuco, como vice-presidente.

4.2. XIV CONFAEB, Realizado em 2003

Os próximos anais que irei analisar são os do XIV CONFAEB, que ocorreu em Goiânia-GO, e foi organizado pela Prof.^a Irene Tourinho, Universidade Federal de Goiás – UFG, em 2003. O CONFAEB não havia sido realizado no ano de 2002 e, mais uma vez, a FAEB teve que encontrar alguém que se disponibilizasse a organizar o congresso e...

Quando chegou à Goiânia, quer dizer, ela (a FAEB) não tinha mais perna... Porque ninguém queria organizar os CONFAEBs, porque era uma responsabilidade muito grande, e não tinha dinheiro. Aí foi levado pra Goiânia e, como consenso, porque a professora Irene Tourinho tava em Goiânia, tinha ido pra lá e tinha condições de articulação com a Universidade de Goiás, Federal de Goiás, ela e o professor Raimundo Martins. E aí eles fizeram esse congresso lá. (O)

As condições de articulação de Prof.^a Irene Tourinho com a Universidade Federal de Goiás – UFG fizeram com que a organização do CONFAEB, que teve como tema geral “Arte e Educação Culturas do Ensinar e Culturas do Aprender”, fosse satisfatória, com a participação de palestrantes representativos da área de arte/educação, oriundos de vários Estados do Brasil. Sem falar na equipe, que editou os anais com excelente qualidade. Sobre os anais, a Prof.^a Irene Tourinho diz que...

“Culturas do ensinar e culturas do aprender” – tema geral do XIV Congresso Nacional da FAEB – lança olhares diferenciados sobre relações entre arte, sujeitos, contextos, aprendizagem e ensino. Os Anais mostram a produtividade e as tensões especulativas advindas das experiências em curso na área de arte-educação no Brasil, levantando questões para professores, pesquisadores e alunos de artes. Fruto da colaboração de profissionais de diversas regiões do país, os textos aqui publicados apresentam um cenário vivo do trabalho dos arte-educadores (TOURINHO, 2003, p. 278).

Em sua fala, a Prof.^a Irene Tourinho deixa claro os conceitos que permearam as discussões do XIV CONFAEB: “... sujeitos, contextos, aprendizagem e ensino”, que estiveram presentes nos debates, nas palestras, nas comunicações, nos anais e na organização do evento como um todo. Abaixo temos a tabela sobre a programação do congresso, no que se refere à conferência, mesas redondas e ação integrada.

Tabela nº 13 – Programação de Conferência, Mesas Redondas e Ação Integrada do XIV CONFAEB

XIV CONFAEB – UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG) EM 2003	
Conferência de Abertura	Culturas do Ensinar e Culturas do Aprender – Quando o Desencontro, a Incerteza, o Imprevisível São Bons para Pensar Prof. ^a Marisa Vorraber Costa (UFRGS/ULBRA/NECCSO)
Mesa Redonda I	Conhecimento e Experiência Arte/Educação: A experiência de Ontem e o Presente Ana Mae Barbosa (ECA/USP) Conhecimento, Experiência e Literatura Anselmo Pessoa Neto (Faculdade de Letras/UFG)
Mesa Redonda II	Percepção e Sentido Percepção e Sentido da Música para a Educação Musical Cristina Grossi (Dept. Música da UNB) Arte: Culturas do Ensinar e Culturas do Aprender – Percepção e Sentido Soraia Maria Silva (Dept. Cênicas da UNB)
Mesa Redonda III	Inventividade e Sistematização Inventividade e Sistematização: Arte Contemporânea, Cotidiano Urbano e Reconstrução Social Lilian Amaral (ECA-USP/Museu Aberto-SP) A Partitura do Conferencista – Insight e Organização de Cenas no Espaço do Ensinar e do Aprender Arte Arão Paranaguá de Santana (UFMA) Educação Musical na Pedagogia – Uma ‘Paisagem Sonora’ Possível Beatriz Lemos (Faculdade de Pedagogia UNB)
Ação Integrada	Ação Integrada Educação, Arte, Inclusão Albertina Brasil Santos (Arte Sem Barreiras/ FUNARTE-Very Special Arts, Brasil) Arte e Inclusão: Construindo uma Pedagogia Crítica Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo (Sec. Educação/PE) Artes e Diversidade Roberta Puccetti (PUC-Campinas e Presidente da FAEB)

De acordo com a tabela acima, podemos concluir que o tema geral do congresso foi discutido, gerando, assim, pela programação, temas afins às Culturas do Ensinar e do Aprender, pensadas pelos coordenadores do CONFAEB, que contemplaram subtemas como: Conhecimento e Experiência; Percepção e Sentido; Inventividade e Sistematização; Educação, Artes, Inclusão e Diversidade. Na conferência de abertura, a palestrante falou que...

Como se poderia dar conta do tema-problema culturas do ensinar e culturas do aprender... Vou me movimentar naquele terreno que me é mais familiar – o dos Estudos Culturais (EC)... Os EC não constituem um conjunto articulado de ideias e pensamento... Eles são e sempre foram um conjunto de formações instáveis e descentradas... Se quisermos localizar um ponto de convergência nos EC, certamente encontraremos no epicentro o conceito de cultura (TOURINHO, 2003, p. 19-20).

Os Estudos Culturais surgiram no meio acadêmico contra o elitismo de seus objetos de estudo, mais precisamente através dos estudos de crítica literária de Raymond Williams e Richard Hoggart, que fundaram o Center for Contemporary Cultural Studies, na Universidade de Birmingham, que seguiu liderado por Stuart Hall. Para a Prof.^a Marisa Vorraber Costa, os estudos culturais surgiram na Inglaterra, a partir dos movimentos sociais, nos meados do século XX, período em que havia uma luta contra as tradições elitistas, que exaltavam uma diferença hierárquica entre alta cultura e cultura de massa, entre cultura burguesa e cultura operária, entre cultura operária e cultura popular. Ela complementa o pensamento falando que...

... É, então, a essa concepção elitista – em que a cultura é certo “estado cultivado do espírito”, que estaria em oposição “à exterioridade da civilização” – que os EC vão se contrapor... Quando falamos em culturas do ensinar e culturas do aprender estamos implicados de corpo e alma nas arenas do significado... De um ponto de vista, há uma crítica à escola que persistiria ministrando saberes desencarnados, próximo daquilo que Paulo Freire denominava de educação bancária... A contribuição dos Estudos Culturais às análises da educação introduz muitos elementos importantes para refletir sobre este ponto – o descompasso com seu tempo – decorrendo daí muitas discussões e possibilidades interessantes para professoras e professores (COSTA, 2003, p. 21-25).

Portanto, a Prof.^a Marisa Vorraber Costa fez uma reflexão a respeito de que, durante o processo de ensino e aprendizagem, é necessário pensar na cultura dos envolvidos, principalmente dos estudantes, concluindo a conferência, dizendo que...

Talvez devêssemos advogar por uma educação do desencaixe, em que a emoção, a imprevisibilidade e a instabilidade pudessem ser o estímulo para encontrarmos saídas inusitadas em direção a outro mundo, talvez melhor... (COSTA, 2003, p. 33).

Então, o tema geral discutiu as culturas do ensinar e culturas do aprender à luz dos Estudos Culturais, que repensa a cultura das elites e propõe uma reformulação da maneira de como a cultura é vivenciada na escola.

O tema geral: “Arte e Educação: Culturas do Ensinar e Culturas do Aprender” gerou a discussão de subtemas que estão atrelados à sua concepção e que foram debatidos em mesas redondas. A primeira mesa redonda teve como tema “Conhecimento e Experiência”, que contou com a participação da Prof.^a Ana Mae Barbosa, da USP, e do Prof. Anselmo Pessoa Neto, da Faculdade de Letras/UFG. A Prof.^a Ana Mae Barbosa falou sobre o tema: “Arte/Educação: A Experiência de Ontem e o Presente”, relatando a história da arte/educação, a partir da arte para crianças e adolescentes como atividade extracurricular, com Theodoro Braga e Anita Malfatti, passando pela arte para liberação emocional, que teve como a expressão máxima o Movimento Escolinhas de Arte – MEA, surgida em 1948, que “começou a tentar convencer a escola comum da necessidade de deixar a criança se expressar livremente, usando lápis, pincel, tinta, argila, etc.” (BARBOSA, 2003, p. 40). A Prof.^a Ana Mae ainda falou do Ensino de Arte na época da ditadura, com o golpe militar de 1964, quando havia a obrigatoriedade do ensino da Arte, com a Reforma Educacional de 1971 e a criação dos cursos de licenciatura em educação artística. Dos anos 80 e anos seguintes: o Pós-Modernismo, a professora falou da Semana de Arte e Ensino, que reuniu três mil professores na USP, organizando, assim, o Núcleo Pró Associação de Arte Educadores de São Paulo e, posteriormente, a criação das associações estaduais de arte/educadores, e, em 1987, a FAEB. Por fim, a Prof.^a Ana Mae Barbosa falou da arte nos projetos de reconstrução social, da Arte/Educação em museus, arte na universidade, fazendo um apelo para que os presentes enviassem textos sobre a história da arte/educação, que resultou no livro “Ensino da Arte: Memória e História”, organizado pela professora.

O Prof. Anselmo Pessoa Neto falou do tema “Conhecimento, Experiência e Literatura”, e disse que “um dos fatores preponderantes na diferenciação entre um homem atual e seu antepassado é o grau de leitura e absorção de conhecimento de um e outro” (NETO, 2003, p. 61). Para construir seu discurso em sintonia com o tema da mesa redonda, disse que “a literatura

é o maior repositório de conhecimento e experiência que a humanidade já produziu...” (NETO, 2003, p. 61). O Prof. Anselmo ainda falou de três revoluções da comunicação: a escrita, a imprensa e o telégrafo, que influenciaram o aperfeiçoamento da literatura, tendo em vista que “o conhecimento e a experiência antes guardados na memória, hoje tem o seu lugar de armazenamento privilegiado nos livros” (NETO, 2003, p. 69). Concluiu sua palestra dizendo que a experiência de leitura pode iluminar o processo de ensino/aprendizagem do indivíduo, somando seu esforço e disciplina.

O tema da Mesa Redonda II foi “Percepção e Sentido”, com a participação da Prof.^a Cristina Grossi do Dept. de Música da UNB e da Prof.^a Soraia Maria Silva do Dept. de Artes Cênicas da UNB. O subtema da Prof.^a Cristina Grossi foi “Percepção e Sentido da Música para a Educação Musical”, que teve como estrutura de texto: Início – Algumas considerações acerca da diversidade das vivências através dos usos e função da música; Desenvolvimento – A percepção musical, no âmbito das vivências cultural e educacional, com uma síntese das categorias de respostas à música; Conclusão – Alguns aspectos importantes acerca do ensino e aprendizagem da música no contexto proposta. A Prof.^a Soraia Maria Silva teve como subtema: “Arte Culturas do Ensinar e Culturas do Aprender – Percepção e Sentido”, que, para ela, configura-se em discutir percepção e sentido, fazendo um diálogo entre duas linguagens. A professora escolheu a seguinte estrutura do seu discurso...

Relacionando literatura e dança, procedimentos linguísticos, literários e coreográficos propõe-se aqui o estudo sobre o Texto do Bailarino, que deverá ser desenvolvido observando os períodos das quatro primeiras décadas do século XX, focalizando especificamente as manifestações estéticas simbolistas, expressionistas e modernistas presentes na obra de Eros Volússia e de Gilka Machado (SILVA, 2003, p. 91).

A Prof.^a Soraia Silva concluiu sua palestra falando dos aspectos de uma simbiose artística entre a poeta e a bailarina, que existia na bailarina Eros Volússia, por influência de sua mãe, a poetisa Gilka Machado, exemplificando com fragmentos de poemas de Gilka e fragmentos de roteiro da dança de Eros Volússia.

O tema da Mesa Redonda III foi “Inventividade e Sistematização”, composta pela Doutoranda Lilian Amaral, da ECA-USP e Museu Aberto-SP, pelo Prof. Arão Paranaguá de Santana, do Dept. de Artes Cênicas da UFMA e pela Prof.^a Beatriz Lemos, da Faculdade de Pedagogia da UNB. A Doutoranda Lilian Amaral falou sobre “Inventividade e Sistematização: Arte Contemporânea, Cotidiano Urbano e Reconstrução Social”, esclarecendo que seu texto se definia mais como um roteiro das ideias e experiências de “Alegoria do Caos: Paço das Artes – Heliópolis” e “Cidadania: Uma Questão de Sobrevivência”, que foram intervenções artísticas e urbanas no bairro de Heliópolis. O Prof. Arão Paranaguá discorreu sobre “A Partitura do Conferencista – insight e organização de cenas no espaço do ensinar e do aprender arte”, que se constitui numa fala diferenciada das mesas redondas tradicionais, a partir do jogo teatral. E a Prof.^a Beatriz Lemos abordou sobre “Educação Musical na Pedagogia – uma ‘Paisagem Sonora’ possível”: experiências que teve com estagiários do curso de Pedagogia da UNB, nas quais relata sobre o desenvolvimento de projetos de musicalização de onze alunos da turma.

Houve ainda uma Ação Integrada com Albertina Brasil Santos (Diretora Executiva do Programa Arte Sem Barreiras/FUNARTE – Very Special Arts, Brasil); Prof. Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo (Secretaria De Educação-PE, Professor da Faculdade Decisão-PE) e Prof.^a Roberta Puccetti (Diretora do Curso de Artes Visuais da PUC-Campinas e Presidente da FAEB). Albertina Brasil Santos falou sobre “Educação, Arte, Inclusão”, historiando o trabalho da Very Special Art no Brasil...

Desde sua criação em 1990, o Programa Arte Sem Barreiras-FUNARTE-Very Special Art Brasil, vem priorizando a sensibilização e a conscientização da sociedade, objetivando a inclusão dos artistas com necessidades especiais na programação cultural do país (SANTOS, 2003, p. 129).

Ela continua falando da importância da inclusão, citando a Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas, em 1994, em Salamanca, na Espanha, que defende que todas as crianças devem aprender juntas, não importando as dificuldades e diferenças que possam ter. Sobre a formação continuada. Albertina diz que...

A capacitação em arte dos professores do ensino fundamental foi então integrada às ações do Programa Arte Sem Barreiras, com notável presença de arte-educadores – que nos assessoram desde 1999 – e de especialistas com vasta experiência na área da educação especial (SANTOS, 2003, p. 129).

Albertina Brasil Santos encerrou sua palestra fazendo convite aos arte/educadores que enviassem pesquisas sobre as diferenças na educação para o Programa Arte Sem Barreiras.

O Prof. Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo discorreu acerca da “Arte e inclusão: construindo uma pedagogia crítica”, citando, já no início de sua intervenção, Paulo Freire, que nos ensinou a rejeitar a sonegação na educação (FREIRE, apud AZEVEDO, 2003), e Ana Mae Barbosa, que diz que uma educação libertária só terá sucesso quando os participantes no processo educacional forem capazes de identificar seu ego cultural e se orgulharem dele. (BARBOSA, apud AZEVEDO, 2003). Seguiu seu discurso diferenciando inclusão de integração, elucidando que a segunda desconsidera a diversidade humana, enquanto que a primeira coloca em debate preconceitos e crenças, desconstruindo modelos. O professor evocou o multiculturalismo nesse contexto da Arte e Inclusão, dizendo que...

A Arte e seu ensino, numa perspectiva emancipatória e inclusiva, partindo de uma práxis, restauradora, transgressora, multicultural e dialética, possibilita variadas e ampliadas leituras de mundo, reafirmando a singularidade na diversidade. Neste sentido, a arte pode, deve e tem contribuído para reorganizar a escola como o grande palco de diálogos entre diferentes culturas (AZEVEDO, 2003, p. 134).

A Prof.^a Roberta Puccetti P. Bueno teve como tema de sua intervenção “Arte e Diversidade”. Ela iniciou explicando que...

A proposta deste colóquio é de refletir sobre a Arte na educação, sua importância no processo de ensino e aprendizagem, bem como na construção do conhecimento sob a ótica de uma concepção de educação inclusiva (BUENO, 2003, p. 135).

A professora desenvolveu seu tema, citando sua pesquisa de doutorado, que demonstrou a função e as possibilidades da arte no desenvolvimento educacional da pessoa com deficiência, no qual deve se considerar o processo educacional como uma relação dialética, envolvendo as interações sociais,

culturais e psicológicas, fazendo com que o sujeito se desenvolva na experiência histórico-cultural, sendo visto como alguém ativo e criativo, capaz de se transformar.

Todas as comunicações tiveram relação com o tema “culturas do aprender e culturas do ensinar”. Neste sentido, foi um congresso que pensou bem profundamente o tema geral que escolheu. E quanto às localidades presentes em toda programação do XIV CONFAEB, estiveram representadas quatro das cinco Regiões do país: Centro-Oeste, Nordeste, Sul e Sudeste, faltando, assim, representação da Região Norte.

4.3. XV CONFAEB, Realizado em 2004

Passo agora a analisar os Anais do XV CONFAEB, que teve como tema geral “Trajetória e Políticas para o Ensino das Artes do Brasil”. Segundo o coordenador geral, José Mauro Barbosa Ribeiro, que também era o presidente da FAEB, em 2004,...

Na sua XV edição, o Congresso dos Arte-Educadores do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, objetiva refletir sobre os caminhos percorridos pelo ensino de arte no nosso país e suas perspectivas de novas possíveis direções. A pauta do debate situa-se entre dois olhares, passado e presente não como tempos estanques, mas como a trama histórica que sustenta o entendimento do contexto contemporâneo, em suas múltiplas dimensões, fundamentando, por conseguinte, a ação educativa e a formulação de políticas públicas para o ensino. (RIBEIRO, 2009, p.19).

Portanto, o XV CONFAEB discutiu sobre o percurso histórico do ensino de arte no Brasil e sobre as políticas públicas, a fim de que esse ensino se expandisse com qualidade no país. O tema do congresso foi escolhido baseado no contexto da organização do CONFAEB, após a eleição do presidente Luís Inácio Lula da Silva, candidato de oposição pelo Partido dos Trabalhadores – PT. O Prof. José Mauro estava num coquetel organizado pelo PT e conheceu a Diretora do Centro de Programas da FUNARTE, a Sr.^a Miriam Brum, que após conversas, tanto no coquetel quanto na sede da FUNARTE, na cidade do Rio de Janeiro, concordou que a instituição patrocinaria o evento. Com o tema geral envolveu o ensino de arte e as políticas públicas, o XV CONFAEB contou com, além de arte/educadores conferencistas, palestrantes

oriundos da área política, que discutiram a trajetória do ensino de arte no Brasil à luz das políticas públicas, oportunizando, assim, o debate com os arte/educadores e autoridades que tinham o poder para fazer as transformações acontecerem com mais intensidade e rapidez.

Diante do exposto, é importante demonstrar como foi a programação do XV CONFAEB, a fim de comprovar a variedade de discussões na área de ensino de arte e políticas públicas. Abaixo, temos a tabela da programação de conferências e mesas redondas do evento.

Tabela nº 14 – Programação da Abertura, Painel, Homenagens, Conferências e Mesas Temáticas

XV CONFAEB – SEDE DA FUNARTE – CIDADE DO RIO DE JANEIRO-RJ – EM 2004 TEMA: TRAJETÓRIA E POLÍTICAS PARA O ENSINO DAS ARTES DO BRASIL	
Abertura	Congresso Nacional da Federação dos Arte-Educadores do Brasil Antonio Grassi (Presidente da FUNARTE) Apresentação da Federação de Arte-Educadores do Brasil José Mauro Barbosa Ribeiro (Presidente da FAEB) Bem-Vindos Arte-Educadores! Míriam Brum (Diretora do Centro de Programas Integrados da FUNARTE) Arte e Educação: cerzir fronteiras, enunciar territórios Ricardo Henriques (Sec. De Educ. Continuada, Alfabetização do MEC; Professor licenciado da UFF)
Painel	Políticas Públicas para o Ensino de Arte no Brasil Boas-Vindas Myriam Lewin (Diretora Executiva da FUNARTE) XV Congresso Nacional da Federação de Arte-Educadores do Brasil Antonio Cláudio Gomes (Subsecretário-Adjunto da Gestão Escolar) Aspectos da Arte-Educação a Partir dos Anos 1970 no Estado do RJ Caíque Botkay (Assessor da Subsecretaria de Ação Cultural da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro – SECRJ)
Homenagens	Não me Conformo – Homenagem ao Prof. Geraldo Salvador (Cap da UFRJ) Renan Tavares (Professor Doutor da UNIRIO) Albertina: dínamo de coragem e liderança – Homenagem a Sr.^a Albertina Brasil Santos (Diretora-Executiva do Programa Arte Sem Barreiras) Ritamaria Aguiar (Coordenadora de Programa Arte Sem Barreiras da FUNARTE) Homenagem ao Professor Camarotti (Prof. Marco Camarotti-UFPE) Arheta Andrade (UFPE)
Conferências	Arte/Educação Contemporânea ou Culturalista Ana Mae Barbosa (Professora da ECA-USP) XV Congresso da Federação de Arte-Educadores do Brasil Laís Aderne (Universidade de Brasília/Instituto HUAH, do Planalto Central)
Mesas Temáticas	Temas e Participantes
Mesa I	Políticas Públicas e o Ensino da Arte no Brasil Mediador: Richard Perassi Luis de Sousa Políticas Públicas para o Ensino de Arte no Brasil José Mauro Barbosa Ribeiro (Professor de Artes Cênicas da UnB e Presidente da FAEB) O Ministério da Cultura e a FUNARTE Míriam Brum (Diretora do Centro de Programas Integrados da FUNARTE) Educação Física e Cultural na Escola Pública Carlos Alberto Ribeiro de Xavier (Assessor especial do Ministro da Educação)

	Políticas Públicas e o Ensino da Arte Francisco Potiguara Cavalcante Junior (Coord. - Geral do Ens. Médio – MEC)
Mesa II	Ensino da Arte em Contextos de Comunidade Mediadora: Leda Guimarães (Professora da UFG) Educação Artística a Serviço da Comunidade: perspectiva histórica dos africanos e da diáspora Jacqueline Chanda (Professora de Ed. Artística e Hist. Da Arte na Uni. Norte Texas) Componentes da Ação Comunitária como Fontes Pedagógicas Vesta A. H. Daniel (Professora do Dept. de Ed. Artística da Uni. Est. de Ohio-EUA) Reflexões sobre o Ensino da Arte no Âmbito da ONGs Livia Marques Carvalho (Professora de Arte Visuais da UFPB)
Mesa III	Pesquisas em Ensino de Arte no Brasil Mediadora: Isabela Frade (UERJ) Entrevistas: o cotidiano e o ensino de arte Mirian Celeste Martins (Professora de pós-graduação do Inst. de Artes/UNESP) Pesquisa no Ensino e na Formação de Professores: caminhos entre visualidades e visibilidades Lucimar Bello P. Frange (Artista Plástica e Professora Aposentada da UFU) Pedagogia do Teatro e Teatro na Educação Ingrid Koudela (Professora da ECA-USP)
Mesa IV	Formação de Professores de Arte Novos Caminhos Mediador: Aldo Victorio Filho (Professor UERJ) Formação de Professores de Arte: novos caminhos, muitas responsabilidades imensas responsabilidades Lúcia Gouvêa Pimentel (Professora da EBA-UFMG) Dança-educação: uma contribuição da expressão corporal-dança Mabel Emilce Botelli (Professora de Dança da Escola Angel Vianna) A Modalidade Música no Composto Arte-Educação-Música-Escola: notas, certezas e indagações em torno da formação de professores Regina Márcia Simão Santos (Professora de Ed. Musical da UNIRIO) Cursos de Arte: novos caminhos. Abordagens metodológicas do teatro na educação Arão Paranaguá de Santana (Professor da UFMA) & Ingrid Koudela (Professora da ECA-USP)
Mesa V	Arte, Diversidade, Cidadania e Inclusão Mediadora: Ritamaria Aguiar Arte na Diversidade: da função à inclusão Roberta Puccetti (Diretora e Professora da Fac. de Artes Visuais da PUC-Campinas-SP) Pertencer e Viver Denise Mendonça (Diretora Geral da Escola de Arte Tear e Inst. Arte Tear) Educação Intercultural e Educação para Todos (as): dois conceitos que se complementam Ivone Mendes Richter (Professora Pesquisadora da UFSM)

A partir da tabela nº 13, pode-se perceber que a programação do XV CONFAEB foi bastante intensa, com várias atividades e participação de pessoas ligadas à política federal, estaduais e municipais. Da área de arte/educação, o congresso contou com palestrantes já consagrados no Brasil, por suas pesquisas e atuação na área e nos trabalhos da FAEB. O XV CONFAEB contou, ainda, com presenças internacionais como: Prof.^a Jacqueline Chanda, da Universidade do Texas-EUA e a Professora Vesta Daniel, da Universidade Estadual de Ohio, em Columbus-Ohio-EUA.

Para que tenhamos uma percepção das concepções apresentadas através da programação, é interessante trazer um resumo de cada palestra demonstrada na tabela nº 14.

As autoridades que falaram na abertura foram o ator Antonio Grassi, Presidente da FUNARTE, na ocasião, e disse que “a FUNARTE afirmava sua convicção de que é necessária a volta da arte como matéria prioritária ao currículo do ensino básico” (GRASSI, 2009, p. 17). O Presidente da FAEB, José Mauro Barbosa Ribeiro, falou que “a cada ano, a FAEB realiza em algum estado da Federação o CONFAEB, nosso momento mais importante de aprofundamento das questões teórico-políticas sobre o ensino da arte” (RIBEIRO, 2009, p. 19). A Diretora do Centro de Programas Integrados da FUNARTE, Míriam Brum, saudou os participantes com as boas-vindas afirmando que...

A tarefa que estamos nos propondo é sempre de muito difícil abordagem, já que envolve, além de questões técnicas e políticas, questões de ordem emocional, pois como um casal, educação e cultura se encontram desde há muito separados... Bem, hoje estamos aqui para “discutir a relação”. Com este intuito, FAEB e FUNARTE convidaram, para dividir a mesma mesa, representantes da educação e da cultura em suas instâncias federal, estaduais e municipais. (BRUM, 2009, p. 22).

E o Secretário de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação, com sua palestra sobre “Arte e Educação: cezir fronteiras, enunciar territórios”, Ricardo Henrique, explicou que...

Desde sua criação em 1930, com o nome de Ministério de Estado da Educação e da Saúde Pública, o MEC sofreu quatro grandes mudanças. A primeira ocorreu em 1937, quando o Ministro Capanema estabeleceu a estrutura funcional que perdurou por décadas. A segunda data de 1953, com o desmembramento da área da saúde para constituir ministério próprio, quando o Ministério da Educação ganhou a sigla que até hoje conserva. A terceira ocorreu em 1985, quando foi extinta no MEC a Secretaria de Assuntos Culturais e suas funções e os órgãos a ela vinculados foram transferidos ao Ministério da Cultura. A quarta e última, mais recente, ocorreu com a criação do Ministério de Esporte, que levou para si responsabilidade até então atribuída à área educacional. (HENRIQUES, 2009, p. 23).

O Secretário seguiu sua fala analisando a relação entre o Ministério da Educação e o Ministério da Cultura, e advogando o fortalecimento dessa relação.

Após a abertura, os anais constam do Painel denominado “Políticas Públicas para o Ensino de Arte no Brasil”, que abriu seus trabalhos com as boas-vindas da Diretora-Executiva da FUNARTE, Myriam Lewin, que disse...

É com grande satisfação que a FUNARTE, juntamente com a FAEB, abre seus espaços para abrigar o XV CONFAEB, oportunidade de encontro das mais diversas correntes de pensamento e relato de ações voltadas para esta discussão tão fundamental da arte-educação, que não tem encontrado espaços para sua prática e desenvolvimento (LEWIN, 2009, p. 35).

Ela conclui a sua fala dizendo preferir...

Usar este espaço para reafirmar o compromisso da FUNARTE em restabelecer uma trajetória – que já foi pioneira no país – e que, emblematicamente, inaugura, com o XV CONFAEB, o embrião de uma nova linha de trabalho, que certamente encontrará parceria na Educação (LEWIN, 2009, p. 36).

O Subsecretário-Adjunto da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro – SECRJ, Antonio Cláudio Gomes, falou sobre o “XV Congresso Nacional da Federação de Arte-Educadores do Brasil” e disse que foi “muito feliz a escolha do local do evento, o Palácio Gustavo Capanema, espaço de memoráveis lutas pela escola pública de qualidade” (GOMES, 2009, p. 37). O Subsecretário-Adjunto continuou seu discurso falando que

Inúmeras são as contribuições do ensino da arte. Desde os Pioneiros da Educação, enaltecidos no legendário manifesto da Escola Nova de 1932, até o reconhecimento incontestado dos célebres pedagogos e pensadores da atualidade educacional (GOMES, 2009, p. 38).

Próxima autoridade a falar durante o Painel de “Políticas Públicas para o Ensino de Arte no Brasil” foi a Diretora de Educação Fundamental do Departamento Geral de Educação da Secretaria Municipal da Cidade do Rio de Janeiro, Maria de Fátima Gonçalves da Cunha, que falou sobre “A Importância da Arte no Currículo do Ensino Fundamental das Escolas do Município do Rio de Janeiro” e afirmou que...

No Rio de Janeiro, temos 1.049 escolas, que adotam um currículo – a Multieducação – nosso núcleo curricular básico, e neste currículo, contemplamos as quatro linguagens da arte: Teatro, Música, Artes Visuais e Dança como áreas de conhecimento oferecidas da 5ª a 8ª série (CUNHA, 2009, p. 40).

Não consta no discurso impresso da diretora um esclarecimento de que as aulas das quatro linguagens são lecionadas por professores formados especificamente em cada linguagem²¹, mas ela diz que, além da grade curricular, a rede municipal do Rio de Janeiro possui nove núcleos de arte, que possibilitam, aos estudantes, uma possibilidade para participar em oficinas de arte fora do horário escolar oficial.

A última fala do Painel de “Políticas Públicas para o Ensino de Arte no Brasil” foi a do Assessor da Subsecretaria de Ação Cultural, da SECRJ, Caíque Botkay, que falou sobre “Aspectos da Arte-Educação, a partir dos Anos 1970, no Estado do Rio de Janeiro”.

O Senhor Caíque Botkay destacou os trabalhos da Prof.^a Cecília Conde, que naquela ocasião era a Subsecretária de Ação Cultural do Rio de Janeiro, e seu esposo, o educador Pedro Domingues, falecido em oito de novembro de 2004. Além de educador, Pedro Domingues era artista plástico e bonequeiro; Cecília Conde é Professora de música, compositora, diretora musical e participante da Escolinha de Arte do Brasil. Ambos contribuíram imensamente para a arte-educação no Estado do Rio de Janeiro.

Após o Painel sobre “Políticas Públicas para o Ensino de Arte no Brasil”, o XV CONFAEB realizou uma homenagem *post mortem* a três “militantes” da FAEB que trabalharam no cenário da arte-educação, nos seus Estados e no Brasil. O Prof. Renan Tavares, da UNIRIO, foi o portador das homenagens ao Prof. Geraldo Salvador de Araújo, da UFRJ, grande colaborador do trabalho da Associação de Arte/Educadores do Rio de Janeiro – AERJ. A Coordenadora do Programa Arte Sem Barreira, da FUNARTE, Ritamaria Aguiar, fez homenagens a Albertina Brasil Santos, que foi Diretora-Executiva do Programa Artes Sem Barreiras/FUNARTE – Very Special Arts – Brasil, por seu incansável trabalho em favor de uma equidade dos direitos dos alunos com deficiência e de todos, sem distinção, além de suas participações nos CONFAEBs. A Prof.^a Arheta

²¹ Apesar de não escrever em seu texto impresso a respeito da formação dos professores das linguagens artísticas, a Prof.^a Renata Wilner, minha co-orientadora junto a esta dissertação disse que foi professora do município do Rio de Janeiro e afirmou que os professores de Artes Visuais, Teatro e Música eram formados e concursados nas respectivas áreas. Apenas os professores de Dança tinham formação em Educação Física porque não tinha curso específico em Dança. Porém, hoje já existe Curso de Graduação em Dança, e a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro já oferece concursos para professores formados em Dança.

Andrade, especialista em Teatro pela UFPE, prestou homenagens ao Prof. Marco Camarotti, do Curso de Artes Cênicas da UFPE. Camarotti foi membro do núcleo pernambucano – quando havia os núcleos estaduais – e o primeiro presidente efetivo da Associação Nordestina de Arte/Educadores – ANARTE. O professor também trabalhou incansavelmente pelo ensino de Teatro na UFPE, especialmente direcionando suas pesquisas para áreas de minoria, como o Teatro Infanto-Juvenil, Teatro para Crianças com Necessidades Especiais e Teatro e Manifestações Culturais Populares.

As Conferências do XV CONFAEB foram pronunciadas pela Prof.^a Ana Mae Barbosa, da ECA-USP, e pela Prof.^a Laís Aderne, da UNB e Instituto HUAH do Planalto Central. O tema da conferência da Prof.^a Ana Mae Barbosa foi “Arte-Educação Contemporânea ou Culturalista”, que iniciou citando três livros, que se constituem de pesquisas sobre os Estudos Culturais da Arte-Educação: *Building Bridges*, da finlandesa Marjo Ransanen (1998); *Teorias Prácticas em Educación Artística*, do espanhol Imanol Aguirre (2000); *The Arts and the Creation of Mind*, do americano Elliot Eisner (2002). A professora disse que todos...

Partem do mesmo ponto: o conceito de Arte como experiência, elaborado, em 1934, por John Dewey... O pós-modernismo retoma o conceito, embebendo-o em um contextualismo esclarecedor que amplia a noção de experiência e lhe dá uma densidade cultural. É, portanto, natural que os Estudos Culturais da Arte-Educação tomem como base a experiência como argumento cognitivista (BARBOSA, 2009, p. 61).

A Prof.^a Ana Mae Barbosa analisou a visão de Elliot Eisner exposta em *The Arts and the Creation of Mind*, dizendo que, ao conceituar a educação como um processo de aprender e de inventarmos a nós mesmos, ele se aproxima de John Dewey e Paulo Freire. A professora fez uma retrospectiva histórica da arte-educação, falando da arte como expressão criadora de Franz Cizek, Viktor Lowenfeld e Herbert Read, que basearam suas pesquisas na Psicanálise e na Psicologia. Falou que, no Brasil, a influência na Arte-Educação contemporânea que seguimos está associada à pesquisa sobre desenvolvimento cognitivo, da qual Rudolf Arnheim foi um dos expoentes. Para ele, perceber é conhecer. Aproveitando a “deixa” da trajetória da arte-educação, a professora divulgou que estava organizando “um livro que trata,

principalmente, dos modos pelos quais se aprende arte... De cognição e interdisciplinaridade” (BARBOSA, 2009, p. 67). Pela descrição das partes do livro e autores dos artigos, refere-se ao livro “Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais”, editado pela Cortez, no ano de 2005, portanto, um ano após o XV CONFAEB. Ana Mae Barbosa concluiu a conferência dizendo que, de certa forma, esse livro foi a continuidade de “Arte-Educação: Leituras no Subsolo”, publicado em 1997, também pela Editora Cortez.

A Prof.^a Laís Aderne falou sobre o “XV Congresso da Federação de Arte-Educadores do Brasil” e iniciou lembrando um dos congressos da FAEB que levou a mensagem aos participantes daquele congresso, há quinze anos, apontando a arte como elemento indispensável na formação do homem brasileiro, e, portanto, necessário ser inserida na Constituição. Houve vários documentos produzidos em congressos de arte-educação que reivindicam esta questão, tais como: Manifesto de Diamantina, Carta de São João Del Rei, Carta Protesto de Brasília e o documento síntese que foi apresentado à Constituinte, em 1987, na Comissão de Educação, Cultura e Desportos. A professora continuou falando que...

Em 1988, realizamos, em Brasília, o I Congresso da FAEB, que elaborou o documento apresentado na V CBE, onde foi aprovada, em plenária, moção garantido o espaço da Arte entre as disciplinas básicas dos currículos de 1º e 2º graus, na nova LDB. Hoje voltamos a este Congresso, representando 49 entidades e instituições, preocupadas com a formação do cidadão brasileiro e os destinos do país nas questões de educação e cultura (ADERNE, 2009, p. 71).

A Prof.^a Laís Aderne ainda fez uma retrospectiva da importância dada à Arte no Brasil e em outros países como Canadá e França, e concluiu seu discurso prestando relatório sobre o I Encontro Bienal de Ecologia Ambiental, Humana e Social do Ecomuseu do Cerrado e sobre a II Feira dos Poetas, Escritores, Músicos e Produtores Culturais de Corumbá de Goiás, realizado pelo Instituto HUAH do Planalto Central, na Cidade de Cocalzinho de Goiás-Go, no período de 20 a 25 de agosto de 2004.

Quanto às Mesas Temáticas do XV CONFAEB, a primeira foi a respeito de “Políticas Públicas e o Ensino da Arte no Brasil”, mediada por Richard Perassi Luis de Sousa, tendo como participantes: José Mauro Barbosa Ribeiro (Professor de Artes Cênicas da UnB e então Presidente da FAEB), Míriam

Brum (Diretora do Centro de Programas integrados da FUNARTE), Carlos Alberto Ribeiro de Xavier (Assessor Especial do Ministro da Educação) e Francisco Potiguara Cavalcante Junior (Coordenador-Geral de Política do Ensino Médio – MEC).

O Prof. José Mauro Barbosa Ribeiro abordou o tema “Políticas Públicas para o Ensino de Arte no Brasil”, falando acerca da aceitação da arte como forma de conhecimento humano. Citou personalidades importantes de nossa história, tais como: Teodoro Braga, Anita Malfatti e Mário de Andrade. Falou da criação da Escolinha de Arte do Brasil, por Augusto Rodrigues, influenciada pelo movimento de redemocratização da educação, liderado por Anísio Teixeira e Helena Antipoff. Relatou que a Prof.^a Noêmia Varela, fundadora da Escolinha de Arte de Recife, fora transferida para o Rio de Janeiro, tornando-se parceira de Augusto Rodrigues, na Escolinha de Arte do Brasil, onde se especializaram os primeiros professores de arte brasileiros. O Prof. José Mauro continuou com fatos como a concepção de Brasília, pelo arquiteto Lúcio Costa, influenciando o processo de ensino de arte no Brasil; a implantação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1961, que sugeriu a introdução formal da arte na escola, sendo cortada pelo golpe militar de 1964. Falou da adoção da Lei nº 5.692/71, que incluiu a “Educação Artística” no currículo escolar como atividade e a criação dos cursos de Educação Artística, com duração curta e plena. E após lutas e reivindicações para que o Ensino de Arte permanecesse na grade curricular e como disciplina, foi promulgada a Lei nº 9.394/96, que mudou o termo “Educação Artística” para “Arte”, agora como disciplina e presente em todos os níveis da Educação Básica. E, diante de todos estes acontecimentos, o Prof. José Mauro Barbosa Ribeiro disse que “o CONFAEB que ora realizamos, é um desdobramento de toda esta trajetória, e hoje, propõe-se a interatividade entre nossas ações e as políticas formalizadas pelos poderes públicos” (RIBEIRO, 2009, p. 91).

A Diretora do Centro de Programas Integrados da FUNARTE, Míriam Brum, falou sobre “O Ministério da Cultura e FUNARTE”, fazendo uma retrospectiva de 1930, no período Vargas, para chegar à fundação da FUNARTE, em 1976, que foi criada para executar as diretrizes da Política Nacional de Cultura, tendo em sua estrutura o Instituto Nacional de Artes

Plásticas (INAP), o Instituto Nacional de Música (INM), o Folclore e o Serviço Nacional de Teatro. Falou que, em 1985, foi criado o Ministério da Cultura, que antes era uma secretaria dentro do MEC, fato que enfraqueceu o Ministério, sendo completamente desestruturado na era Collor, fazendo com que o Ministério da Cultura e a FUNARTE sofressem consequências até aqueles dias. Terminou seu discurso dizendo que “parafraseando Paulo Freire, a cultura não transforma o mundo. Transforma as pessoas. As pessoas é que transformam o mundo” (BRUM, 2009, p.99).

O Assessor Especial do Ministro da Educação, Carlos Alberto Ribeiro de Xavier, teve como tema “Educação Física e Cultural na Escola Pública”, fez...

Um pequeno histórico da evolução institucional do Ministério da Educação, da sua fundação em 1930 aos nossos dias, especialmente no que diz respeito ao tratamento dado aos conteúdos do processo educativo os quais, apesar de fundamentais, nem sempre são assim considerados: educação física; o ensino das artes; a formação cultural e todas as atividades complementares necessárias ao desenvolvimento da criança e a formação do jovem para fazê-lo cidadão responsável e participativo (XAVIER, 2009, p. 101).

E o Coordenador Geral de Política do Ensino Médio do Ministério da Educação, Francisco Potiguara Cavalcante Júnior, foi o último a falar na Mesa I, com o tema “Políticas Públicas e o Ensino da Arte”. O coordenador iniciou fazendo uma reflexão sobre a condição dos estudantes da Educação Básica, e perguntou...

E o ensino de arte? De que forma a dimensão da cultura incorporada ao currículo escolar pode gerar movimentos capazes de induzir mudanças significativas na formação de professores e alunos? Faz sentido ensinar arte nas escolas? (CAVALCANTE, 2009, p. 116).

Ele ainda citou uma experiência sua no ensino arte, no Curso Técnico de Turismo, em nível de Ensino Médio, onde era professor de História. Relata ter decidido ensinar História da Arte baseando-se em Gombrich, que diz que “Nada existe realmente a que se possa dar o nome de arte. Existem somente artistas” (GOMBRICH, apud JÚNIOR, 2009, p. 117); em Graziela Feldmann, que falou que “uma das formas de perceber a existência do homem no mundo é por meio da arte” (FELDNABB, apud JÚNIOR, 2009, p. 117); e Hegel, que afirmou que “arte é o meio entre a insuficiente existência objetiva e a representação puramente interior” (HEGEL, apud JÚNIOR, 2009, p.117);

refletindo, assim, em sua palestra, a respeito do ensino de arte nas escolas brasileiras.

A Mesa Temática II, intitulada de “Ensino da Arte em Contextos de Comunidade”, foi mediada por Leda Guimarães (Professora da UFG), com as participações de Jacqueline Chanda (Professora de Educação Artística e História da Arte na Universidade do Norte do Texas), Vesta A. H. Daniel (Professora do Departamento de Educação Artística da Universidade do Estado de Ohio, em Columbus-Ohio-EUA) e Lívia Marques Carvalho (Professora de Arte Visuais da UFPB). A Prof.^a Jacqueline Chanda falou da “Educação Artística a Serviço da Comunidade: perspectiva histórica dos africanos e da diáspora” que...

Analisa a educação artística como uma intervenção direta no desenvolvimento cultural da comunidade, fazendo um breve exame de como a arte africana tem sido usada no passado para manter o controle social, elaborar conceitos históricos e disseminar valores educacionais. Discute, primeiramente, alguns exemplos de objetos de arte africana em sociedades tradicionais como instrumento de controle social, preservação da memória histórica e educação, focalizando em seguida, como conceitos parecidos se manifestam em sociedades urbanas contemporâneas, analisando um exemplo mais atual, na forma de um fenômeno chamado Set-Seal, que ocorreu no Senegal entre 1989 e 1992 (CHANDA, 2009, p. 121).

A Professora Vesta Daniel abordou o tema “Componentes da Ação Comunitária como Fontes Pedagógicas”, falando que preparava os estudantes do ensino superior a se tornarem arte-educadores e os incentivava a adotarem um conceito transformador de educação. Como roteiro, a Professora Vesta Daniel apresentou: O local e uma educação consciente do local; A comunidade como fonte de conhecimento prévio; Características da ação comunitária: 1. Orientação do processo, 2. Aspecto dinâmico e evolutivo, 3. Aspecto não-linear, 4. Processo como matriz formadora, 5. Uma forma de Trabalho de espírito, 6. Valorização mediante a narrativa. Na conclusão, a professora incentivou os educadores presentes a se envolverem com as comunidades, como fonte de conhecimento e de pedagogia, pois segundo ela, esta é uma experiência interativa de ensino e aprendizagem com os estudantes.

A Prof.^a Lívia Marques Carvalho falou sobre “Reflexões sobre o Ensino da Arte no Âmbito das ONGs”, que é parte de uma pesquisa que ela fez para o Doutorado da USP. A professora desenvolveu a pesquisa em três ONGs da

Região do Nordeste, que trabalham com crianças e adolescentes em situação de risco social: a Casa Pequeno Davi em João Pessoa-PB; a Casa Renascer, em Natal-RN; e a Daruê Malungo, em Recife. Fez uma análise de algumas questões tais como: Como a arte contribui para a reconstrução pessoal e inclusão social? Todos os participantes da pesquisa falaram que a arte é um elemento de absoluta importância, com propósitos de fortalecer a autoestima, desenvolver a capacidade cognitiva, socializar os bens culturais produzidos universalmente, desenvolver habilidades em determinadas modalidades artísticas, favorecer a obtenção de atitudes positivas. A segunda pergunta analisada foi: “Quem ensina nas ONGs?”. A Prof.^a Lívia Marques relatou que a Casa Pequeno Davi possui oito educadores (as), a Daruê Malungo, quatro e a Casa Renascer, três. Dentre os quinze educadores (as) das três ONGs, oito possuem 3º grau completo, sendo um é pedagogo e sete arte-educadores; dos demais, cinco possuem o 2º grau completo e dois possuem o 1º grau incompleto. A última pergunta analisada naquele momento Foi “Quais as atividades artísticas ensinadas?”. Das quinze oficinas oferecidas nas três instituições, dez estão incluídas no grupo de Performance, que se constitui nas atividades que possibilitam apresentação de espetáculos, tais como: Música, Percussão, Teatro, Dança de Rua, Dança Contemporânea e Dança Afro-Brasileira. Três pertencem ao grupo de Artes Visuais, tais como: Artes Plásticas, Arte em Tecido e Marcenaria. A Prof.^a Lívia Marques Carvalho concluiu sua participação na Mesa Temática II falando que “nosso sistema educacional atual é convencional, não está montado para atender ao novo cenário que se forma, tendo como elemento importante as demandas por profissionais para o Terceiro Setor” (CARVALHO, 2009, p. 151).

A Mesa Temática III foi sobre “Pesquisas em Ensino de Arte no Brasil”, mediada por Isabela Frade (Professora da UERJ) e participações de Mirian Celeste Martins (Professora de pós-graduação do Instituto de Artes/UNESP), Lucimar Bello P. Frange (Artista Plástica e Professora Aposentada da UFU) e Ingrid Koudela (Professora de Teatro da ECA-USP). A Professora Míriam Celeste Martins falou sobre o tema “Entrevidas: o cotidiano e o ensino de arte”. Míriam explicou que Entrevidas é o nome de uma instalação de Ana Maria Maiolino (artista italiana, que trabalha com várias mídias e vive no Rio de

Janeiro, desde 1960), fruto de um Desempenho. Míriam Celeste “aborda a pesquisa do ponto de vista do cotidiano do professor, partindo dela para as publicações que tanto tem provocado o ensino de arte no Brasil” (MARTINS, 2009, p.153).

A Professora Lucimar Bello P. Frange teve como tema “Pesquisa no Ensino e na Formação de Professores: caminhos entre visualidades e visibilidades”. Falou sobre algumas teorias de arte e seu ensino e sobre a formação de professores, propondo alguns caminhos de pesquisa. E a Prof.^a Ingrid Koudela abordou o tema “Pedagogia do Teatro e Teatro na Educação”, em que discutiu a historicidade dos termos a que denominamos Teatro na Educação. No começo da década de 1970, ela utilizava a grafia Teatro/Educação. Depois, passou-se a grafar Teatro-Educação, termo que passou a ser comum nos CONFAEBs e nas reuniões da AESP. “O batismo de Pedagogia do Teatro na Educação do GT na ABRACE buscou incorporar as novas dimensões da pesquisa que vem sendo realizada na área” (KOUDELA, 2009, p. 171). A palestrante ainda faz uma análise de termos em alemão, inglês e português e concluiu sua fala dizendo que...

O intuito de incorporar reflexões e indagações sobre a Pedagogia do Teatro visou não apenas a ampliar o espectro da pesquisa na área, trazendo para a discussão os Mestres de Teatro... Como também fundamentar a epistemologia e os processos de trabalho do teatro, inserindo-os na história da cultura (KOUDELA, 2009, p. 173).

A Mesa Temática IV teve como tema “Formação de Professores de Arte: Novos Caminhos”, mediada por Aldo Victorio Filho (Professor da UERJ), com as participações de Lúcia Gouvêa Pimentel (Professora da EBA-UFMG), Mabel Emilce Botelli (Professora de Dança da Escola Angel Vianna), Regina Márcia Simão Santos (Professora de Ed. Musical da UNIRIO), Arão Paranaguá de Santana (Professor da UFMA) e Ingrid Koudela (Professora da ECA-USP). A Prof.^a Lúcia Gouvêa Pimentel teve como tema “Formação de Professor de Arte: novos caminhos, muitas possibilidades, imensa responsabilidade”. A professora iniciou sua fala dizendo que “conhecer é uma construção e não uma aquisição... Não há normalmente, o registro, a priori, de que o objetivo das aulas de arte é ensinar e aprender arte” (PIMENTEL, 2009, p. 176). Prof.^a Lúcia Gouvêa discutiu o texto sobre o currículo de arte na escola, pois, se não

trabalhamos os conteúdos de arte, estamos negando às crianças e aos jovens as oportunidades de conhecer novas possibilidades de trabalho em arte. Ela diz que...

Além dos trabalhos tradicionais bidimensionais e tridimensionais, em artes visuais é importante que as formas contemporâneas de expressão também sejam contempladas, tais como o grafite, a instalação e a arte digital (PIMENTEL, 2009, p. 179).

Sobre o currículo da EBA/UFMG, a Prof.^a Lúcia Gouvêa informou que o primeiro ano é básico; O segundo é intermediário, onde a base da licenciatura é feita; O terceiro e o quarto anos são de aprofundamento, que é quando o aluno cumpre 405 horas de Estágio Supervisionado. Professora concluiu sua participação falando que...

Tanto em relação aos professores quanto em relação aos alunos, preocupamo-nos com o ser contemporâneo. E ser contemporâneo é caminhar com o tempo. Supõe o presente, o agora a cada momento. Pode-se viver esse tempo passando ao largo dele ou influenciando-o, sendo influenciado e projetando-o para tempos antes e depois. Cabe a nós a decisão (PIMENTEL, 2009, p. 184).

O tema da Prof.^a Mabel Elmice Botelli foi “Dança-Educação: uma contribuição da expressão corporal-dança”. A Professora apresenta um trabalho que começou na Primer Escuela Argentina de Expresión Danza e que ela vem desenvolvendo a dezesseis anos no Brasil. Ela fala que a Expressão Corporal-Dança (ECD) foi um movimento de dança criado na Argentina, em 1950, por Patrícia Stokoe e depois se expandiu para outros países. A ECD “considera a pessoa como unidade indivisível em suas áreas sensitiva, motora, psicológica, afetiva, criativa e social” (BOTELLI, 2009, p. 185). Fez uma pesquisa para sua dissertação de mestrado com o título de “Corpo Natureza: sentidos da Expressão Corporal-Dança na Natureza entre adolescentes”. A pesquisa analisa atividades de Expressão Corporal-Dança na Natureza (ECDN), com adolescentes entre 13 e 20 anos, da classe média, na Escola de Arte Tear, no Rio de Janeiro. As atividades da ECDN pretendem promover o desenvolvimento da sensibilidade e percepção do corpo, da consciência, da expressão e do domínio do movimento, da criatividade e da comunicação não verbal daqueles estudantes que a praticam.

A Prof.^a Regina Márcia Simão Santos falou sobre “A Modalidade Música no Composto Arte-Educação-Música-Escola: notas, certezas e indagações em torno da formação de professores”. O resumo da professora nos anais sintetiza bem a palestra que ela ofereceu aos participantes, no XV CONFAEB.

Apresento histórias de vida e trajetórias do pensamento em “Educação Musical”, “Educação Artística” e “Arte-Educação” no Brasil – teorização, políticas públicas e práticas curriculares cotidianas. Trago questões contemporâneas para a formação de especialistas (professores de arte, nas modalidades artes visuais, dança, teatro e música) e para a formação de professores das séries iniciais (generalistas ou unidocentes), a propósito do composto arte-educação-música-escola: arte (música) como forma de conhecimento-pensamento, experiência da ordem do plano de composição estética, multiplicidade já presente na prática social, trajeto dinâmico entre os caminhos de profissionalização e humanização, e projeto educacional-pedagógico-curricular comum funcionamento da aula como mapa-cartografia. (SANTOS, 2009, p. 195).

Os Professores Arão Paranaguá de Santana e Ingrid Koudela falaram sobre “Cursos de Arte: novos caminhos. Abordagens metodológicas do teatro na educação”. Os professores iniciaram a palestra falando sobre o termo método (meio) e conquistas no campo educacional. Desenvolveram o assunto, abordando sobre os conceitos e práticas recorrentes do Teatro na Educação no Brasil. Falaram sobre a renovação da linguagem do teatro, associada ao teatro amador, dando exemplos, tais como: o teatro da espontaneidade de Moreno, o lehrstuck de Brecht, o teatro fórum de Boal e os jogos teatrais com Viola Spolin. Eles abordaram a questão “por que ensinar teatro para crianças e jovens?”. Para responder tal questão, eles trouxeram o termo “theater game” (jogo teatral), que foi cunhado por Viola Spolin, em inglês, e depois registrou com Spolin Games (jogos de Viola). A autora diferenciou dramatic play (jogo dramático) e game (jogo de regras), revelando que no jogo de regras, o processo de representação é consciente. Os palestrantes continuaram trazendo vários elementos dos jogos teatrais e os autores que fundamentam tal estudo. Concluíram falando a respeito da importância do desenvolvimento da linguagem artística do teatro na formação do professor e da referência de teorias contemporâneas de estudos crítico-culturais, como o desconstrutivismo, o feminismo e o pós-modernismo na Pedagogia do Teatro.

Finalmente, a Mesa V teve como tema “Arte, Diversidade, Cidadania e Inclusão”, mediada por Ritamaria Aguiar (Coordenadora de Programa Arte Sem

Barreiras da FUNARTE) e com as participações de Roberta Puccetti (Diretora e Professora da Fac. de Artes Visuais da PUC-Campinas-SP), Denise Mendonça (Diretora Geral da Escola de Arte Tear e Inst. Arte Tear) e Ivone Mendes Richter (Prof.^a Pesquisadora da UFSM). A Prof.^a Roberta Puccetti falou da “Arte na Diversidade, da função à inclusão”, e iniciou fazendo uma articulação dos conceitos de diversidade, cidadania e inclusão. Logo, a professora trouxe o conceito de multiculturalismo, citando Richter (2003), que diz que tal termo é usado como sinônimo de pluralidade ou diversidade cultural, indicando as múltiplas culturas existentes nas sociedades complexas. Disse que na construção da teoria da multiculturalidade está compreendida a ideia de diversidade e citou Demo (2003), para afirmar que a ideia de multiculturalidade é uma resposta à globalização, a fim de valorizar a diversidade e as identidades locais em meio à homogeneização. A Prof.^a Roberta Puccetti P. Bueno continuou falando que...

No embate entre a ideia de sociedade democrática, multicultural, de cidadania plena e as exigências capitalistas, a educação transita como a mediação necessária como garantia de acesso às melhores condições sociais (BUENO, 2009, p. 220).

Sobre arte e educação a Prof.^a Roberta disse que “somente é possível compreender a linguagem artística por meio do aprendizado organizado e fundamentado” (BUENO, 2009, p. 220). Sobre a função da arte, ela falou que o seu ensino tem uma função social e ética, logo, se constituindo de uma função inclusiva, frente às necessidades educacionais contemporâneas.

O tema da palestra de Denise Mendonça foi “Pertencer e Viver”, que tem como síntese...

A partir da História da Escola de Arte Tear e focalizando um de seus projetos sociais, articulam-se reflexões e devaneios acerca da importância da arte como produtora dos sentidos e das dimensões do ser, do pertencer, do perceber e do estar no mundo. Levanta, ainda, questões sobre a função da arte nos projetos de reconstrução e inserção sociais. (MENDONÇA, 2009, p. 229).

A Prof.^a Ivone Mendes Richter teve como tema “Educação Intercultural e Educação para Todos (as): dois conceitos que se complementam”, que foi muito bem sintetizado no seu resumo.

O ensino intercultural da arte tem como objetivo propiciar uma educação inclusiva no seu sentido mais amplo, respeitando as individualidades pessoais e as características culturais de todos os grupos presentes em sala de aula e que compõem a nossa sociedade, utilizando, para isso, a arte contemporânea em suas múltiplas manifestações e suas múltiplas estéticas, de forma a propiciar uma educação mais justa e um tratamento mais igualitário para todos/as (RICHTER, 2009, p. 234).

Sua palestra se iniciou com o reconhecimento de que professores e pesquisadores ligados à FAEB têm buscado discutir o papel da arte na educação inclusiva e das culturas não dominantes. Ela desenvolveu seu pensamento conclamando teóricos como Cahan e Kocur; Mukhopadhyay e Moses; Heller; Durhan e Louro. Concluiu sua palestra dizendo que...

A inclusão da educação para todos (as) nos conceitos desenvolvidos pela educação intercultural vem ampliar a compreensão da interculturalidade, permitindo, também, aproveitar os estudos já realizados neste sentido para complementar a compreensão e a ação da prática educativa para todos (as). Uma prática que resgate o outro, que seja revolucionária no sentido de propor a inclusão de todas e de todos, que encontre as verdadeiras riquezas de todas as culturas e de todos os seres humanos, justamente por sua diversidade. (RICHTER, 2009, p. 238).

Concluídas as análises das Mesas Temáticas, na parte das comunicações o XV CONFAEB, houve dez grupos de trabalho com os seguintes temas e coordenação: “Ensino de Arte e Cultura Visual” (Coordenação: Terezinha M. Losada Moreira); “Currículo e Ensino de Arte” (Coordenação: Donald Hugh Barros Kerr); “Ensino de Arte na Diversidade” (Coordenação: Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo) “História do Ensino da Arte no Brasil” (Coordenação: Luciana Grupelli Loponte); “Arte, Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental” (Coordenação: Itamar Alves Leal dos Santos); “Formação de Professores em Arte” (Coordenação: Richard Perassi Luis de Sousa); “Ensino de Arte e Interdisciplinaridade” (Coordenação: Maria Célia F. Rosa); “Ensino de Arte nos Espaços Culturais” (Coordenação: Alice Bemvenuti); “Ensino de Artes e Novas Tecnologias” (Coordenação: Alberto Coelho) e “Ensino de Arte, Corpo e Som” (Coordenação: Rosimerie Gonçalves).

Quanto aos Pôsteres e Oficinas, ambos atenderam ao tema geral do XV CONFAEB: “Trajetória e Políticas para o Ensino das Artes no Brasil”, mais especificamente sobre pesquisa em arte/educação.

4.4. XVI CONFAEB, Realizado em 2006

Os próximos anais que irei analisar são do XIV CONFAEB, que ocorreu em Ouro Preto-MG, em 2006. Primeiramente, quero esclarecer que o material que irei apresentar aqui se trata da programação e, apenas, dos temas das conferências, das mesas redondas, sem registro dos textos, entretanto, a programação com temas debatidos no congresso nos dará uma visão geral das concepções que basearam as discussões. O tema desse Congresso foi “Unidade na Diversidade: Tendências, Conceitos e Metodologias no Ensino da Arte”. Ele deveria ter acontecido em 2005, mas por problemas de estruturas organizacionais, o XVI CONFAEB só foi realizado no ano de 2006, com uma característica interessante: diferentemente dos outros CONFAEBs, este, particularmente, ocorreu no primeiro semestre, entre os dias 29 de abril e 1º de maio.

A tabela abaixo expõe a conferência, as mesas temáticas, homenagens e apresentações artísticas deste CONFAEB.

Tabela nº 15 – Abertura, Conferência, Mesas Temáticas, Homenagens e Apresentações Artísticas do XVI CONFAEB

XVI CONFAEB - CINEMA DE OURO PRETO, CENTRO DE ARTES E CONVENÇÕES DA UFOP E GRÊMIO LITERÁRIO TRISTÃO DE ATAÍDE - GLTA - OURO PRETO- MG, EM 2006 TEMA: UNIDADE NA DIVERSIDADE: TENDÊNCIAS, CONCEITOS E METODOLOGIAS NO ENSINO DA ARTE	
Mesa de Abertura	Ângelo Oswaldo - Prefeito de Ouro Preto João Luiz Martins - Reitor - UFOP Guiomar de Grammont - UFOP Ronaldo Tadeu Pena - Reitor da UFMG Ana Pacheco - Diretora da FAOP Maria Eleonora Santa Rosa - Secretária de Cultura MG Marília Sidney - UEMG Vanessa Guimarães Pinto - Secretária Estadual de Educação Maria do Pilar Lacerda - SMED - PBH Márcio Miranda - Centro Universitário Uni BH José Mauro Ribeiro - Federação de Arte Educadores do Brasil - FAEB Adriana Valéria Pessoa - Associação Mineira de Arte Educação - AMARTE Convidado: Eduardo Mora - Embaixador do Equador
Apresentação Artística	Coral - Arte sem barreiras (Abertura) Bloco - Oficina Tamboelê (Encerramento)
Homenagens	Álvaro Apocalypse e Terezinha Veloso - Grupo Giramundo Nello Nuno - Ângelo Oswaldo - Prefeito de Ouro Preto Iara de Mattos Rodrigues - Patrícia Haussin Mestre Juca da Cantaria - Secretaria de Cultura de Ouro Preto
Homenagens - In	Alberto da Veiga Guignard - Sonia Assis - Escola Guignard

Memorian	Amílcar de Castro - Thaís Helt Frans Weissmann - Luíz Flávio Silva - Escola Guignard Prof. Moacir Laterza - Secretaria de Educação de Ouro Preto Coordenadora: Guiomar de Grammont - UFOP
Conferência	Unidade na Diversidade: da Política à Práxis Ana Mae Barbosa-USP
Mesa Temática	Unidade na Diversidade - Multiculturalismo no Ensino da Arte Ivone Mendes Richter - Porto Alegre, RS Gil Amâncio - MG Laís Fontoura Aderne Ecomuseu - UnB Coordenador: José Márcio de Barros PUC/MG
Mesa Temática Internacional	Políticas Públicas no Ensino da Arte Olga Lúcia Olaya - ASAB/CLEA/InSEA - Colômbia Rejane Galvão Coutinho - UNESP/CLEA/InSEA Lúcia Gouvêa Pimentel - UFMG/CLEA/InSEA Gustavo Pavel Egüez - MinC Coordenadora: Ana Mae Barbosa - São Paulo, SP
Mesa Temática	Criando Pontes Entre Cultura e Escola Heloisa Margarido Sales - CCBB - São Paulo Ingrid Koudela - ECA/USP Luciana Gruppelli Loponte - UNISC (Universidade de Santa Cruz do Sul) Coordenadora: Antonieta Cunha - Fundação de Cultura BH-MG
Mesa Temática	Ensino de Arte em Diferentes Contextos Vera Lessa Catalão - UnB Maria Dolores Coni Campos - Escola Parque/ Escola de Arte do Brasil- UFRJ Margarete Arroyo - UFU Coordenadora: Laís Fontoura Aderne - Universidade do Cerrado
Mesa Temática	Tendências, Conceitos e Metodologias no Ensino da Arte Narciso Telles - UFU Sheila Campello - UnB William Quintal - MG Coordenadora: Lúcia Gouvêa Pimentel - Belo Horizonte, MG
Lançamento de livro	Artes Visuais da Exposição à Sala de Aula Ana Mae Barbosa, Rejane Galvão Coutinho e Heloísa Margarido Sales. Editora: EDUSP - Editora da Universidade de São Paulo

Os organizadores do evento fizeram o seguinte comentário quanto ao tema geral do XVI CONFAEB:

O XVI CONFAEB “Unidade na Diversidade: tendências, conceitos e metodologias no ensino da arte” propõe-se a discutir, ampliar, debater e mostrar as diferentes propostas sobre o ensino da arte no país e as tendências percebidas a partir dos encontros do CLEA (América Latina) e da INSEA. Busca contextualizar a arte-educação em escolas regulares e outros contextos onde o ensino da arte se faz presente, através do debate sobre o pensar, refletir, fazer e fruir arte. Refletir politicamente sobre a busca da “Unidade”, é tecer algo novo, posturas, documentos, propostas a partir do indivíduo, educador, artista, arte-educador, sua realidade e o contexto que o envolve. Do singular para o coletivo. Criar um movimento que possa somar e se articular como um todo, “um mais um é sempre mais que dois” (Beto Guedes) e como diria Paulo Freire acreditar sempre que é possível, sem deixar de lado a nossa história, ou a trajetória do Ensino da Arte no Brasil, buscando a consciência do momento presente. (CONFAEB, 2006)

Seguindo a temática geral do encontro, a conferência de abertura teve como tema “Unidade na Diversidade: da Política à Práxis”, proferida pela Prof.^a

Ana Mae Barbosa, da USP. Antes, porém, houve uma mesa da abertura, composta por autoridades presentes, cujos nomes estão listados no quadro nº 14. Houve também homenagens a pessoas que trabalharam com afinco em prol da arte-educação e também do CONFAEB, além de artistas que ficaram conhecidos com seus trabalhos na região.

Quanto às mesas temáticas, o XVI CONFAEB ofereceu cinco delas aos participantes. A primeira teve como tema “Unidade na Diversidade - Multiculturalismo no Ensino da Arte”, que foi coordenada pelo Prof. José Márcio de Barros (PUC/MG), com as participações de Ivone Mendes Richter (UFSM-RS), Gil Amâncio (MG) e Laís Fontoura Aderne (Ecomuseu – UNB). O tema da mesa teve as mesmas palavras iniciais do tema geral do congresso: “Unidade na Diversidade”, porém, o enfoque específico foi sobre o multiculturalismo no ensino da Arte. Cada palestrante abordou aspectos característicos de suas pesquisas: o músico mineiro Gil Amâncio pesquisou sobre cultura negra; A Prof.^a Ivone Mendes Richter fez uma pesquisa sobre a influência das culturas de origem de algumas famílias de uma escola pública de Santa Maria-RS e a Professora Laís Aderne foi uma das fundadoras do Ecomuseu do Cerrado em Goiás.

A segunda mesa temática foi internacional e teve como tema “Políticas Públicas no Ensino da Arte”, com a coordenação da Prof.^a Ana Mae Barbosa (USP) e como palestrantes: Olga Lúcia Olaya (ASAB/CLEA/InSEA – Colômbia), Rejane Galvão Coutinho (UNESP/CLEA/InSEA), Lúcia Gouvêa Pimentel (UFMG/CLEA/InSEA) e Gustavo Pavel Egüez – (MinC). Políticas Públicas foi um tema bastante discutido no XV CONFAEB, no Rio de Janeiro, congresso anterior a esse de Ouro Preto. Um dos organizadores do evento me disse em entrevista para esta pesquisa que a organização do XVI CONFAEB teve o XV CONFAEB como modelo, portanto continuou a discussão sobre políticas públicas em uma das mesas temáticas.

A próxima mesa temática exposta no quadro nº 14 teve como tema “Criando Pontes Entre Cultura e Escola”, que foi coordenada por Antonieta Cunha (Fundação de Cultura BH-MG) e participação de Heloisa Margarido Sales (CCBB-São Paulo), Ingrid Koudela (ECA/USP) e Luciana Gruppelli Loponte (UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul). As palestrantes falaram

sobre áreas que são importantes para os estudantes das escolas de Ensino Básico: a Prof.^a Margarido Sales representou o Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo, que desenvolve projetos de formação de professores e viabiliza a visitação dos espaços por estudantes desses professores. A Prof.^a Ingrid Koudela desenvolveu pesquisas em Teatro na educação, em que oferecia oficinas para crianças, adolescentes e jovens. E a Prof.^a Luciana Gruppeli Loponte desenvolveu projetos de formação contínua para professores de Artes Visuais do Ensino Básico. Portanto, foram discutidas, nessa mesa, as possibilidades de criação de pontes entre esses espaços e a escola.

A quarta mesa temática falou sobre “Ensino de Arte em Diferentes Contextos”, sendo coordenada por Laís Fontoura Aderne (Universidade do Cerrado) e tendo como palestrantes: Vera Lessa Catalão (UNB), Maria Dolores Coni Campos (Escola Parque-RJ) e Margarete Arroyo (UFU). Pelas representações das professoras, já percebemos os diferentes contextos que o tema mencionou – Brasília-DF, Uberlândia-MG e Rio de Janeiro-RJ – bem como diferentes culturas.

E, finalmente, a última mesa, que teve como tema “Tendências, Conceitos e Metodologias no Ensino da Arte”, que é o subtítulo do tema geral da XVI CONFAEB. A mesa foi coordenada por Lúcia Gouvêa Pimentel (Belo Horizonte-MG) e teve as participações de Narciso Telles (UFU), Sheila Campello (UnB) e William Quintal (MG).

As Comunicações foram divididas em dez grupos, de acordo com os temas: Formação de Professores de Arte; Arte nas Escolas e a Interdisciplinaridade; Ensino de Arte e a Educação Ambiental; Ensino de Arte: Transdisciplinaridade, Cidadania e Inclusão; Currículo e Avaliação no Ensino de Arte; Ensino de Arte: Antigas e Novas Tecnologias; História do Ensino da Arte no Brasil; Ensino de Arte e o Novo Conceito de Museologia; Ensino de Arte na EJA – Educação de Jovens e Adultos; Arte, Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Portanto, o XVI CONFAEB discutiu de forma específica e ampla o tema geral escolhido “Unidade na Diversidade: tendências, conceitos e metodologias no ensino da arte”, em suas diversas atividades.

4.5. XVII CONFAEB, Realizado em 2007

O XVII CONFAEB foi realizado na cidade de Florianópolis-SC e teve na coordenação geral a Prof.^a Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva (UDESC) e Maria Lucila Horn (UDESC). O tema geral do congresso foi “FAEB: 20 Anos de História”, pois a FAEB completara, naquele ano de 2007, vinte anos de sua fundação. A mesa de abertura, as mesas temáticas e a programação cultural estão expostas na tabela abaixo.

Tabela nº 16 – Mesa de abertura, Mesas Temáticas e Programação Cultural do XVII CONFAEB

XVII CONFAEB – CENTRO DE CULTURA E EVENTOS DA UFSC – FLORIANÓPOLIS-SC TEMA: FAEB: 20 ANOS DE HISTÓRIA COORDENAÇÃO GERAL: MARIA CRISTINA DA ROSA FONSECA DA SILVA (UDESC)	
Mesa de Abertura	FAEB: 20 anos de história: o ensino de arte no Brasil Dr. ^a . Ana Mae Barbosa - USP, Ms. José Mauro B. Ribeiro - UNB, Dr. ^a Ivone Mendes Richter - UFSM.
Mesas Temáticas Simultâneas	Espaços da pesquisa em arte e educação no Brasil Dr. Sergio Figueiredo - UDESC (ABEM) Dr. Narciso Telles - UFU (ABRACE) Dr. ^a . Luciana Gruppelli Loponte - UFRGS (ANPED) Dr. ^a . Sandra Ramalho e Oliveira - UDESC (ANPAP)
	Mediações tecnológicas no ensino de arte Dr. ^a . Maria Cristina Biazus - UFRGS Dr. ^a . Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva - UDESC Dr. ^a . Lúcia Pimentel - UFMG
	A formação Inicial do Professor de Arte Dr. ^a . Maura Penna - UEPB Dr. ^a . Marilda Oliveira - UFSM Dr. ^a . Márcia Pompeo Nogueira - UDESC
Mesas Temáticas Simultâneas	Proposições inclusivas para o ensino de arte Margarete Arroyo (Música) - UFU Dr. ^a . Roberta Puccetti (Artes Visuais) - PUC de Campinas
	O ensino de arte na educação básica Dr. ^a . Ana Luiza Ruschel Nunes - UEPG-PR / UFSM-RS Dr. ^a Luciana Del Ben (música) - URGs Dr. Júlio Romero - Universidade Complutense de Madri
	Objetos pedagógicos na mediação do ensino de arte Dr. ^a . Mirian Celeste Martins/ Instituto Arte na Escola/UNESP Ana Lúcia Lopes /Museu Afro-Brasil Dr. ^a . Rejane Coutinho - UNESP
Mesa Temática	Cultura Visual e Educação: experimentações Dr. ^a . Irene Tourinho - UFG Dr. Raimundo Martins - UFG Dr. ^a . Deborah Smith-Shank - Northern Illinois University - (USA) Dr. Kevin Tavin - Ohio State University - (USA)
Mesa Temática	A escrita do artista/pesquisador/educador: A/r/tografia como uma das metodologias de pesquisa em arte e arte-educação Dr. ^a Rita Irwin University of British Columbia (Canadá)

	Dr. ^a . Stephanie Springgay - Pen State University (USA) Dr Kit Grauer University of British Columbia (Canadá) Dr. Belidson Dias UNB - (Brasil)
Programação Cultural	Coral e Orquestra da UDESC Lançamento de livros Grupo Perc. Pé de sapateado Coreografia: Partido Alto Elenco: Bia Mattar, Paula Gargioni, Elisa Pritsopoulos, Patrícia Simões e Fernanda Arízio Grupo de Boi de Mamão Escola Municipal Acácio Garibaldi São Thiago - Barra da Lagoa Responsável - Prof. Ronei Manoel Gonçalves Espetáculo Teatral - O Santo e a Porca (De Ariano Suassuna) GRUPO GI - DAC/UFSC Direção: Maris Vianna Grupo De Teatro Boca De Siri CEFET/SC - Unidade Florianópolis Espetáculo - "À direita de Deus Pai" Direção - Felipe Otero Associação Cultural Arrasta Ilha (Ensaio Aberto) Espetáculo Teatral - O Santo e A Porca (De Ariano Suassuna) GRUPO GI - DAC/UFSC Direção: Maris Vianna

A mesa de abertura do XVII CONFAEB teve como tema “FAEB: 20 anos de história: o ensino de arte no Brasil”. Os palestrantes da mesa de abertura foram a Dr.^a. Ana Mae Barbosa (USP), o Ms. José Mauro B. Ribeiro (UnB) e a Dr.^a Ivone Mendes Richter (UFSM). A Prof.^a Ana Mae Barbosa falou sobre “FAEB 20 anos de interculturalismo”, homenageando, com seu texto, Laís Aderne (Primeira Presidente da FAEB), que faleceu em 2007, e Ivone Mendes Richter (Presidente da FAEB, após Laís Aderne). Ela iniciou sua palestra dizendo que...

A FAEB foi muito bem nascida. Nasceu do diálogo entre as várias associações de Arte educadores existentes na época e no bojo de um movimento intercultural que envolveu toda a América Latina: O FLAAC comandado por Laís Aderne com a colaboração de muita gente que hoje tem poder na Arte/Educação do país. (Irene Tourinho, Suzete Venturelli) (BARBOSA, 2007, p. 1).

Ana Mae explicou que duas coisas a ligavam a Laís Aderne: o fato de ter tido a mesma mãe adotiva (Noêmia Varela) e a ideologia intercultural que ambas possuíam, e que as ligavam a Ivone Richter, que presidiu a FAEB, depois de Laís. Fatos que explicavam a sua homenagem às duas professoras. Sobre a interculturalidade, a Prof.^a Ana Mae Barbosa disse que...

O projeto cultural que me interessa através do qual Laís e eu criamos uma irmandade que vencia nossas diferenças é de dupla via: conseguir reconhecimento para a Arte e a Cultura Visual do povo no âmbito das instituições e sociedades de elite e conseguir reconhecimento para a Arte de

código alto entre as comunidades populares buscando em ambos os casos o diálogo (BARBOSA, 2007, p. 1).

A Prof.^a Ana Mae Barbosa citou algumas exposições que estão ligadas a esse projeto cultural, tais como: “Entre Telhas”, de Josely Carvalho, no CCBN de Juazeiro-CE, projeto de Ana Mae Barbosa e Fábio Rodrigues; “Arte e Loucura” (1987); “Civilidade da Selva; Mitos e Iconografia Indígena na Arte Contemporânea” (1988); “Conexus” (1989); “Carnavalescos” (1987), “A Estética do Candomblé” (1989); e “A Mata” (1990). A professora fala mais especificamente sobre a exposição “Combongós, Latas e Sucatas: Arte Periférica” (1989), sob a curadoria de Gláucia Amaral e May Suplicy. Essa exposição “apresentou arte da minoria social que executa trabalho braçal para sobreviver, mas faz este trabalho com preocupação estética” (BARBOSA, 2007, p. 4). Ana Mae ainda falou a respeito de algumas instalações dessa exposição, dizendo que...

A exposição foi o resultado de uma pesquisa entre trabalhadores da classe pobre dos subúrbios de São Paulo. As curadoras identificaram alguns trabalhadores que demonstravam preocupação estética ao realizar seus trabalhos cotidianos. (BARBOSA, 2007, p. 4)

A Prof.^a Ana Mae Barbosa concluiu sua palestra, falando que...

Resumindo, em um lugar onde Arte significa somente o código alto introduzi a cultura visual do povo e agora no lugar onde impera a cultura visual do povo introduzi a cultura erudita, e até podemos dizer o código que hoje substituiu as vanguardas modernistas do ponto de vista da contemporaneidade. A vanguarda de hoje é a Arte na rede. (BARBOSA, 2007, p. 5).

O Prof. José Mauro Barbosa Ribeiro (UNB) teve como tema: “FAEB 20 ANOS: O ensino de Arte no Brasil”, texto que não está disponível no site do XVII CONFAEB. Depois de José Mauro, a Prof.^a Ivone Mendes Richter falou sobre “FAEB: 20 anos de história”. Seu texto foi uma “colagem” de trechos de boletins da FAEB, mantendo uma estrutura com os seguintes subtítulos: Memória, Movimento Arte-Educação, Questões Teóricas, Leis e Resoluções, Entidades Internacionais e Ação Política. Ivone Richter citou vários arte/educadores, iniciando com Ana Mae Barbosa, dizendo que...

Memória e história são personagens do mesmo cenário, mas cada uma se veste a seu modo. A história, intelectual e formal, usa a vestimenta acadêmica, enquanto a memória não respeita regras nem metodologias, é afetiva e revive a cada lembrança (BARBOSA, 1997, apud RICHTER, 2007, p.1).

E concluiu sua palestra citando o Presidente da FAEB, Augusto Neto.

Hoje a FAEB sobrevive, mas não seja omissa, contribua de alguma forma. Não importa a distância que nos divide. Proponho jogar o jogo do 'quebra-gelo', para juntos ressignificarmos as Associações e Núcleos estaduais, e consequentemente a NOSSA FAEB. Para tanto se faz urgente traçar os novos rumos da entidade. Reestruturá-la e legitimá-la. Colabore com propostas (NETO, 1999, apud RICHTER, 2007, p.6).

Após a mesa de abertura, a organização do XVII CONFAEB ofereceu um primeiro momento de três mesas temáticas simultâneas, com a finalidade de discutir temas diferentes, que seria escolhida pelos participantes, de acordo com suas áreas de trabalho. A primeira mesa teve como tema “Espaços da pesquisa em arte e educação no Brasil”, com as participações de: Dr. Sergio Figueiredo (UDESC/ABEM), com o tema “Aspectos da Pesquisa em Educação Musical no Brasil”; Dr. Narciso Telles (UFU/ABRACE), com o tema “O Grupo de Trabalho Pedagogia do Teatro & Teatro na educação da ABRACE e outras questões”; Dr.^a. Luciana Gruppelli Loponte (UFRGS/ANPED), com o tema “Educação e arte na ANPED: a conquista de um novo espaço” e a Dr.^a. Sandra Ramalho e Oliveira (UDESC/ANPAP), com o tema “A ANPAP - Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas”.

A segunda mesa temática foi sobre “Mediações tecnológicas no ensino de arte” com as presenças da Dr.^a. Maria Cristina Biazus (UFRGS); Dr.^a. Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva (UDESC), que falou sobre a “Formação Inclusiva do Professor de Arte: Desafios propostos pela Lei 10639/2003”; e Dr.^a. Lúcia Gouvêa Pimentel (UFMG), que falou sobre “Mediações Tecnológicas para o Ensino de Arte”. E a terceira mesa temática abordou a cerca da “A formação inicial do professor de Arte”, tendo as participações da Dr.^a. Maura Penna (UEPB), com o tema “A formação inicial do professor de Música: por que uma licenciatura?”; Dr.^a. Marilda Oliveira (UFSM), com o tema “A formação inicial do professor de Artes Visuais: o caso da Universidade Federal de Santa Maria/RS”; e a Dr.^a. Márcia Pompeo Nogueira (UDESC), com o tema “Clubes de Teatro na Formação de Professores”.

O XVII CONFAEB ainda ofereceu um segundo momento de mesas temáticas simultâneas. A primeira delas foi sobre “Proposições inclusivas para o ensino de arte”, com os palestrantes Margarete Arroyo (Música - UFU) e a Dr.^a Roberta Puccetti (Artes Visuais - PUC de Campinas). A segunda mesa foi sobre “O ensino de arte na educação básica”, com as participações da Dr.^a Ana Luiza Ruschel Nunes (UEPG-PR / UFSM-RS), que falou sobre “O Ensino de Arte na Educação Básica”; a Dr.^a Luciana Del Ben (Música - URGs), que falou sobre “O Ensino de Música na Educação Básica”; e o Dr. Júlio Romero (Universidade Complutense de Madri) que falou sobre “Líneas y recorridos. Arte educación creadora em educación básica”. E a terceira mesa foi sobre “Objetos pedagógicos na mediação do ensino de arte”, que contou com as palestras da Dr.^a Mirian Celeste Martins (Instituto Arte na Escola/UNESP), de Ana Lúcia Lopes (Museu Afro-Brasil) e da Dr.^a Rejane Coutinho (UNESP), que falou sobre “Desenhar materiais para educadores: uma experiência e desafio”.

Após os dois momentos de mesas temáticas simultâneas, ocorreu a mesa sobre “Cultura Visual e Educação: experimentações”, com as participações da Dr.^a Irene Tourinho (UFG), do Dr. Raimundo Martins (UFG), da Dr.^a Deborah Smith-Shank (Northern Illinois University - USA) e do Dr. Kevin Tavin (Ohio State University - USA). A Prof.^a Irene Tourinho teve como tema “Aspectos e Fragmentos de Narrativas Sobre o Visual na Prática Educativa”. No resumo do seu texto, a Prof.^a Irene Tourinho disse que...

Este trabalho centra-se nas respostas de um grupo de alunos de um Curso de Licenciatura em Artes Visuais sobre uma vídeo-performance intitulada ‘O Jantar’, da artista Selma Parreira, com o objetivo de discutir as diferentes interpretações que o trabalho suscita e apontar possibilidades de analisar e expandir os significados de narrativas sobre o visual na prática docente. Focado em três temáticas – experiência vivida e auto-imagem, desejos e relações de alteridade - a discussão reforça a necessidade de incorporar vozes e experiências de alunos nos processos educativos. As formas de olhar e as narrativas que as problematizam constituem ‘um mundo’ de subjetividades que merecem ser exploradas nas salas de aula (TOURINHO, 2007, p.1).

O Prof. Raimundo Martins falou sobre “Cultura Visual em Três Cenas Contemporâneas”, no resumo do seu texto ele diz que...

Três cenas contemporâneas da cultura visual servem como exemplos para discutir características deste campo de estudo emergente. Estas cenas orientam uma reflexão sobre mudanças e transformações centrais para o

debate sobre a pós-modernidade. A noção de que o significado de objetos artísticos e culturais é instável e, portanto, suscetível à mudança e que a compreensão crítica da experiência visual está vinculada a experiências subjetivas incorporadas às práticas culturais, são pontos comuns aos três exemplos. As cenas colocam em evidência a crescente penetração e, especialmente, diferentes formas de cultura visual (MARTINS, 2007, p. 1).

As três cenas contemporâneas da cultura visual citadas pelo Prof. Raimundo Martins são as seguintes: uma cena da série de TV “24 horas”, onde o protagonista Jack Bauer está prestes a trocar sua profissão de investigador por uma toga da Universidade Georgetown, em Washington, EUA; uma maquete de favela, criada pelo artista plástico Sergio Cézar, que compõe a vinheta de abertura da novela “Duas Caras”, da rede Globo de Televisão; A instalação “Shibboleth” ou “Rachadura”, obra da escultora colombiana Doris Salcedo, em exposição na Tate Modern Gallery, em Londres, no período de nove de outubro de 2007 a seis de abril de 2008.

A Prof.^a Deborah Smith-Shank falou sobre “Intersections of Semiotics and Visual Pedagogy” (Interseções de Semiótica e Pedagogia Visual). Em seu resumo, ela diz que...

This paper focuses on intersection of semiotics and art education and the signs and symbols in culture(s) that make up the substance(s) of art education. These include “fine” art and artifacts; the cultures that created them, the values that surround them, and their relevance. Art has always been one of several ways in which culture is learned, transmitted, maintained and modified, and it has the advantage over written language in not being textually limited. Studying the sign systems within a cultural group’s artworks and artifacts helps to make the concepts of culture explicit, facilitates critical response, and assists learners to understand the multiple ways people organize and make meanings about their significant worlds (SMITH-SHANK, 2007, p. 1).

Com a seguinte tradução...

Este artigo centra-se na intersecção da semiótica e arte/educação e os sinais e símbolos em cultura (s) que compõem a substância (s) de ensino da arte. Estes incluem Belas Artes e artefatos; as culturas que os criaram, os valores que os cercam, e sua relevância. Arte sempre foi uma das várias maneiras em que a cultura é aprendida, transmitida, mantida e modificada, e tem a vantagem sobre a linguagem escrita em não ser textualmente limitada. Estudar os sistemas de signos dentro de obras de arte e artefatos de grupos culturais ajuda a tornar os conceitos de cultura explícita, facilita a resposta crítica, e auxilia os alunos a entender as várias formas das pessoas organizar e construir significados sobre seus mundos significantes (SMITH-SHANK, 2007, p. 1).

O Prof. Kevin Tavin falou sobre “Visual culture and art education: Uneasy conditions” (Cultura visual e arte/educação: condições não tão simples).

A última mesa temática do XVII CONFAEB foi sobre “A escrita do artista/pesquisador/educador: A/r/tografia” como uma das metodologias de pesquisa em arte e arte-educação com palestras da Dr.^a Rita Irwin (University of British Columbia - Canadá) e do Dr. Kit Grauer (University of British Columbia - Canadá), com o tema “The Rhizomatic Relations of A/r/tography” (As Relações Rizomáticas da A/r/tografia); Dr.^a. Stephanie Springgay (Penn State University - USA), com o tema “A/r/tography: An Ethics of embodiment as being-with” (A/r/tografia: Uma ética da corporeidade como um ser); Dr. Belidson Dias UNB - Brasil), com o tema: “Preliminares: A/r/tografia como Metodologia e Pedagogia em Artes”.

O XVII ofereceu uma programação cultural que, pelo registro, demonstrou que houve planejamento e cuidado com essa parte tão importante do evento. As apresentações artístico-culturais foram: Coral e Orquestra da UDESC; Lançamento de livros, Grupo Perc. Pé de Sapateado, Coreografia: Partido Alto; Grupo de Boi de Mamão, Escola Municipal Acácio Garibaldi São Thiago - Barra da Lagoa; Espetáculo Teatral - O Santo e a Porca (de Ariano Suassuna), GRUPO GI - DAC/UFSC; Grupo de Teatro Boca De Siri, CEFET/SC Unidade Florianópolis, Espetáculo - “À direita de Deus Pai”; Associação Cultural Arrasta Ilha (Ensaio Aberto). Portanto, notamos que houve uma diversidade de atividades na programação cultural: coro e orquestra, contrapondo com um espetáculo de um nordestino, Ariano Suassuna, e um espetáculo de Partido Alto (samba) – três apresentações, mostrando culturas diferentes. Quanto às instituições que produziram os espetáculos, os níveis também eram diferenciados: houve universidades, o Centro Federal de Educação Tecnológica e a Escola de Ensino Básico.

Quanto às Comunicações, algumas se referiram ao tema e outras não. Como disse a organizadora do XVII CONFAEB, Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva, em resposta à pergunta “Em sua opinião, o congresso, com seus participantes, conseguiu debater sobre o tema central satisfatoriamente?”, disse que “de alguma forma sim, pois os GTs viraram do avesso as

problemáticas da área. Embora como já houvesse apontado, poucos estudos se detêm nessa problemática”.

4.6. XVIII CONFAEB, Realizado em 2008

Após Santa Catarina, o Estado que abrigou o CONFAEB foi o Ceará. O XVIII CONFAEB foi realizado em Crato, cidade do Cariri Cearense, em novembro de 2008. O tema geral desse congresso foi “Arte/Educação Contemporânea: narrativas do ensinar e aprender artes”. A programação de mesas temáticas e conferências estão expostas na tabela abaixo.

Tabela nº 17 – Mesas Temáticas e Conferências do XVIII CONFAEB

XVIII CONFAEB – UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI (URCA) – CRATO-CE, 2008 TEMA: ARTE/EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA: NARRATIVAS DO ENSINAR E APRENDER ARTES COORDENAÇÃO: JOSÉ MAURO BARBOSA RIBEIRO (PRES. FAEB) E FÁBIO RODRIGUES (URCA)	
Abertura Oficial	Coordenação: Prof. José Mauro Ribeiro (Pres. FAEB); Prof. Fábio José Rodrigues (18º CONFAEB) Convidados: Professor Plácido Cidade Nuvens (Reitor da URCA), Sr.ª Silvana Meireles (Secretária de Articulação Institucional do MINC), Sr. Carlos Artexes (MEC), Senhor Auto Filho (Sec. de Cultura do Ceará), Sr.ª Ivana de Siqueira (Organização dos Estados Ibero-Americanos – OEI/Brasil)
Mesa	Políticas Públicas para o Ensino das Artes Coordenação: José Mauro Ribeiro Convidados: Sr.ª Silvana Meireles (Secretária de Articulação Institucional do MINC), Sr. Carlos Artexes (MEC), Senhor Auto Filho (Sec. de Cultura do Ceará), Sr.ª Ivana de Siqueira (Organização dos Estados Ibero-Americanos – OEI/Brasil)
Mesa	Arte/Educação Contemporânea: narrativas do ensinar e aprender artes Coordenação: Prof. Duílio Cunha (URCA) Convidados: Dr. Narciso Telles (UFU), Dr.ª Maura Penna (UEPB)
Mesa	Rede Ibero-Americana de Educação Artística (Arte/Educação) Coordenação: Prof. João Dantas (URCA) Convidadas: Dr.ª Tereza Eça (Portugal), Dr.ª Lúcia Pimentel (UFMG)
Conferência	Cultura Visual: Outro modo de colonização Ocidental Coordenação: Dr. Fábio Rodrigues (URCA) Convidado: Dr. Juan Carlos Arañó Gisbert (Universidade de Sevilla-Espanha)
Mesa	Formação Continuada e Formação à distância de professores de artes Convidadas: Dr.ª Rejane Coutinho (UNESP), Dr.ª Lêda Guimarães (UFG)
Conferências Simultâneas	O Ensino das Artes Visuais na Educação Básica Dr.ª Maria das Vitórias Negreiros do Amaral (UFRPE)
	O Ensino do Teatro na Educação Básica Dr. Arão Nogueira Paranaguá (UFMA)
	O Ensino da Música na Educação Básica Dr.ª Eliane Leão Figueiredo (UFG)
	Educação de Jovens e Adultos e a Escola Integral Dr.ª Zuleide Fernandes Queiroz (URCA)

Mesa	FAEB: Decisões importantes, rumos necessários Coordenação: Luciana Gruppelli Loponte Convidados: José Mauro Ribeiro (UnB/FAEB), Fábio Rodrigues (URCA)
Conferência	Educação Artística (Arte/Educação) Coordenação: Lúcia Pimentel (UFMG) Convidada: Olga Olaya (Colômbia)
Conferência	Pragmatismo e a Educação Artística (Arte/Educação) Contemporânea Coordenação: Dr. ^a Rejane Coutinho Convidado: Dr. Imanol Aguirre (Universidade Pública de Navarra-Espanha)
Conclusões do Congresso	Convidados: José Mauro Ribeiro (UnB/FAEB), Fábio Rodrigues (URCA), Narciso Telles (UFU/FAEB)

O XVIII CONFAEB iniciou com abertura oficial, coordenada pelo Prof. José Mauro Barbosa Ribeiro (UnB/Presidente da FAEB) e pelo Prof. Fábio José Rodrigues (URCA/Coordenador Executivo do XVIII CONFAEB), tendo com convidados: Professor Plácido Cidade Nuvens (Reitor da URCA), Sr.^a Silvana Meireles (Secretária de Articulação Institucional do MINC), Sr. Carlos Artexes (MEC), Senhor Auto Filho (Sec. de Cultura do Ceará) e Sr.^a Ivana de Siqueira (Organização dos Estados Ibero-Americanos – OEI/Brasil). Logo em seguida, foi realizada uma mesa com o tema “Políticas Públicas para o Ensino das Artes” com a coordenação do Prof. José Mauro Ribeiro (Pres. da FAEB), com os seguintes convidados: Sr.^a Silvana Meireles (Secretária de Articulação Institucional do MINC), Sr. Carlos Artexes (MEC), Senhor Auto Filho (Sec. de Cultura do Ceará) e Sr.^a Ivana de Siqueira (Organização dos Estados Ibero-Americanos – OEI/Brasil).

Ainda na abertura, o Presidente da FAEB, Prof. José Mauro Ribeiro, leu uma carta da Prof.^a Ana Mae Barbosa, saudando os participantes do XVIII CONFAEB e justificando sua ausência por motivos de doença, ocasionada por um acidente no México. Ela disse que, por “ironia do destino”, aquele seria o único congresso que ela faltaria – logo aquele que seria realizado no “coração” do Sertão Nordeste.

Após a mesa sobre “Políticas Públicas”, houve a mesa sobre “Arte/Educação Contemporânea: narrativas do ensinar e aprender artes”, que foi o tema geral do XVIII CONFAEB, com a coordenação do Prof. Duílio Cunha (URCA) e como convidados: Dr. Narciso Telles (UFU), que falou sobre “Teatro na Educação na Contemporaneidade”; e Dr.^a Maura Penna (UEPB), que teve como tema “Educação Musical na Contemporaneidade: algumas questões

básicas”. A Prof.^a Ana Mae Barbosa iria participar dessa mesa falando sobre o “Ensino das Artes Visuais”, inclusive, seu nome foi impresso no programa, porém, conforme relatado, não foi possível seu comparecimento.

A mesa seguinte abordou sobre “Rede Ibero-Americana de Educação Artística (Arte/Educação)”, coordenada pelo Prof. João Dantas (URCA) e as convidadas: Dr.^a Tereza Eça (Portugal), que falou sobre “Rede Ibero-Americana de Educação Artística”; Dr.^a Lúcia Pimentel (UFMG), que teve como tema “Rede Ibero-Americana de Educação Artística (Arte/Educação)” – o tema da mesa que possuía o termo “Educação Artística” se referindo à disciplina, nos outros países da Rede, e “Arte/Educação”, se referindo à área aqui, no Brasil. Sobre o tema, o resumo do texto da Prof.^a Lúcia Pimentel dizia que...

A Rede Ibero-Americana de Educação Artística (Arte/Educação) é uma iniciativa de um grupo de arte/educadores de diversas nacionalidades, com a intenção de compartilhamento de informações, pesquisas e conversas. As tecnologias de comunicação e informação propiciam a oportunidade de que pessoas de vários lugares do mundo possam interagir e compartilhar informações com vistas à construção de conhecimentos em arte/educação. (PIMENTEL, 2008, p. 1)

Após algumas mesas temáticas, ocorreu uma conferência sobre “Cultura Visual: Outro modo de colonização Ocidental”, com coordenação do Prof. Fábio José Rodrigues da Costa (URCA), tendo como convidado o Prof. Juan Carlos Arañó Gisbert (Universidade de Sevilla-Espanha).

Logo em seguida, foi realizada outra mesa, com o tema “Formação Continuada e Formação à distância de professores de artes”, com as participações da Dr.^a Rejane Coutinho (UNESP) e da Dr.^a Lêda Guimarães (UFG). Após a mesa sobre “Educação à Distância”, o XVIII CONFAEB ofereceu quatro Conferência Simultâneas, com a finalidade de atender às áreas de trabalho dos participantes. As conferências foram as seguintes: “O Ensino das Artes Visuais na Educação Básica”, com a Dr.^a Maria das Vitórias Negreiros do Amaral (UFRPE); “O Ensino do Teatro na Educação Básica”, com o Dr. Arão Nogueira Paranaguá (UFMA); “O Ensino da Música na Educação Básica”, com a Dr.^a Eliane Leão Figueiredo (UFG); e “Educação de Jovens e Adultos e a Escola Integral”, com a Dr.^a Zuleide Fernandes Queiroz (URCA).

Após as Conferências Simultâneas, houve mais uma mesa temática, com o tema “FAEB: Decisões importantes, rumos necessários”, com a

coordenação de Luciana Gruppelli Loponte, e como convidados: José Mauro Ribeiro (UNB/FAEB) e Fábio Rodrigues (URCA). Depois, houve mais duas conferências: A primeira foi sobre Educação Artística (Arte/Educação), com a coordenação de Lúcia Pimentel (UFMG), e, como convidada, Olga Olaya (Colômbia); a segunda conferência foi sobre “Pragmatismo e a Educação Artística (Arte/Educação) Contemporânea”, com a coordenação da Dr.^a Rejane Coutinho, e, como convidado, o Dr. Imanol Aguirre (Universidade Pública de Navarra-Espanha). E finalmente, houve uma mesa sobre “Conclusões do Congresso”, que contou com as participações de: José Mauro Ribeiro (UNB/FAEB), Fábio Rodrigues (URCA) e Narciso Telles (UFU/FAEB). A nova diretoria da FAEB foi apresentada a todos os participantes do XVIII CONFAEB, sendo assim composta: Presidente – Jacqueline Mc-Dowell (AERJ), Vice-Presidente – Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva (AAESC), 1^a Secretária – Adriana Carla de Aquino (ANARTE/PE), 2^a Secretária – Lêda Maria de Barros Guimarães (Goiás), 1^a Tesoureira – Adriana Russi T. de Mello (AERJ) e 2^a Tesoureira – Híldima Ramos (AAEAP).

Quanto às Comunicações, elas foram divididas em Grupos de Trabalhos, tais como: “Formação de Professores de Artes” – Coordenação: Prof. Fábio Rodrigues (URCA); “Formação Continuada e Mediação Cultural” – Coordenação: Professora Rejane Coutinho (UNESP); “O Ensino do Teatro na Educação Básica e no Circo” – Coordenação: Prof. Arão Nogueira Paranaguá (UFMA); “O Ensino da Dança na Educação Básica” – Coordenação: Prof.^a Karen Muller (USP); “O Ensino da Música na Educação Básica” – Coordenação: Professora Maura Penna (UEPB); “O Ensino das Artes Visuais na Educação Básica” – Coordenação: Prof.^a Maria das Vitórias Negreiros (UFRPE/Garanhuns); “Ensino das Artes e Interdisciplinaridade” – Coordenação: Professora Edite Colares Oliveira Marques (UECE); “Ensino de Arte: Transdisciplinaridade e Inclusão” – Coordenação: Prof. Robson Xavier da Costa (UFPB); “Currículo e Avaliação no Ensino de Arte” – Coordenação: Prof.^a Eleonora Nunes Oliveira Cavalcanti (URCA); “Ensino de Arte e Tecnologias” – Coordenação: Prof.^a Lúcia Pimentel (UFMG); “História do Ensino de Arte no Brasil” – Coordenação: Prof. João Dantas (URCA); “Arte/Educação Popular” – Coordenação: Prof. Duílio Pereira da Cunha Lima (URCA).

Diante dos dados demonstrados do XVIII CONFAEB, percebemos que houve a discussão do tema geral e dos temas que os arte/educadores levaram com suas comunicações.

4.7. XIX CONFAEB, Realizado em 2009

Após o congresso realizado no Cariri, passo agora a falar sobre o XIX CONFAEB, que aconteceu em Belo Horizonte-MG, em novembro no de 2009 com a coordenação geral da Prof.^a Lúcia Gouvêa Pimentel, na UFMG. Sua Programação está exposta na tabela abaixo.

Tabela nº 18 – Mesas-Redondas, Palestras e Apresentações Artísticas do XIX CONFAEB

XIX CONFAEB – ESCOLA DE BELAS ARTES-UFMG – BELO HORIZONTE-MG, 2009 TEMA: CONCEPÇÕES CONTEMPORÂNEAS COORDENADORA GERAL: Prof.^a LÚCIA GOUVÊA PIMENTEL	
Mesa de Abertura	Rita Irwin - Presidente da International Society of Education through Arts (InSEA) - Canadá James Sanders - Tesoureiro da International Society of Education through Arts (InSEA) - EUA Ivana de Siqueira - Diretora da OEI no Brasil. Lucia Gouvêa Pimentel - Secretária Geral do Conselho Latino-americano de Educação pela Arte - CLEA Jacqueline Mac-Dowell - Presidente da FAEB. Cláudia Regina dos Anjos - Presidente da AMARTE. Evandro José Lemos da Cunha - Vice-Diretor da EBA/UFMG.
Mesa Redonda InSEA/CLEA	Rita Irwin - Presidente da International Society of Education through Arts (InSEA) - Canadá Dora Aguila (Chile), Salomón Azar (Uruguai) Victor Kon (Argentina) - ex-secretários do CLEA. Mediadora: Lucia Gouvêa Pimentel
Sessão Solene	Com a presença de Miriam Garcia , responsável pelo Programa Arte/Educação da Secretaria Geral da OEI, de autoridades dos Ministérios da Educação e da Cultura , do Reitor da UFMG e autoridades de Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, de Cultura e de Turismo
Palestra	Ana Mae Barbosa
Mesas Redondas (concomitantes)	Políticas Educacionais e Desafios Latino-americanos em Arte/Educação: Lucina Jimenez (México), Monica Romero (Colômbia) e Cláudia Castro (Especialista da OEI). Mediadora: Lêda Guimarães (UFG - Brasil)
	Múltiplas Abordagens e apropriações para arte/educar: Ramón Cabrera (Cuba), Andrea Giráldez (Espanha) e Lorena Best (Peru). Mediadora: Juliana Gouthier . (UFMG - Brasil)
	Metodologias de Pesquisa e Ensino de Arte: Teresa Eça (Portugal) e Fernando Miranda (Uruguai). Mediadora: Marilda de Oliveira (UFSM - Brasil)
Mesas Redondas (concomitantes)	Políticas Educacionais e Desafios Latino-americanos em Arte/Educação: Victor Kon (Argentina) e José Mauro Ribeiro (Brasil). Mediadora: Jacqueline Mac-Dowell (FAEB - Brasil)

	Múltiplas Abordagens e apropriações para arte/educar: Maricha Heiseke (Paraguai) e Amanda Paccotti (Argentina) e Lêda Guimarães (Brasil). Mediadora: Flavia Bastos (Brasil)
	Metodologias de Pesquisa e Ensino de Arte: Imanol Aguirre (Espanha), Rejane Coutinho (Brasil). Mediadora: Ana Del Tabor (Brasil).
Mesa Final	Arte/Educação: Concepções Contemporâneas Teresa Eça, Ramon Cabrera, Imanol Aguirre Lucina Jimenez e Ana Mae Barbosa
Apresentações Artísticas	Escola do Corpo Meninas de Sinhá
Visita à Espaço Expositivo	Inhotim

O XIX CONFAEB foi organizado juntamente com o Congresso do Conselho Latino-Americano de Educação pela Arte – CLEA. Por esse motivo, o quadro acima apresenta uma programação repleta de convidados internacionais. A mesa de abertura teve como participantes: Rita Irwin - Presidente da International Society of Education through Arts (InSEA) - Canadá; James Sanders - Tesoureiro da International Society of Education through Arts (InSEA) - EUA; Ivana de Siqueira - Diretora da OEI no Brasil; Lúcia Gouvêa Pimentel - Secretária Geral do Conselho Latino-americano de Educação pela Arte - CLEA; Jacqueline Mac-Dowell - Presidente da FAEB; Cláudia Regina dos Anjos - Presidente da AMARTE; e Evandro José Lemos da Cunha - Vice-Diretor da EBA/UFMG. Após a mesa de abertura, foi realizada uma mesa-redonda, com representantes do CLEA e da InSEA: Rita Irwin - Presidente da International Society of Education through Arts (InSEA) - Canadá; Dora Aguila (Chile), Salomón Azar (Uruguai) e Victor Kon (Argentina) - ex-secretários do CLEA, com mediação da Prof.^a Lucia Gouvêa Pimentel - Secretária Geral do CLEA.

No segundo dia do congresso, a parte da manhã ocorreu no Palácio das Artes, local de eventos bastante conhecido no centro de Belo Horizonte. As atividades foram iniciadas com uma Sessão Solene, com a presença de Miriam Garcia, responsável pelo Programa Arte/Educação da Secretaria Geral da OEI; de autoridades dos Ministérios da Educação e da Cultura; do Reitor da UFMG e autoridades de Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, de Cultura e de Turismo. Logo em seguida, ocorreu a palestra da Prof.^a Ana Mae Barbosa. À tarde, no segundo dia de congresso, foram realizadas três mesas-redondas concomitantes: “Políticas Educacionais e Desafios Latino-americanos em

Arte/Educação”: Lucina Jimenez (México), Monica Romero (Colômbia) e Cláudia Castro (Especialista da OEI), mediadora: Lêda Guimarães (UFG - Brasil); “Múltiplas Abordagens e apropriações para arte/educar”: Ramón Cabrera (Cuba), Andrea Giráldez (Espanha) e Lorena Best (Peru), mediadora: Juliana Gouthier. (UFMG - Brasil); “Metodologias de Pesquisa e Ensino de Arte”: Teresa Eça (Portugal) e Fernando Miranda (Uruguai), mediadora: Marilda de Oliveira (UFSM - Brasil).

O terceiro dia do congresso iniciou com mais uma rodada de mesas concomitantes: “Políticas Educacionais e Desafios Latino-americanos em Arte/Educação”: Victor Kon (Argentina) e José Mauro Ribeiro (Brasil), mediadora: Jacqueline Mac-Dowell (FAEB - Brasil); “Múltiplas Abordagens e apropriações para arte/educar”: Maricha Heiseke (Paraguai), Amanda Paccotti (Argentina) e Lêda Guimarães (Brasil), mediadora: Flávia Bastos (Brasil); “Metodologias de Pesquisa e Ensino de Arte”: Imanol Aguirre (Espanha) e Rejane Coutinho (Brasil), Mediadora: Ana Del Tabor (Brasil). Os temas das três mesas foram os “Eixos temáticos” que incluíram as Comunicações: Políticas Educacionais e Desafios Latino-americanos em Arte/Educação; Múltiplas Abordagens e apropriações para arte/educar; e Metodologias de Pesquisa e Ensino de Arte. As comunicações foram divididas em dez grupos, com nomes de cores, porém respeitando os eixos temáticos.

No último dia do CONFAEB, houve a mesa final com o tema: “Arte/Educação: Concepções Contemporâneas”, com Teresa Eça, Ramon Cabrera, Imanol Aguirre, Lucina Jimenez e Ana Mae Barbosa, mediada por Lúcia Pimentel. Na verdade, foram apenas palavras finais sobre a temática do congresso, ditas pelos convidados da mesa-redonda. Após esse encerramento, os participantes que quiseram, foram ao Instituto de Arte Contemporânea Inhotim, no município de Brumadinho, a sessenta quilômetros de Belo Horizonte, Minas Gerais. Além dessa visita a Inhotim, o XIX CONFAEB ofereceu aos participantes algumas apresentações artísticas, entre elas: A Escola do Corpo e Meninas de Sinhá. Espetáculos que fizeram com que os participantes se envolvessem, havendo, assim, uma confraternização bastante calorosa.

4.8. XX CONFAEB, Realizado em 2010

Depois de Belo Horizonte, o CONFAEB foi realizado em Goiânia-GO, em novembro de 2010. A coordenação geral foi da Professora Lêda Maria de Barros Guimarães e foi realizado na UFG. Por ser o XX CONFAEB, a organização denominou o evento como “CONFAEB: 20 Anos”, mas o tema geral do congresso foi “Indivíduos, Coletivos, Comunidades e Redes”. A programação de palestras e apresentações artísticas esta exposta na tabela abaixo.

Tabela nº 19 – Mesas Temáticas, Painéis, Palestras e Programação Cultural do XX CONFAEB

XX CONFAEB – UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – GOIÂNIA-GO, 2010 TEMA: INDIVÍDUOS, COLETIVOS, COMUNIDADES E REDES COORDENADORA GERAL: LEDA MARIA DE BARROS GUIMARÃES	
Mesa de Abertura	Autoridades UFG, SEDUC-GO, Presidência da FAEB
Boas Vindas	Professora Leda Guimarães (coord. Evento FAV/UFG) e Professora Luz Marina (diretora Centro de Pesquisa Ciranda da Arte)
Palestras	Comigo ninguém pode – Regina Vater Ensino das artes visuais em Moçambique “Reflexões, sonhos e realidades” – Prof. Victor Sala (Diretor da Faculdade de Artes de Moçambique no Instituto Superior de Artes e Cultura)
Painel	Perspectivas atuais para o ensino das artes nas escolas de educação básica Prof. ^a Mirian Celeste Martins (UNESP); Prof. ^a Ana Del Tabor (UFMA/UNAMA); Prof. Henrique Lima (SEDUC-GO)
Mesa 1	Professorialidade & Artisticidades, artista-professor, professor-artista “O limiar da experiência estética: contribuições para o percurso da professoralização” – Prof. Marcos Vilela (PUCRS); “Professorialidades, variações in. constantes” – Prof. ^a Lucimar Bello
Mesa 2	Perspectivas de formação profissional e acadêmica “Formação do Profissional de Cultura: Desafios e Perspectivas” – Dr. ^a Maria Helena Cunha (Centro Universitário UNA); “Formação e qualificação de professores de Artes Brasil: caminhos e descaminhos” – Prof. Afonso Medeiros (UFPA)
Painel	Perspectivas atuais para o ensino das artes nas escolas de educação básica “Perspectivas atuais para o ensino da música nas escolas de educação básica” Professora Maura Penna (UFPB); Prof. ^a Christina Rizzi (USP); Prof. ^a Ana Luiza Ruschel (UEPG)
Mesa 3	“Perspectivas Internacionais: O papel do CLEA e da OIE na cena da arte/educação na América Latina” . Prof. ^a Lúcia Pimentel (UFMG) e Prof. Fábio Rodrigues (URCA)
Mesa 4	Formação de Professores de arte/EAD: tessituras em rede (música, teatro, artes visuais)
Palestra	Artes e Culturas Visuais – Ana Mae Barbosa
Painel	Representantes das Associações Estaduais/Regionais Coordenação: Jacqueline Mac-Dowell (Presidente FAEB/AERJ)

De acordo com a tabela acima, o XX CONFAEB teve seu início com uma mesa de abertura, composta por autoridades da UFG, SEDUC-GO e FAEB, e as boas vindas da coordenadora geral do evento, a Professora Leda Guimarães e a diretora do Centro de Pesquisa Ciranda da Arte, Professora Luz Marina.

A primeira palestrante a falar foi a artista Regina Vater, que expôs sobre sua instalação “Comigo Ninguém Pode”. Durante as inscrições, no site do CONFAEB 20 Anos, os coordenadores do evento já falavam da obra que seria realizada no congresso...

No 20º CONFAEB: Comigo Ninguém pode: uma homenagem aos arte/educadores brasileiros. Regina Vater virá a Goiânia para abrir o 20º. CONFAEB e montar a instalação “Comigo ninguém pode” com retratos de arte educadores que participarão do evento. Para que você faça parte desse trabalho precisamos que mande uma fotografia sua 3x4 ou 5x7 (formato jpeg)... A artista receberá os retratos e com eles comporá a versão da instalação para nosso evento (D).

Além da instalação “Comigo Ninguém Pode”, a artista também falou de seus trabalhos realizados nos últimos anos.



Imagem 1 - Regina Vater. Instalação “Comigo Ninguém Pode”, 2010²².

²² “Comigo Ninguém Pode” é uma série de instalações (de 1988 até 1995) da artista brasileira Regina Vater. A artista conseguiu, com um fotógrafo lambe-lambe (fotógrafo de rua), fotografias de registros de

Após Regina Vater, o Prof. Victor Sala (Diretor da Faculdade de Artes de Moçambique no Instituto Superior de Artes e Cultura) falou sobre “Ensino das artes visuais em Moçambique ‘Reflexões, sonhos e realidades’”. Na introdução de sua palestra, o Prof. Victor Sala disse que...

O ensino das artes visuais tem uma longa tradição ainda que as instituições de ensino artístico sejam recentes. Em África, não é preciso haver escola (espaço físico) para que o ensino tome lugar. O ensino acontece em qualquer lugar, bastando haver o “*mestre*” e o aprendiz. Este texto tem como objectivo reflectir sobre vários aspectos que norteiam o ensino das artes visuais baseando-se na realidade e em experiências que marcam os acontecimentos nesta área em Moçambique. O texto descreve as instituições que marcam a história do ensino das artes a partir do que já foi possível fazer, o que está sendo feito e os sonhos dos moçambicanos. Ao mesmo tempo, apresenta um estudo comparativo na qual o argumento é a criação de uma escola de artes congregando todas as áreas neste mundo das artes. (SALA, 2010, p. 54).

O primeiro painel, sobre “Perspectivas atuais para o ensino das artes nas escolas de educação básica”, foi com: Prof.^a Mirian Celeste Martins (UNESP), Prof.^a Ana Del Tabor (UFMA/UNAMA) e Prof. Henrique Lima (SEDUC-GO). A Prof.^a Ana Del Tabor teve como tema “O Ensino das Artes na Educação Básica: os descompassos no currículo vigente”. Ela iniciou a palestra dizendo que seu “texto objetiva discutir as perspectivas atuais para o ensino das artes nas escolas de educação básica evidenciando algumas questões que julgamos ser pertinentes para ampliar o diálogo nacional” (TABOR, 2010, p. 10). O Prof. Henrique Lima teve como tema “Orientações Curriculares em Arte: a experiência do estado de Goiás”. Ele levou informações importantes sobre a Secretaria de Educação do Estado de Goiás, falando que...

Uma das políticas implementadas pela SEDUC-GO foi a criação do Programa de Reorientação Curricular, iniciada em 2004 e ainda em vigor. Os principais objetivos da Reorientação consistem em: (a) oferecer subsídios para o fortalecimento do trabalho pedagógico e a melhoria da qualidade das aulas; (b) reduzir as taxas de evasão escolar e de repetência; (c) implementar uma proposta curricular com novos recortes e abordagens de conteúdos e práticas docentes, para que se assumam as atividades específicas de cada área e ligadas à leitura e à escrita, como compromisso de todos e (d) ampliar os espaços de discussão coletiva nas escolas, por meio de grupos de estudos, oficinas e seminários. (LIMA, 2010, p. 21).

identidade feitas no Brasil, em 1982. Essas imagens em preto e branco, apresentando rostos de todas as idades, raças e pessoas de níveis sociais diferentes, foram xerocadas e organizadas em tiras, formando um espaço triangular ao redor de uma planta “comigo ninguém pode” e terra. Inspirada por tradições afro-brasileiras de plantas sagradas e nos mitos universais da Árvore de Vida e dos deuses mortos e ressuscitados (B)

O segundo dia começou com a primeira mesa intitulada “Professoralidade & Artisticidades, artista-professor, professor-artista” com as participações do Prof. Marcos Vilela (PUCRS), com o tema “O limiar da experiência estética: contribuições para o percurso da professoralização”, e da Professora Lucimar Bello, com o tema “Professoralidades, variações inconstantes”. Depois, ocorreu a mesa 2, que teve como tema “Perspectivas de formação profissional e acadêmica”, com os participantes: Dr.^a Maria Helena Cunha (Centro Universitário UNA) e Prof. Afonso Medeiros (UFPA). Dr.^a Maria Helena Cunha falou sobre “Formação do Profissional de Cultura: Desafios e Perspectivas”. Na introdução do seu texto, ela disse que...

Ao apresentar a discussão relativa ao tema “formação do profissional de cultura – seus desafios e perspectivas”, precisamos colocar em pauta a necessidade de refletirmos anteriormente sobre o binômio cultura/educação. A educação entendida como um processo contínuo de aquisição de conhecimentos e como direito de cidadania, na perspectiva de construção de um real caminho para a consolidação de uma política cultural democrática e voltada para a transformação social... (CUNHA, 2010, p. 76).

E no desenvolvimento de sua fala, ela afirma que...

Toda essa reflexão sobre a relação direta entre temas como política e cultura democrática, reforça a ideia de que a educação é um dos principais vetores capazes de impulsionar esse processo em qualquer sociedade, atrelado a um sistema educacional democrático e igualitário, que respeite a diversidade e a transversalidade como parte do processo formativo do cidadão. (CUNHA, 2010, p. 78).

O Prof. Afonso Medeiros teve como tema “Formação e qualificação de professores de Artes no Brasil: caminhos e descaminhos”. Ele introduz seu texto dizendo que...

A história da arte/educação brasileira – como toda história – é feita de caminhos sinuosos, muitas vezes estreitos e íngremes. No mais das vezes esses caminhos atravessam florestas densas, francamente inóspitas e cheias de ciladas, e em momentos mais raros passam por planícies onde a caça pode ter seu dia de caçador. Em muitas ocasiões, não se tinha nem mesmo o auxílio luxuoso de uma cartografia que servisse para a orientação dos rumos. O povo da arte/educação brasileira é destituído de pátria, mas felizmente tem uma mátria. Sim, porque o mundo atual da arte/educação brasileira, depois de algumas décadas de patriarcado, é um verdadeiro matriarcado. Neste momento em que uma mulher chega pela primeira vez ao mais alto posto gerencial da nação, é pertinente lembrar que nossa história foi feita com muitas mulheres na linha de frente das batalhas. Direta ou indiretamente e cada uma a seu modo, Fayga Ostrower, Nilse da Silveira,

Noêmia Varela, Ana Mae Barbosa, Laís Aderne, Ivone Richter, Heloísa Ferraz, Maria Fusari, Lucimar Bello, Lúcia Pimentel, Mirian Celeste Martins, Gisa Picosque, Irene Tourinho, Ana Del Tabor, Rejane Coutinho, Lia Braga, Lílian Amaral e tantas outras atravessaram e atravessam os caminhos da arte/educação brasileira com suas inquietações e impenitências, delicadezas e ousadias, muitas vezes seguindo as instruções poéticas de Carlos Drummond de Andrade, Ferreira Gullar e João Cabral de Mello Neto no sentido da percepção privilegiada sobre a importância da pedra na construção de trilhas estéticas. Desse modo, antes de falar de um “patrimônio histórico”, deveríamos falar mais apropriadamente de um “matrimônio histórico” na arte/educação brasileira. (MEDEIROS, 2010, p. 86).

O Prof. Afonso Medeiros desenvolveu seu discurso com os seguintes pontos: “Quase memória do ensino superior brasileiro”, “A graduação em Artes no Brasil”, “A pós-graduação em Artes no Brasil”, “Balanços, tendências e perspectivas” e encerrou seu texto com os “(des) caminhos e as (in) conclusões”.

O segundo Painel, sobre Perspectivas atuais para o ensino das artes nas escolas de educação básica, foi realizado na tarde do segundo dia do CONFAEB e contou com as participações da Professora Maura Penna (UFPB), com o tema “Perspectivas atuais para o ensino da música nas escolas de educação básica”; Prof.^a Christina Rizzi (USP); e Prof.^a Ana Luiza Ruschel (UEPG).

O terceiro dia do XX CONFAEB começou com a mesa 3, intitulada de “Perspectivas Internacionais: O papel do CLEA e da OIE na cena da arte/educação na América Latina”, com as participações da Prof.^a Lúcia Pimentel (UFMG) e do Prof. Fábio Rodrigues (URCA). Sobre o tema, a Prof.^a Lúcia Pimentel falou que...

A Organização dos Estados Ibero-americanos - OEI cumpre um papel de incentivo à Arte/Educação nos países da América Latina, na medida em que fomenta o Programa Arte/Educação, Cultura e Cidadania, em acordo com os ministérios de Educação e de Cultura dos diversos países-membros. As ações do Programa ganham contorno diferenciado em cada país, dependendo da mobilização dos arte/educadores e de sua relação com os ministérios. (PIMENTEL, 2010, p. 16).

A mesa 4 foi sobre “Formação de Professores de arte/EAD: tessituras em rede”, que era para ter representantes das quatro linguagens artísticas que constam nos PCNs: artes visuais, dança, música e teatro. Porém, apenas representantes das artes visuais e do teatro mandaram propostas para a mesa, que foram aceitas e apresentadas durante o congresso. Logo em seguida

aconteceu a palestra da Prof.^a Ana Mae Barbosa, sobre “Artes e Culturas Visuais”. Ana Mae começou com o lançamento do livro “Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais”, com a organização de Ana Mae Barbosa e Fernanda Pereira Cunha. Ela chamou os co-autores presentes para apresentar seus capítulos para a platéia. Os autores dos artigos, que estavam presentes foram: Fernando Azevedo, Fábio Rodrigues, Vitória Amaral, Everson Melquíades, Lucia Pimentel, Leda Guimarães e Fernanda Cunha. Na palestra sobre “Artes e Culturas Visuais”, a Prof.^a Ana Mae Barbosa falou da pesquisa que ela está fazendo nos últimos cinco anos sobre o ensino do Design e disse que “com ajuda da Cultura Visual é possível voltar à luta pela inclusão do ‘Design Thinking’ e da Moda na formação de professores de Arte e de alunos do fundamental ao ensino médio” (BARBOSA, 2010, p. 39). Ela falou dos intelectuais que a introduziram ao Design e fez reflexões sobre Culturas Visuais.

Após a palestra da Prof.^a Ana Mae Barbosa, ocorreu o Painel dos Representantes das Associações Estaduais e Regionais membros da FAEB. A coordenação foi da Presidente da FAEB, Jacqueline Mac-Dowell, e logo após houve a Assembleia da FAEB, com a eleição da nova diretoria, composta da seguinte maneira: Presidente – Arão Paranaguá de Santana (AMAE); Vice-Presidente – Leda Maria de Barros Guimarães (Goiás); Diretor Financeiro: Maria das Vitórias Negreiros do Amaral (ANARTE/PE); Ana Del Tabor Vasconcelos Magalhães (AAEPA); José Afonso Medeiros Souza (AAEPA); Rejane Galvão Coutinho (AESP). As únicas funções que permaneceram com o mesmo nome das diretorias anteriores foram Presidente e Vice-Presidente. Os termos das outras funções são diferentes, a partir da diretoria em exercício no biênio 2011-2012.

A Programação Cultural constou das seguintes apresentações: Quarteto Feminino Ciranda da Arte; Espetáculo das Escolas Estaduais de Tempo Integral em Goiás – Localidades; Apresentação do Coro Cênico alunos CEPAE; Espetáculo Corderama, com a trupe dos Cirandeiros Ciranda de Fogo (percussão e metais).

Nas comunicações, os temas foram variados. Não havia uma obrigatoriedade de seguir o tema geral: “Indivíduos, Coletivos, Comunidades e

Redes”. Quando perguntei à organizadora geral do evento, Leda Guimarães, se o tema geral foi debatido satisfatoriamente, ela respondeu que...

O tema central teve mais um caráter aglutinador da energia daquele momento, e nesse sentido, acredito que o clima que se estabeleceu no evento teve tudo a ver com o tema. Mas, não “debater”, esse não foi mesmo o propósito. Os debates foram diversificados: metodologia, currículo, linguagens específicas, educação não formal, mediação cultural, educação especial, cultura popular, novas tecnologias e educação à distância, dentre outros.

Portanto, o tema geral do XX CONFAEB estabeleceu uma atmosfera de confraternização, de grupo, de pertencimento, debatendo assim vários temas.

4.9. Considerações sobre as concepções que embasaram as discussões nos CONFAEBs

Terminando, assim, a exposição e análise dos anais dos CONFAEBs de 2001, 2003, 2004, 2006, 2007, 2008, 2009 e 2010, é necessário fazer considerações sobre as concepções que embasaram as discussões nesses congressos. Primeiramente, quero esclarecer que escolhi discorrer detalhadamente sobre a programação de cada CONFAEB, com a finalidade de demonstrar que as concepções se fazem presentes desde a organização geral do evento, no posicionamento da equipe, até, finalmente, as palestras oferecidas pelos convidados. Porém, como o objetivo desse capítulo é descobrir quais teorias embasaram as discussões nos CONFAEBs realizados nos anos acima citados, passo agora a destacar algumas concepções que mais se destacaram nas discussões desses oito CONFAEBs, aqui apresentados.

A primeira concepção que quero destacar é a concepção de **História do Ensino das Artes ou História da Arte/Educação no Brasil**, que foi bastante discutido no XIII CONFAEB, em Campinas, no ano de 2001, além de alimentar as discussões do XV CONFAEB, no Rio de Janeiro, em 2004 e estar presente nas reflexões dos outros seis CONFAEBs, através de palestras, painéis e comunicações. Uma das maiores expoentes da História do Ensino da Arte é a Prof.^a Ana Mae Barbosa, que já escreveu vários livros e proferiu várias palestras sobre o assunto. Ela defende o estudo da História do Ensino da Arte,

afirmando que sem história o sujeito perde sua identidade (BARBOSA, 2010). No XXI CONFAEB realizado em São Luís do Maranhão, em 2011, Prof.^a Ana Mae Barbosa participou de uma mesa, juntamente com o Prof. Afonso Medeiros (UFPA) e a Professora Lucimar Belo (Professora aposentada da UFU), sobre História do Ensino da Arte no Brasil. E por sugestão desses professores, esse tema será um tema fixo de um dos Grupos de Trabalhos nos próximos CONFAEBs, sugestão que foi transformada em proposta e aceita pelos membros da FAEB, em assembleia ordinária em São Luís.

Outra concepção que é bastante persistente nos CONFAEBs é o **multiculturalismo**, pelo fato de os congressos sempre abordarem a diversidade, a educação para pessoas com necessidades especiais, para o fato de que é importante a realização dos CONFAEBs em lugares diferentes do país a cada ano e considerar a diversidade cultural que existe no Brasil. De acordo com a Prof.^a Ivone Mendes Richter, o termo multiculturalismo “tem sido utilizado como sinônimo de ‘pluralidade ou diversidade cultural’, indicando as múltiplas culturas hoje presentes nas sociedades complexas” (RICHTER, 2005, p. 19). Richter (1999, p. 4) ainda afirma em artigo que “A educação multicultural é muitas vezes pensada apenas no sentido étnico, no entanto ela deve englobar também outras subculturas presentes no universo social, referentes a classe, gênero, religião, idade, etc...” Nas programações dos oito CONFAEBs apresentadas neste capítulo, pode-se perceber a presença de vários grupos e de vários temas sendo vislumbrados, mostrando, assim, a abordagem do multiculturalismo e interculturalismo como vivência natural nos Congressos da FAEB.

A terceira concepção que quero destacar é o **ensino/aprendizagem**, que foi enfatizado no tema geral do XIV CONFAEB, com o tema “Arte e Educação: Culturas do Ensinar e Culturas do Aprender”. O interessante foi que todos os temas das mesas e das comunicações tinham relação com o ensino/aprendizagem. A organização desse CONFAEB teve o cuidado de convidar professores e palestrantes das diversas linguagens artísticas, tais como artes visuais, dança, literatura, música e teatro.

O ensino/aprendizagem em arte/educação teve várias relações com: o multiculturalismo, sentido e percepção, educação para pessoas com necessidades especiais, conhecimento e experiência.

Como o tema do XIII CONFAEB se referiu às Culturas do Ensinar e Culturas do Aprender, ele trouxe para a reflexão dos participantes o termo “cultura” e consequentemente os “**Estudos Culturais**”, que é a quarta concepção que destaco. Na Conferência de Abertura do XIII CONFAEB, que foi realizado em Goiânia, GO, em 2003, a Prof.^a Marisa Vorraber Costa falou sobre “Culturas do Ensinar e Culturas do Aprender - Quando o desencontro, a incerteza, o imprevisível são bons para pensar”. Ela disse que iria se “movimentar naquele terreno que lhe é mais familiar - o dos Estudos Culturais (EC)” (COSTA, 2003, p. 20). A Prof.^a Marisa Vorraber Costa continua afirmando que à luz dos EC “a cultura não pode mais ser concebida como acumulação de saberes ou processo estético intelectual e espiritual” (COSTA, 2003, p. 22). Ela complementa dizendo que “para Hall (1997b), a cultura é agora um dos elementos mais dinâmicos – e mais imprevisíveis – da mudança histórica do novo milênio” (COSTA, 2003, p. 22). Os EC foram bastante debatidos em comunicações, mesas de outros CONFAEBs do período de 2001 a 2010. No XX CONFAEB, a Professora Ana Mae Barbosa enfatizou a relação intrínseca que os Estudos Culturais têm com a História do Ensino da Arte no Brasil.

Uma área de estudos sem História é facilmente dominada e manipulada. Todo discurso científico... Acredito que consciência histórica é muito importante no ensino das Artes e Culturas Visuais. Os alunos de Cultura Visual hoje merecem conhecer o trabalho da arte/educadora Mariazinha Fusari, que analisou criticamente os desenhos animados do Pica-pau em sua tese de doutorado. Juntas organizamos muitas oficinas de leitura de imagens de televisão em vários eventos e cursos de atualização de professores. Os trabalhos de Analice Dutra Pilar, Maria Helena Rossi, Sandra Ramalho, Nilza de Oliveira, Dulcília Buitoni, estão entre os melhores. Elas começaram antes do boom da Cultura Visual em todo o mundo. Os alunos de Cultura Visual também deveriam conhecer o trabalho inteiramente experimental que se fazia na Escolinha de Arte de São Paulo (1968 a 1971), orientado por Paulo Freire a distancia no qual se examinava a moda, o design de objetos, o design gráfico em ambiente interdisciplinar incluindo música, dança e teatro sempre tendo em vista a crítica social. (BARBOSA, 2010, p. 46).

A quinta concepção que destaco nesse momento é aquela que está relacionada com a luta política, um dos pilares da FAEB desde a sua fundação:

são as **Políticas Públicas**, que foram a base das discussões do XV CONFAEB, com o tema geral “Trajetória e Políticas para o Ensino das Artes no Brasil”. O coordenador geral desse Congresso e Presidente da FAEB naquele ano (2004), José Mauro Barbosa Ribeiro, apresentou o XV CONFAEB nos Anais, dizendo que...

A pauta do debate situa-se entre dois olhares passado e presente não como tempos estanques, mas como a trama histórica que sustenta o entendimento do contexto contemporâneo, em suas múltiplas dimensões, fundamentando, por conseguinte, a ação educativa e a formulação de políticas públicas para o ensino. (RIBEIRO, 2004, p.17).

Na entrevista que fiz com o Prof. José Mauro Barbosa Ribeiro, quando lhe perguntei que se, na opinião dele, a política é uma das concepções que deve ser abordada por minha dissertação, ele respondeu que...

Não tenha dúvida. A política, ela é um carro forte pra você puxar. A política que faz com que permeie todas essas coisas. Porque é essa mediação política que possibilita a arte. Nós temos muitos obstáculos, se não tiver essa paixão que nós temos que não é encontrado nos outros, você entendeu? A gente não tinha ultrapassado, não tinha acontecido o Rio de Janeiro.

Portanto, pelo tema geral e por todas as discussões expostas aqui na programação do XV CONFAEB, pode-se constatar que Políticas Públicas é uma concepção base das discussões que ocorreram no Congresso do Rio de Janeiro em 2004, como nos outros, através de comunicações e mesas redondas.

A sexta e última concepção que quero destacar como base nas discussões conceituais dos CONFAEBs de 2001 a 2010 é **Arte/Educação Contemporânea**. O tema geral do XVIII CONFAEB foi “Arte/Educação Contemporânea: narrativas do ensinar e aprender artes” e o tema geral do XIX CONFAEB foi “Concepções Contemporâneas”, debatendo temas como novas tecnologias, Estudos Culturais, Artes como disciplina, a imagem no ensino das artes e dentre outras que estão expostas nos programas dos CONFAEBs, sem falar que a própria estrutura dos Congressos da FAEB aponta para concepções contemporâneas, com equipe organizadora diversificada, palestrantes de várias partes do Brasil e do mundo, uso de tecnologia contemporânea e discussões contemporâneas, com a finalidade de responder a anseios de

professores e arte/educadores, que estão construindo condições para uma melhor qualidade do Ensino de Arte no Brasil.

Finalmente, concluo aqui este capítulo, não encerrando ou “cerrando” a discussão das concepções que serviram de base para as reflexões conceituais realizadas nos CONFAEBs que ocorreram nos anos de 2001 a 2010. O meu desejo é que as exposições das programações sejam vistas pelo leitor deste capítulo como as concepções permeiem toda a estrutura de cada CONFAEB.

O elenco das seis concepções que fiz no final desse capítulo foi para dar um fechamento ao mesmo. Porém, cada leitor poderá elencar suas concepções, a partir da programação de cada CONFAEB, exposta neste espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo exposto sobre o tema “CONFAEB: concepções em processo (2001 a 2010)” em quatro capítulos, e respondendo à pergunta “quais concepções nortearam as discussões conceituais nos CONFAEBs realizados no período entre 2001 a 2010?”, pretendo, agora, trazer algumas considerações para finalizar esta pesquisa, que não encerra a discussão sobre a história da FAEB e dos CONFAEBs: é mais uma contribuição para reflexões sobre este movimento que precisa ser mais explorado pelos pesquisadores da área de arte/educação.

A partir das denominações da arte na educação expostas na primeira seção do primeiro capítulo desta dissertação, compreendi que os nomes trazem, em suas terminologias, significados que apontam para contextos específicos, delineando, assim, as características da arte na educação em determinada época, fazendo com que os pesquisadores e profissionais da área de arte/educação conheçam o passado para melhor compreender o presente da arte na educação, a fim de que possam exercer melhor a sua profissão. É por este motivo que são tão importantes pesquisas como a do Prof. Erinaldo Alves Nascimento (2005), que nos oferece informações sobre as denominações da arte na educação em diferentes períodos da história do ensino da arte.

Na segunda seção do primeiro capítulo, discorri sobre concepções que embasam as discussões da arte na educação. Ao pesquisar sobre essas concepções, percebi o quão importante é que o profissional da área de arte/educação se aprofunde nas discussões conceituais da área, a fim de ter recursos para melhorar suas possibilidades profissionais, ajudando, assim, na melhoria da qualidade do ensino de artes no Brasil. É interessante ver que profissionais de arte/educação se reúnem nos CONFAEBs todos os anos, com o objetivo de aprofundar questões conceituais relativas à área, e – apesar de não ter sido objetivo desta dissertação – percebe-se que esses profissionais utilizam esses momentos como formação continuada, pois as discussões são de boa qualidade, tendo a presença de palestrantes nacionais e internacionais

reconhecidos como pesquisadores, que vêm contribuindo enormemente para a melhoria da qualidade das pesquisas em arte/educação. Como diz a Prof.^a Ivone Mendes Richter:

A discussão conceitual nunca foi descuidada, os congressos anuais (CONFAEBs), a cada ano em outra região do país, mantiveram o debate e a divulgação das pesquisas e das publicações, além de estabelecerem o intercâmbio entre os Estados e o reencontro forte e amigo dos arte/educadores (RICHTER, In BARBOSA, 2008, p. 327).

Mesmo considerando a boa qualidade das discussões teóricas nos CONFAEBs, sempre é necessário rever as condições em que estas reflexões são realizadas, a fim de melhorar esta qualidade. E a FAEB necessita de melhores estruturas para organizar um evento do porte do CONFAEB, que, apesar de ter organizado mais de vinte congressos, sempre sofre com problemas de falta de estrutura e recursos financeiros escassos para realizar CONFAEBs autossustentáveis.

A trajetória da FAEB e o breve relato dos CONFAEBs desde 1988 são explorados no segundo capítulo desta Dissertação como uma exposição da história recente do ensino de arte no Brasil. A FAEB foi organizada para reunir quatorze associações estaduais e núcleos ligados à ANARTE, que foi criada em nível regional. O CONFAEB existe para reunir a FAEB em assembleias ordinárias anualmente. Há uma discussão sobre a realização de os congressos serem realizados bienalmente, a fim de melhorar a qualidade dos CONFAEBs. A Prof.^a Ivone Mendes Richter (2008), é contrária a essa ideia, pelo fato de pensar que a finalidade do CONFAEB é reunir os membros anualmente para lutar politicamente pela melhoria da qualidade do ensino da arte e discutir conceitualmente sobre tópicos da área de arte/educação. Para ela é mais importante a reunião dos membros do que uma estrutura de evento impecável. Durante as discussões nas assembleias anuais, todas as vezes que um membro sugere mudar os CONFAEBs de anuais para bienais, a ideia de que dois anos é um espaço grande para se reunir como FAEB perde para a realização do CONFAEB anualmente. Apesar de haver problemas na estrutura dos CONFAEBs, o objetivo maior do congresso, que é a luta política e a discussão teórica, se mantém alcançado.

Outro ponto que foi identificado, a fim de ser melhorado, é a respeito da qualidade dos trabalhos científicos enviados. O organizador (B) respondendo sobre as comunicações, falou que há uma “disparidade entre trabalhos apresentados, alguns bem fracos, ainda iniciantes, enquanto outros já traziam discussões mais amadurecidas, bem fundamentadas” (B). Após este CONFAEB que ocorreu em 2010, já houve mudanças no congresso de 2011, onde o organizador, o Prof. Arão Paranaguá, que também é o atual presidente da FAEB, juntamente com os outros membros da diretoria, criou uma forma de melhorar o conceito científico do CONFAEB, pedindo para que os membros doutores formassem mesas temáticas e enviassem trabalhos, a fim de que o conceito, junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal – CAPES, suba de nível. Porém, a organização do XXI CONFAEB não deixou de incentivar os professores do ensino básico, que não possuem pós-graduação, a enviarem seus trabalhos. O grande diferencial entre os demais eventos científicos em arte e em educação e o CONFAEB é o fato de ele aceitar trabalhos científicos de profissionais do ensino básico.

No terceiro capítulo, apresento as respostas dos sujeitos da pesquisa, a fim de listar as concepções que nortearam as discussões teóricas nos CONFAEBs realizados no período de 2001 a 2010. Dentre os oito organizadores dos congressos destes anos, sete responderam o roteiro de perguntas. Respostas que serviram de fonte para a análise das concepções. A pesquisa demonstrou que há concepções bastante revisitadas nos CONFAEBs desse período. O multiculturalismo e o interculturalismo são concepções que estão sempre presentes nas discussões teóricas dos CONFAEBs. Os objetivos que os organizadores almejaram alcançar dentro dessas concepções foram: receber participantes oriundos de vários locais do país, trocar experiências entre esses participantes, discutir temas multiculturais e interculturais, debater sobre arte/educação e necessidades especiais como tema central. Outra concepção que esteve bem presente nesses CONFAEBs é a da Cultura Visual ou Estudos Culturais, que oportuniza aos estudantes interpretar imagens, não apenas as pertencentes às “Belas Artes”, mas principalmente as imagens mais próximas ao seu cotidiano, como de publicidade, feiras livres, cinema, TV, história em quadrinhos, entre outras. A crítica que faço a esse sistema é o fato

de que muitas vezes o professor trabalha com imagens do cotidiano, desprezando as imagens de artistas já consagrados pela crítica oficial. Corroboro com Barbosa (2007), quando ela diz que o estudante tem direito de estudar as mais variadas possibilidades de expressões em Artes Visuais e nas outras linguagens. Portanto, se o professor trabalha apenas com as imagens do cotidiano do estudante, ele estará recorrendo ao mesmo erro que os professores que só incluem em suas aulas imagens das chamadas “Belas Artes”.

Identifiquei outras concepções a partir das respostas dos organizadores dos CONFAEBs, tais como: história do ensino da arte e políticas públicas. Porém, tomei como concepções, porque elas nortearam as discussões teóricas durante os CONFAEBs. Houve uma concepção que foi bem presente nas discussões do XX CONFAEB, de tema “Indivíduos, Coletivos, Comunidades, Redes”, que foi a arte em rede. A própria organizadora, deste congresso, Guimarães (2010), disse que o tema era para criar uma atmosfera de confraternização, de grupo, de interação. Realmente o XX CONFAEB teve uma atmosfera de pertencimento, de pessoas que estão ligadas a redes e a uma mesma rede como a arte/educação, a FAEB, o CONFAEB. E como citei no texto (terceiro capítulo) uma fala da Prof.^a Ana Mae Barbosa, no XVII CONFAEB, que aconteceu em Florianópolis-SC, em 2007:

Em um lugar onde Arte significa somente o código alto introduzi a cultura visual do povo e agora no lugar onde impera a cultura visual do povo introduzi a cultura erudita, e até podemos dizer o código que hoje substituiu as vanguardas modernistas do ponto de vista da contemporaneidade. A vanguarda de hoje é a Arte na rede (BARBOSA, 2007, p. 5).

A professora falou sobre Arte na rede, no sentido da produção, porém eu direciono também para a área de arte/educação, que acontece em rede (s).

As concepções que nortearam as discussões nos CONFAEBs de 2001 a 2010, segundo seus anais, são relacionadas no quarto capítulo. Primeiramente quero registrar o fato da dificuldade que é conseguir alguns documentos do CONFAEB e FAEB, a fim de realizar pesquisas como esta. A diretoria da FAEB precisa urgentemente resolver problemas de documentação para futuras pesquisas, pois o trabalho de uma entidade que luta pela melhoria da

qualidade da arte/educação no Brasil não pode desaparecer em termos de registros. Mesmo com certas dificuldades com os documentos dos CONFAEBs para análise nesta pesquisa, recebi a ajuda do presidente da FAEB, Prof. Arão Paranaguá, que me disponibilizou cópias de documentos do XIII CONFAEB, e dos organizadores dos congressos realizados entre 2001 e 2010 que também enviaram cópias de programações e informações. Foi a partir dessas informações e dos anais que já existiam que pude realizar a pesquisa.

Quanto às concepções que nortearam as discussões teóricas no CONFAEBs de 2001 a 2012, segundo seus anais, relacionei seis mais presentes: história do ensino das artes ou história da arte/educação; multiculturalismo e interculturalismo; estudos culturais ou cultura visual; políticas públicas; arte/educação contemporânea ou ensino de arte contemporânea.

Reconheço que os organizadores têm mobilizado esforços para realizar CONFAEBs com grau de excelência, porém esses esforços não têm sido suficientes para garantir esta qualidade. É imprescindível que haja um planejamento dos CONFAEBs com mais antecedência, como foi o caso do XIX CONFAEB, realizado em Belo Horizonte-MG, que por ter sido realizado conjuntamente com o congresso do CLEA, foi planejado em dois anos, permitindo que a coordenadora do evento tivesse mais tempo para concorrer a financiamentos anunciados em editais de empresas de fomento para realização de eventos científicos. Reconheço também que o objetivo maior dos CONFAEBs é a reunião dos seus membros para lutar politicamente pela melhor qualidade do ensino das artes e discussão teórica sobre tópicos da área de arte/educação. No entanto, para ter mais confiabilidade, o CONFAEB precisa ter um melhor índice na CAPES, a fim de conseguir alcançar seus objetivos.

Diante de todas as considerações expostas nesta dissertação, sou consciente de que esta pesquisa é apenas uma contribuição para um campo que tem que ser muito explorado ainda. Como disse o Prof. Erinaldo Alves do Nascimento, em sala de aula, a pesquisa realizada no mestrado é apenas uma visão abordada dentre tantas outras que compõem uma gama de pesquisas referentes a uma área como a arte/educação. Concluo este texto sugerindo

que outros pesquisadores enfrentem o desafio das sugestões feitas pela Prof.^a Ivone Mendes Richter de futuras pesquisas sobre FAEB e CONFAEB:

Pesquisar sobre o histórico da formação das associações e núcleos estaduais e municipais, principais tendências político-educacionais e personalidades que deram vida a essas associações. Buscar outras perspectivas sobre o histórico da FAEB, lançando novos e esclarecedores olhares sobre a trajetória. Relatar outras experiências e novas perspectivas sobre os congressos da FAEB, diferentes das abordadas neste artigo, complementando-as ou apresentando outras “histórias” de nossa história como arte/educadores. Estudar as temáticas dos congressos, procurando compreender a evolução do pensamento dos arte/educadores brasileiros ao longo de vinte anos de lutas e de reflexão teórica (RICHTER, 2008, p. 333-334).

Na lista de sugestões proferida pela Prof.^a Ivone Mendes Richter quero acrescentar mais uma sugestão de pesquisa. Trata-se da análise das visualidades existentes nos cartazes produzidos para divulgar os CONFAEBs realizados durante sua trajetória. A FAEB e o CONFAEB são temas vastos que propõem várias sugestões para pesquisa. Não é apenas em uma pesquisa como esta que se esgotarão as discussões.

REFERÊNCIAS

ADERNE, Laís. XV Congresso da Federação de Arte-Educadores do Brasil. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 15, 2004, Brasília. **Anais do XV CONFAEB**. Brasília: SECAD, 2009.

AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves. Arte e inclusão: construindo uma pedagogia crítica. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 14, 2003, Goiânia. **Anais do XIV Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil**. Goiânia: FAV/UFG, FAEB, 2003.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **A Imagem no Ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. Arte/Educação: A Experiência de Ontem e o Presente. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 14, 2003, Goiânia. **Anais do XIV Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil**. Goiânia: FAV/UFG, FAEB, 2003.

_____. Arte-Educação Contemporânea ou Culturalista. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 15, 2004, Brasília. **Anais do XV CONFAEB**. Brasília: SECAD, 2009.

_____. **Arte-Educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

_____. Artes e Culturas Visuais. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 20, 2010, Goiânia. **Anais do XX CONFEB**. Goiânia: FAV/UFG, 2010.

_____. **Ensino de Arte: memória e história**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

_____. FAEB 20 anos de interculturalismo. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 17, 2007, Florianópolis. **Anais do XVII CONFAEB**. Florianópolis: UDESC, 2007. Disponível em: <<http://aaesc.udesc.br/confaeb/main.php>>. Acessado em: 2012.

_____. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/ ARTE, 2007.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (Orgs.). **Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

BOTELLI, Mabel Elmice, Dança-Educação: uma contribuição da expressão corporal-dança. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 15, 2004, Brasília. **Anais do XV CONFAEB**. Brasília: SECAD, 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/l5692_71.htm>. Acessado em: 3 Mar. 2012.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Pesquisa em 16/04/2012>. Acessado em: 16 Abr. 2012.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC /SEF, 1998.

BRUM, Míriam. Bem-Vindos Arte-Educadores! In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 15, 2004, Brasília. **Anais do XV CONFAEB**. Brasília: SECAD, 2009.

BRUM, Míriam. O Ministério da Cultura e FUNARTE. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 15, 2004, Brasília. **Anais do XV CONFAEB**. Brasília: SECAD, 2009.

BUENO, Roberta Puccetti P. Arte e Diversidade. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 14, 2003, Goiânia. **Anais do XIV Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil**. Goiânia: FAV/UFG, FAEB, 2003.

BUENO, Roberta Puccetti P. Arte na Diversidade, da função à inclusão. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 15, 2004, Brasília. **Anais do XV CONFAEB**. Brasília: SECAD, 2009.

CARLOS, Jairo Gonçalves. **Interdisciplinaridade no Ensino Médio: desafios e potencialidades**. In: Repositório Institucional. Brasília: UnB, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10482/2961>>. Acesso em 24 Mar. 2012.

CAVALCANTE, Francisco Potiguara Júnior. Políticas Públicas e o Ensino da Arte. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 15, 2004, Brasília. **Anais do XV CONFAEB**. Brasília: SECAD, 2009.

CHANDA, Jacqueline. Educação Artística a Serviço da Comunidade: perspectiva histórica dos africanos e da diáspora. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 15, 2004, Brasília. **Anais do XV CONFAEB**. Brasília: SECAD, 2009.

CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 13, 2001, Campinas. **Caderno de Comunicações do XIII CONFAEB**. Campinas: PUC, 2001

_____, 14, 2003, Goiânia. **Anais do XIV Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil**. Goiânia: FAV/UFG, FAEB, 2003.

_____, 15, 2004, Brasília. **Anais do XV CONFAEB**. Brasília: SECAD, 2009.

_____, 16, 2006, Ouro Preto. **Programação do XVI CONFAEB**. Ouro Preto-MG: Associação Mineira de Arte/Educadores, 2006.

_____, 17, 2007, Florianópolis. **Anais do XVII CONFAEB**. Florianópolis: UDESC, 2007. Disponível em: <<http://aaesc.udesc.br/confaeb/main.php>>. Acessado em: 2012.

_____, 18, 2003, Crato. **Livro de Resumos do 18º CONFAEB**. Crato: URCA, 2008.

_____, 18, 2003, Crato. **Anais do 18º CONFAEB**. Crato: URCA, 2008. 1 CD-ROM.

_____, 19, 2009, Belo Horizonte. **Anais do XIX CONFEB**. Belo Horizonte: UFMG, 2009. 1 CD-ROM.

_____, 20, 2010, Goiânia. **Anais do XX CONFEB**. Goiânia: FAV/UFG, 2010.

COSTA, Marisa Vorraber. Culturas do Ensinar e Culturas do Aprender – Quando o Desencontro, a Incerteza, o Imprevisível São Bons para Pensar. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 14, 2003, Goiânia. **Anais do XIV Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil**. Goiânia: FAV/UFG, FAEB, 2003.

CUNHA, Maria de Fátima Gonçalves da. A Importância da Arte no Currículo do Ensino Fundamental das Escolas do Município do Rio de Janeiro. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 15, 2004, Brasília. **Anais do XV CONFAEB**. Brasília: SECAD, 2009.

CUNHA, Maria Helena. Formação do Profissional de Cultura: Desafios e Perspectivas. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 20, 2010, Goiânia. **Anais do XX CONFEB**. Goiânia: FAV/UFG, 2010.

Dicionário Informal. Disponível em: < <http://www.dicionarioinformal.com.br>>. Acesso em: 23 Mar. 2012.

FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL. **Boletim da FAEB**. Ano 3. Número. OUT, 1990.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de Toledo; FUSARI, Maria Felismina de Rezende e. **Metodologia do Ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. **Ana Mae Barbosa**: fragmentos de um discurso de amor a arte/educação [DVD]. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2010.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29, MAI/JUN, 1995.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais no Início do Século XXI – Antigos e novos atores sociais**. 3ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

GOIÁS. Secretaria de Educação. **Diretrizes Operacionais da Rede Pública Estadual de Ensino de Goiás**. Goiânia: Secretaria de Educação, 2009.

GOMES, Antonio Cláudio. XV Congresso Nacional da Federação de Arte-Educadores do Brasil. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 15, 2004, Brasília. **Anais do XV CONFAEB**. Brasília: SECAD, 2009.

GRASSI, Antonio. Congresso Nacional da Federação dos Arte-Educadores do Brasil. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 15, 2004, Brasília. **Anais do XV CONFAEB**. Brasília: SECAD, 2009.

HENRIQUES, Ricardo. Arte e Educação: cezir fronteiras, enunciar territórios. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 15, 2004, Brasília. **Anais do XV CONFAEB**. Brasília: SECAD, 2009.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houais da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL. **XIII Congresso.** In: Sentidos. Disponível em: <<http://sentidos.uol.com.br/canais/materia.asp?codpag=1258&codtipo=2&subcat=32&canal=mercado>>. Acessado em: 16 Jun. 2012.

KOUDELA, Ingrid. Pedagogia do Teatro e Teatro na Educação. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 15, 2004, Brasília. **Anais do XV CONFAEB.** Brasília: SECAD, 2009.

LEWIN, Myriam. Políticas Públicas para o Ensino de Arte no Brasil. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 15, 2004, Brasília. **Anais do XV CONFAEB.** Brasília: SECAD, 2009.

LIMA, Henrique. Orientações Curriculares em Arte: a experiência do estado de Goiás. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 20, 2010, Goiânia. **Anais do XX CONFEB.** Goiânia: FAV/UFG, 2010.

MARTINS, Míriam Celeste. Entrevistas: o cotidiano e o ensino de arte. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 15, 2004, Brasília. **Anais do XV CONFAEB.** Brasília: SECAD, 2009.

MARTINS, Raimundo. Cultura Visual em Três Cenas Contemporâneas. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 17, 2007, Florianópolis. **Anais do XVII CONFAEB.** Florianópolis: UDESC, 2007. Disponível em: <<http://aaesc.udesc.br/confaeb/main.php>>. Acessado em: 2012.

MEDEIROS, Afonso. Formação e qualificação de professores de Artes no Brasil: caminhos e descaminhos. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 20, 2010, Goiânia. **Anais do XX CONFEB.** Goiânia: FAV/UFG, 2010.

MENDONÇA, Denise. Pertencer e Viver. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 15, 2004, Brasília. **Anais do XV CONFAEB.** Brasília: SECAD, 2009.

NASCIMENTO, Erinaldo Alves do. **Mudanças nos Nomes da Arte na Educação: qual infância? qual ensino? quem é o bom sujeito docente?** 2005. 255 f. Tese (Doutorado em Artes Plásticas) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2005.

NASCIMENTO, Erinaldo Alves do. et al. Narrativas de Vivências em Arte e Cultura das Professoras de Educação Infantil da Escola Básica da UFPB. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 20, 2011, Rio de Janeiro. **Anais da ANPAP de 2011.** Rio de Janeiro: ANPAP, 2011 CD-ROM

NETO, Anselmo Pessoa. Conhecimento, Experiência e Literatura. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 14, 2003, Goiânia. **Anais do XIV Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil**. Goiânia: FAV/UFG, FAEB, 2003.

NEVES, José Luís. Pesquisa Qualitativa – Características, Usos e Possibilidades. In: **Caderno de Pesquisas em Administração**. São Paulo, V.1, Nº 3, 2º SEM./1996.

OLIVEIRA, Marilda de Oliveira; HERNANDEZ, Fernando (Orgs.). **A Formação do Professor e o Ensino das Artes Visuais**. Santa Maria: Editora UFSM, 2005.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. Formação de Professor de Arte: novos caminhos, muitas possibilidades, imensa responsabilidade. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 15, 2004, Brasília. **Anais do XV CONFAEB**. Brasília: SECAD, 2009.

_____. Perspectivas Internacionais: O papel do CLEA e da OIE na cena da arte/educação na América Latina. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 20, 2010, Goiânia. **Anais do XX CONFEB**. Goiânia: FAV/UFG, 2010.

_____. Rede Ibero-Americana de Educação Artística (Arte/Educação). In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 18, 2003, Crato. **Anais do 18º CONFAEB**. Crato: URCA, 2008. 1 CD-ROM.

RIBEIRO, José Mauro Barbosa. Apresentação da Federação de Arte-Educadores do Brasil. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 15, 2004, Brasília. **Anais do XV CONFAEB**. Brasília: SECAD, 2009.

_____. FAEB e CONFAEBs: entrevista. [novembro, 2011]. São Luís. Entrevista concedida a Adriana Carla de Aquino

RICHTER, Ivone Mendes. Histórico da FAEB, uma perspectiva pessoal. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Ensino de Arte: memória e história**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e Estética do Cotidiano no Ensino das Artes Visuais**. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

_____. **Multiculturalidade no Ensino da Arte e Sua Influência na Leitura dos Códigos Estéticos.** Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 1999. In: A Compreensão e o Poder da Arte. Disponível em: <http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/arte/text_4c.htm>. Acessado em: 2012.

_____. Educação Intercultural e Educação para Todos (as): dois conceitos que se complementam. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 15, 2004, Brasília. **Anais do XV CONFAEB.** Brasília: SECAD, 2009.

_____. FAEB e CONFAEBs: entrevista. [outubro, 2010]. Porto Alegre. Entrevista concedida a Adriana Carla de Aquino

_____. FAEB: 20 anos de história. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 17, 2007, Florianópolis. **Anais do XVII CONFAEB.** Florianópolis: UDESC, 2007. Disponível em: <<http://aaesc.udesc.br/confaeb/main.php>>. Acessado em: 2012.

SALA, Victor. Ensino das artes visuais em Moçambique 'Reflexões, sonhos e realidades. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 20, 2010, Goiânia. **Anais do XX CONFEB.** Goiânia: FAV/UFG, 2010.

SANTOS, Albertina Brasil. Educação, Arte, Inclusão. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 14, 2003, Goiânia. **Anais do XIV Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil.** Goiânia: FAV/UFG, FAEB, 2003.

SANTOS, Débora Maria Monteiro dos. **Movimento Associativo em Pernambuco:** breve histórico. Recife: Mímeo, 2008.

SANTOS, Regina Márcia Simão. A Modalidade Música no Composto Arte-Educação-Música-Escola: notas, certezas e indagações em torno da formação de professores. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 15, 2004, Brasília. **Anais do XV CONFAEB.** Brasília: SECAD, 2009.

SEBRAE. **Manual do SEBRAE: Políticas Públicas, Conceitos e Críticas.** Série Políticas Públicas. Belo Horizonte: SEBRAE, 2008.

SILVA, Soraia Maria. Arte Culturas do Ensinar e Culturas do Aprender – Percepção e Sentido. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 14, 2003, Goiânia. **Anais do XIV Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil.** Goiânia: FAV/UFG, FAEB, 2003.

SMITH-SHANK, Deborah. Intersections of Semiotics and Visual Pedagogy. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 17,

2007, Florianópolis. **Anais do XVII CONFAEB**. Florianópolis: UDESC, 2007. Disponível em: <<http://aaesc.udesc.br/confaeb/main.php>>. Acessado em: 2012.

TABOR, Ana Del. O Ensino das Artes na Educação Básica: os descompassos no currículo vigente. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 20, 2010, Goiânia. **Anais do XX CONFEB**. Goiânia: FAV/UFG, 2010.

TEIXEIRA, Elenaldo Celso. **O Papel das Políticas Públicas no Desenvolvimento Local e na Transformação da Realidade**. Salvador: AATR-BA, 2002. In: Scribd. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/54996012/O-Papel-das-Políticas-Publicas-na-Transformacao-da-Realidade>>. Acessado em: 2012.

TOURINHO, Irene (Org.). In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 14, 2003, Goiânia. **Anais do XIV Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil**. Goiânia: FAV/UFG, FAEB, 2003.

TOURINHO, Irene. Aspectos e Fragmentos de Narrativas Sobre o Visual na Prática Educativa. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 17, 2007, Florianópolis. **Anais do XVII CONFAEB**. Florianópolis: UDESC, 2007. Disponível em: <<http://aaesc.udesc.br/confaeb/main.php>>. Acessado em: 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. **Publicação Semestral da Faculdade de Artes Visual/UFG**. Edição Especial XIV CONFAEB. Ano II, Nº 2, Abril 2003.

VATER, Regina. Comigo Ninguém Pode. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 20, 2010, Goiânia. **Anais do XX CONFEB**. Goiânia: FAV/UFG, 2010.

XAVIER, Carlos Alberto Ribeiro de. Educação Física e Cultural na Escola Pública. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 15, 2004, Brasília. **Anais do XV CONFAEB**. Brasília: SECAD, 2009.

APÊNDICE A - Roteiro de Perguntas Sobre CONFAEBs Entre 2001 E 2010

Nome:

Profissão/Função:

Local de trabalho:

- 1) Qual foi o CONFAEB que você organizou?
- 2) Que pontos você considerou para organizar o CONFAEB?
- 3) Você organizou só ou teve uma equipe atuante? Cite os nomes dos componentes da equipe e sua procedência.
- 4) Qual foi o tema do CONFAEB que você organizou e qual o conceito (s) que serviu como fio condutor do congresso?
- 5) Como se deu a relação entre a concepção central do congresso e as comunicações e relatos de experiências? Você pode fornecer a programação do congresso?
- 6) O que foi considerado quando você e equipe escolheram os palestrantes para as mesas principais do congresso?
- 7) Em sua opinião, o congresso, com seus participantes, conseguiu debater sobre o tema central satisfatoriamente?
- 8) Quais os desdobramentos das discussões no congresso?
- 9) Como foi feita a avaliação dos participantes? Houve entrega de ficha aos mesmos? A organização avaliou e/ou tabulou essas fichas (avaliações)? É possível ter acesso às avaliações?
- 10) Quais os pontos positivos e negativos do congresso, principalmente sobre as discussões conceituais?
- 11) Qual a visão que você tem em relação à arte/educação, sobretudo na educação formal básica?
- 12) Existe algum ponto que não foi perguntado que você gostaria de falar? Qual?